

REVISTA DA SEMANA



BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

6-70-45
Nº 40

CR\$
1,50
EM TODO
O BRASIL



Antônio
- Rio -

EDUARDO GOMES
Candidato à Presidência da República pela "União Democrática Nacional"

NOSSOS IRMÃOS, OS CÃES

NESTE mês, que se comemora, na data de S. Francisco de Assis — 4 de outubro — o Dia Internacional dos Animais, falemos de nossos irmãos os cães.

Se a vida dos cães nem sempre foi o que eles merecem por suas virtudes, podemos dizer hoje que a vida do cão é cada vez menos o que se convencionou chamar uma **vida de cachorro**. E isso, não apenas nos Estados Unidos, país onde em ordem de importância primeiro não são as senhoras — não vê! — mas as crianças, depois a mulher, em terceiro lugar o cão e por último — só por último — o homem! Nem só na Inglaterra, que é por excelência a pátria dos cães, de onde se originaram a maioria das melhores raças caninas. Mesmo em países pouco amigos de cães, como no nosso, eles já sofrem menos e, embora não sejam ainda considerados "the best friends", são já melhor compreendidos, menos escorraçados. E chegam a ter já muitos cultores, quem aprecie tôdas as variedades de **hounds**, **dogs** e **terriers**, além do dinamarquês, do borzoi, do pomerânia, do dachshund e tantos outros.

Aliás, como parece estar acontecendo em tôda parte, entre nós o cão vai passando cada vez mais do afeto das mulheres para o convívio masculino. O culto do cão que distinguia em particular o cão-de-colo, como aquele "Flush" que Elizabeth Barrett amou e foi seu companheiro inseparável, vai se estendendo aos cães que andam a pé, do fradilheiro ao "sporting".

Isto não quer dizer, porém, que as damas só cultivem os "toys", os "terriers", os bizarros "poodles" franceses e seus congêneres, que os cavalheiros, a seu turno, se reservem à companhia exclusiva dos cães esportivos e de grande porte, os "arlequins" da Dinamarca, os elegantes "Wolfhounds" russos ou os lindos "Collies" que Lassie, "estrêla" canina de cinema, fazendo na tela a comovente história de Eric Knight, tornou tão populares. Não há nessa exclusividade.

Muitos cavalheiros preferem os cães de menor porte, "terriers", como o "wire-haired" que aparece com William Powell na série do detective Nick Charles, como o "Yorkshire" que é um dos principais personagens num novo filme de Mitchell Leisen, com Fred Mc Murray, como o pequenino com que Guido de Verona se fotografava, como o pequeno "Rommel" que acompanhou o general Montgomery na África e na Normândia, e como, finalmente, o célebre "Scotch", Fala, que a estima do grande Roosevelt popularizou no mundo inteiro.

Da mesma forma, as damas costumam eleger seus "best friends" entre os cães de grande porte e sabem admirar a beleza dos "collies" pastoreando ovelhas, e dos "fox-hounds" na pista das raposas.

Podemos citar aqui, entre os cães mais famosos do "who's who" canino mencionados por Chase Herendeen, o "setter" Mario, da senhora St.-George Duke, Olaus de Warrendane, o dinamarquês da senhora Thomas Van Urk, e Shanty, o "Afghan" de propriedade de miss Minerva Wright.

Ainda na última exposição do nosso Kennel Club, a maioria talvez dos exemplares de grande porte e muitos dos mais belos espécimes "Sporting" foram apresentados por senhoras. Estamos nos lembrando agora de algumas "estrêlas" do certame: Kyra, Tasso, Nelly e Valent, belos e grandes animais conduzidos por gentis e pequeninas mãos de mulher.

Aliás essas brilhantes exposições do Kennel, cada vez mais concorridas e interessantes, a existência aqui de alguns canis já famosos, a propaganda e a operosidade da Sociedade U. I. Protetora dos Animais e o culto cada vez mais generalizado do cão, em tôdas as classes sociais, cães de luxo, de raça, mestiços e simples "vira-latas", apesar da falta de casas e apesar dos regulamentos dos edifícios de apartamentos, apesar da carne racionada e do câmbio negro nos açougues, apesar da "carrocinha" e da má vontade da Prefeitura — mostram que embora muito longe ainda do ideal franciscano e daquela lição sobre "Nossos irmãos os cães", que já há tantos anos nos deu o grande e malgrado Roberto Gomes, estamos compreendendo melhor e melhor estimando o cão, esse animal de que Byron, compondo o epitáfio de seu fiel "Boatswain", disse possuir "beleza sem vaidade, força sem insolência, coragem sem ferocidade" e que, ainda agora, tomou parte na guerra, com o exército norte-americano, num total de dez mil, merecendo esta referência oficial:

"Os cães do Exército dos Estados Unidos salvaram as vidas de centenas de soldados e auxiliaram a capturar centenas de inimigos. Não se verificou um só exemplo de patrulhas terem sido vítimas de emboscadas ou atacadas de surpresa, quando conduzidas por um cão."

Edmundo Lys

6-10-1945
ANO XLVI- N.º 40

NESTE NUMERO

REPORTAGENS

As tristes crianças de Nápoles	4/6
Bomba atômica no "Petit Trianon" (Cellus Aulicus)	9/14
Gráficas de São Paulo	32
Figuras e Fatos	35
Jockey Club Mundano	56

LITERATURA

Nossos irmãos os cães (Edmundo Lys)	3
Onde está Helena? (Nancy Hale)	19
Cliente desconhecido (Edgard Wallace)	22
Souvent Homme Varie (Escragnolle Doria)	26
Asclepiades, o julgador de contos (Homero Lobo)	30/31
Livros Novos (J. L.)	36/37
Os Concursos Literários da REVISTA DA SEMANA	7

SECÇÕES

Esporte (Levy Kleiman)	20
Música (Roberto Lyra Filho)	21

FEMININAS

Femininas	27
A moda em Hollywood	28/29
Modelos avulsos	49/50

CINEMA

"New-faces"	33
-------------------	----

NOVELA

Ressurreição (Jesy Barbosa)	53/54
-----------------------------------	-------

CARICATURA

"Charge" de Luiz Sá	15
"Charge" de Raul	48

TEATRO

A carreira da Zuzu	23/25
--------------------------	-------



Anita Louise, da Columbia, em uma bonita cabeça "à Pompadour".

NA
CAPA

SOLIDARIEDADE



As tristes crianças de Napoles

As fotos destas páginas foram batidas por um fotógrafo naval norte-americano "em uma cidade da Itália". Descobriu-se, porém, que haviam sido feitas em Nápoles, embora flagrantemente iguais pudessem encontrar-se em muitas cidades da Europa e da Ásia. São, tôdas,

fotos de crianças. Elas vivem pelas ruas, dia e noite. Aparentemente são livres, mas sua liberdade é prejudicial para elas próprias e para nós todos. São livres para a vadiagem; choram lágrimas amargas e não podem ter reservados, à sua frente, dias muito promisso-

res. Sem o nosso auxílio e o nosso amor, sem a nossa compreensão, essas miseráveis crianças serão livres apenas para a morte, ou viverão quais bichos, sem a mais leve noção dos direitos do homem. Não há felicidade capaz de resistir a tanta desgraça.



MISÉRIA



IRMÃOS



FOME



ABANDONO

DESÂNIMO



ESPERANÇA



! Crianças da guerra, quase tôdas nascidas já depois do famigerado três de setembro de 39, o futuro delas será o nosso futuro também. Estatísticas muito elementares dizem-nos que nada menos de cinco milhões dêsses infelizes, com a saúde arruinada, sub-nutridos ou inteiramente desnutridos, vagueiam pelas ruas e pelas estradas, estendendo a mão à caridade pública, dormindo ao relento, acosados pela fome, pelo frio, sem roupas que lhes cubram os corpinhos mirrados e ao contacto com as mais sórdidas misérias morais. As mães de muitos dêsses órfãos da guerra, seguiram para outras regiões, tendo perdido de vista os filhos, sem saber onde encontrá-los. E os pais morreram no campo de batalha, ou estão ainda presos em terras distantes. Muitos dêsses garotos são aleijados, e muitos milhares de meninos e meninas de menos de dez anos são legítimos vadios, mas não há sociedade organizada para dar-lhes assistência moral, de que tanto carece. Soldados brasileiros recém-vindos da Itália, inclusive de Nápoles, falam-nos dos abjetos papéis a que se submetem essas famélicas e desamparadas crian-

cinhas italianas. Meninas, que deviam frequentar o colégio, suplicam restos de comida aos soldados que ainda não foram repatriados, dando, em troca, tudo que os soldados exigirem. E os irmãozinhos, para cujos sentidos, precocemente despertados, não há mais segredos, são os intermediários nesse triste negócio. E' preciso forrar o estômago, ou, sequer, iludí-lo. Uma geração abandonada, esfomeada, sem a mais leve sombra de esperança, tangida pela devastação da guerra, solidária na sua dor, não conheceu os sonhos azuis da infância nem teve infância.

E de tudo foi culpado o fascismo, que não pode voltar enquanto a recordação dêsses tristes fatos persistir. Aí estão as maiores vítimas do fascismo, essas tristes, pálidas e tuberculosas crianças de Nápoles e de toda a Europa, da Ásia e de toda a parte onde o fascismo fincou pé, para ser expulso por um preço tão alto: a imolação de oitenta milhões de soldados e civis, e o suicídio, em vida, dêsses pequeninos pássaros, cujas asas foram ceifadas pelo instrumento fatídico de Marte.

OS NOSSOS CONCURSOS LITERARIOS

Os concursos literários instituídos pela REVISTA DA SEMANA têm alcançado o mais amplo sucesso, repercutindo em todos os Estados do Brasil, de onde nos chegam todos os dias pelo correio originais destinados aos certames, numa viva afirmação do interesse das novas gerações pela arte da palavra escrita.

Como anunciáramos, terminou no dia 29 de setembro, sábado último, o prazo para a entrega de originais destinados à primeira apuração do "Concurso Permanente de Contos".

Superou a nossa melhor expectativa o número de originais recebidos, em disputa ao "Prêmio Aureliano Machado", de que é patrono o homem que, na direção deste semanário, deu-lhe notável impulso, tornando-o a mais popular publicação ilustrada do Brasil.

OS ORIGINAIS RECEBIDOS

Até à última hora chegaram-nos originais de contos, vindos dos mais distantes pontos do País, os quais, somados em total, ofereceram a cifra de cento e cinquenta e seis originais, o que constitui uma prova evidente do êxito alcançado pelo grande certame. A maioria dos trabalhos está assinada por estreantes, mostrando assim que o objetivo do nosso concurso de contos foi alcançado "in totum", pois que a nossa principal diretriz, lançando as bases da competição intelectual, era dar aos novos uma oportunidade de fazerem-se conhecidos, oferecendo-lhes simultaneamente uma remuneração justa pelos seus trabalhos, o que lhes serviria de estímulo.

Fazendo aparecer vocações anteriormente apagadas, o nosso concurso teve a virtude de lançar algo de novo no cenário literário nacional, construindo um alicerce sólido. Tivemos com isso a intenção de dar um exemplo a todos os brasileiros, no sentido de que se estimulem os jovens na carreira literária, aproveitando as verdadeiras vocações e premiando os que realmente merecem.

OS PREMIADOS

Teve lugar no dia 1.º do corrente a primeira apuração do concurso de contos, sendo então selecionados, dos originais recebidos, treze trabalhos, a serem publicados nos números da REVISTA DA SEMANA de outubro, novembro e dezembro. Os originais recebidos este mês concorrerão ao "Prêmio Aureliano Machado" na segunda apuração, que se verificará impreterivelmente no dia 2 de janeiro de 1946. Assim, de três em três meses terá lugar, na redação da REVISTA DA SEMANA, a seleção dos contos entregues durante os três meses anteriores e que serão publicados nos doze números imediatamente subsequentes. Desta vez foram selecionados treze originais, em virtude de serem cinco os números a serem publicados em dezembro.

Os trabalhos premiados na primeira na primeira apuração do "Concurso Permanente de Contos" são os seguintes:

- 1) Asclepiades, o julgador de contos .. Homero Lobo
- 2) A vingança Sebas Moreira
- 3) Sic Transit Maria Isaura Pereira de Queiroz
- 4) O grande susto de Pacífico Alberto M. Cardoso
- 5) O beijo Isaac Soares
- 6) Janjão .. José Etcheveny
- 7) O bilhete Israel P. Rebouças
- 8) Vira-latas .. João Martins
- 9) Enigma .. Elza Bianchi Cerante
- 10) O casquinho verde Rui Rebelo Pinho
- 11) A gramática e a resistência Valerio Hoffli
- 12) O noivo do mistério Aldo Pardini
- 13) O canto da araponga Francisco Jorge

Já neste número aparece um dos trabalhos premiados, "Asclepiades, o julgador de contos", de autoria do sr. Homero Lobo, que vai publicado nas páginas 30 e 31 da presente edição.

CONDIÇÕES PARA O CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

(2.ª Seleção)

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

São as seguintes as condições a serem observadas por quantos queiram participar do nosso concurso de contos, em sua segunda seleção, para a qual se encontram automaticamente abertas as inscrições:

De três em três meses, seleção de doze contos literários que serão publicados nas páginas da REVISTA — Temas de preferência brasileiros mas também generalizados — Uma oportunidade para os novos — Cr\$ 100,00 para o autor de cada conto publicado

A REVISTA DA SEMANA mantém um Concurso Permanente de Contos Literários, mediante as seguintes bases:

- 1) O prazo para o Concurso Permanente de Contos será de 90 dias, expirando, portanto, a 2.ª seleção a 31 de dezembro.

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; em fim não se tem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!



Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de ma-

térias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

Ventre-Livre, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**

- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, **ênredo, estilo e unidade de ação** no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome, endereço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do segundo trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes, e os rejeitados ficarão à disposição dos remetentes na redação da REVISTA.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, e saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 2 de janeiro de 1946, será iniciado o 3.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade, mais tarde, um conto premiado.

OS OUTROS CONCURSOS

Continuam abertas as inscrições para o concurso de peças teatrais ("Prêmio Apolônia Pinto") e de romances ("Prêmio REVISTA DA SEMANA"). As bases destes dois grandes certames, que já foram divulgadas em números anteriores, serão novamente publicadas em nosso próximo número, onde daremos também a relação total dos trabalhos julgados na primeira apuração do Concurso Permanente de Contos ("Prêmio Aureliano Machado").

Um calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

A SEMANA EM REVISTA

"TU SEI PAGLIACCI"



Gigli conseguiu atravessar a guerra e outras misérias, cantando sempre no Scala os trechos líricos de "Lucia" e de "Aida". A sua voz era a consolação dos oficiais boches, quando eles, voltando em licença da frente de Leningrado ou dos Apeninos, iam ouvir em Milão, na "Serenata do Arlequim" ou no "Miserère" do "Trovatore".

Veio, porém, a vitória aliada e o grande tenor teve que reer o ósso duro da derrota. Havia surgido, enquanto ele cantava, artistas novos, representantes de uma geração anti-fascista de artistas decentes, que constituíam para ele uma concorrência muito desigual. O Metropolitan estava produzindo tenores em série. Gigli ficou maluco. A potência de sua voz, capaz de arrebanhar qualquer alto-falante mais forte, estava em declínio. Invejou a doçura da voz de Tito Schipa, dom que acompanhava sempre os cantores até a velhice. E, olhando de frente o seu destino melancólico, o grande tenor pensou lá com a sua barriga: "Agora é que são elas! Perdi a popularidade, perdi a simpatia popular, perdi a glória, pouco falta para que perca a voz. Só tenho agora a ti, minha querida barriga, ventre portentoso, velho companheiro de muitos anos de luta, amigo dos tempos do apogeu. Que me aconselhas a fazer?"

Assim se fez: correu a notícia de que o tenor havia sido raptado por um homem desconhecido e que era de temer-se a sua morte. A polícia de Milão bateu atrás do raptor. Onde conseguiria aquele homem esconder a pança monumental de Beniamino Gigli? Tudo veio à luz entretanto. O rapto fora simulado, apenas um truque de publicidade do velho cantor, que tentava, assim, recuperar a popularidade perdida. Fizeram-no voltar a casa e continuar os ensaios para a próxima temporada lírica. O pobre homem veio cabibaiço, triste, vendo fracassado o seu último recurso. Breve estará de novo cantando nos países italiano. Mas, apagado, fora de época, antipático.

E agora, pobre Gigli, sobre a pecha de fascista, ainda pesa em você o ridículo do rapto simulado! Você foi traído, Beniamino, traído pela sua própria sede de glória. Agora, quando estiver representando os trechos mais patéticos do "Rigoleto", todos se rirão de você, como diante de um comico gaiato. E ficará, apenas, como a legenda da sua figura, aquela frase que você tantas vezes repetiu para si mesmo, diante das luzes da ribalta: "Tu sei pagliacci!"

O HOMEM QUE NÃO QUER VOTAR



Foi então, no meio das faixas que enfeitavam toda a cidade, clamando aos homens para que votassem, que apareceu o guarda municipal Manoel Gomes. O guarda municipal Manoel Gomes é um homem teimoso. Talvez não haja, em toda a História Universal, o exemplo de outro tão cabeçudo. Manoel não quer votar. Declarou a todos que não se alistaria porque não entendia nada de política. Os companheiros de corporação lhe disseram que o alistamento "ex-offício" tornava obrigatória a sua participação no pleito. Mas o homem mostrava-se irredutível: "Não voto, não me alisto. Não entendo "neca" de política". Veio o alistamento, o guarda não se impressionou. Deixou passar, como o velho economista francês. E os dias passaram. Chamaram-no para assinar o título. O homem ficou pé na negativa: "Não assino".

— Mas se o senhor não assinar paga multa — declarou o funcionário.

— Pago multa mas não assino.

— Por que o senhor não assina?

— Porque não entendo "neca" de política. Não assino e não assino!

— Mas isso é um crime previsto por lei. O senhor pode até ser processado.

— Posso até ir pra cadeia, ser fuzilado. Mas já disse que não assino e não assino mesmo. Não entendo "neca" de política.

E não havia modo de demovê-lo da sua recusa injustificável. O homem era mesmo um cidadão ingênuo e puro, que não "entendia" "neca" de política. Um homem cujo voto não se vende. Um homem que por não entender de política não se acha com direito de votar. Em suma, um homem raro, um homem único. Quem, de boa consciência, apenas por não entender "neca" de política, se excusaria de votar? Quem, mesmo que não entendesse nada de política, se excusaria, não de votar, mas de ser votado?

Este homem, representante típico da velha teimosia ancestral dos nossos índios, é hoje um homem solitário, perdido na ilha de isolamento, cercado pelo mar dos partidarismos políticos.

O voto é a arma do cidadão; todos devem procurar nas urnas um governo que esteja de acordo com o seu modo de pensar. E o guarda municipal Manoel Gomes acha que o melhor método de aplicar a sua liberdade de pensamento é não pensar. E quando ele, por não ser capaz de pensar, não vota, dá um magnífico exemplo àqueles que, não sendo capazes de pensar, não entendendo nada de política, querem entretanto salvar a Pátria com o voto de seus eleitores.

"ESTOU CANSADA DE SER BONITA"



Foi para Portugal a atriz patricia Maria de la Guarda. Foi para vencer. Num momento de bom senso, resolveu ir se aperfeiçoar em sua arte, frequentando uma escola dramática de Lisboa. O navio levou através dos mares a linda atriz. Dizemos linda porque linda ela é de fato. Muito, muito linda e muito pouco atriz. Tudo estaria bem, se Maria de la Guarda não se lembrasse de conceder uma entrevista coletiva à imprensa lisboeta, logo ao pisar terra lusa. E ela falou, falou, falou... Os reporters iam anotando tudo o que ela dizia. E, súbito, a atriz brasileira abriu a boca para declarar:

— "Estou cansada de ser bonita!"

Foi um estouro. As rotativas de Lisboa despejaram para todos os habitantes aquelas palavras. Pouco depois, num teatro de variedades, o comico Vasco Santana, num improviso feliz, repetia para o seu público, em tom de farsite, com um requiebro satírico, aquelas palavras de nossa patricia: "Ai! Ai! Estou cansada de ser bonita!"

O sucesso foi enorme. Toda Lisboa anda agora a repetir, pelo Chiado agora, a grande frase da grande brasileira: "Estou cansada de ser bonita", dizem os lisboetas em farsite, requebrando-se facilmente. E pegou a expressão.

Assim, involuntariamente, a atriz Maria de la Guarda ficou sendo a figura mais popular de Lisboa. Ela chegara ali unicamente para aprender alguma coisa de teatro, para se aperfeiçoar em sua arte. Não pretendia fazer publicidade em torno de seu nome e, muito menos, servir de assunto à gíria popular. Mas aconteceu o que não queria. O seu nome anda em todas as bocas; a sua frase corre todas as ladeiras dos bairros pobres e se despeja em cataratas sobre a Mouraria, cantada pelos fadistas, glosada pelos poetas, repetida pelo povo, escrita pelos cronistas, gritada pelos atores. O rádio leva para as províncias do Alentejo as palavras gloriosas de nossa patricia: "Estou cansada de ser bonita". Nós, entretanto, compreendemos muito bem o que ela queria dizer. Era tão somente isto: "Estou cansada de ser bonita. Agora quero ser atriz, atriz mesmo de verdade". E a sua intenção era boa. Ela voltaria para o Brasil, talvez menos bonita e mais atriz. Foi, porém, infeliz, engasgando-se no meio da frase. Assim, Portugal sai vitorioso. A nossa patricia deu oportunidade aos portugueses para que se vingassem, em uma semana, de tudo o que lhes tem feito, através de muitos anos, o sr. Barão de Itararé.

A GAROTA DE ALTHOROUGH



Nasceu em Althorrough, Inglaterra, uma criança de sexo feminino. Não era uma criança como as outras. Uma menina bonitinha, mas que media apenas vinte centímetros de comprimento e pesava um quilo e duzentas gramas. Nasceu prematuramente, três semanas antes do prazo legal. Mas era uma criança "normal e saudável", segundo a opinião dos médicos que assistiram ao parto. Nada havia que identificasse a menina como uma criança de conformação deficiente; nenhum sinal de anomalia se encontrava em sua anatomia mínima, a não ser o seu exíguo tamanho. Entretanto, como na Inglaterra e em outros países exóticos,

costuma-se tomar muito cuidado com as crianças, a menina foi criada durante quatorze dias num berço especial, com aquecimento elétrico, medida dentro de uma câmara de oxigênio, que lhe ministrava artificialmente grande quantidade do precioso elemento. E hoje, como qualquer criança, ela mama a horas certas, chora e faz tudo o mais que exige a vida vegetativa de uma garota de menos de um mês. O fato, entretanto, corre mundo. Muitos atribuem-no à deficiência de alimentação ocasionada pela guerra. Outros dizem que se trata de um fenômeno natural, sem explicação científica. E, enquanto os médicos discutem, a menina de Althorrough continua a crescer, como se fora uma menina igual a todas as meninas do mundo, que nascem com três e quatro quilos.

Os ingleses estão impressionados com o caso. Se ele representa o resultado da subnutrição materna, mantida durante o cruel período da guerra, todas as mães do Reino Unido, dos cais de York às planícies do sul de Gales, estarão de agora em diante sujeitas a serem visitadas por filhotes de cegonhas, que lhes tragam nos bicos pequeninas meninas lilipulianas. E tudo isto por culpa exclusiva de Hitler, que as forçou a comorear durante seis anos apenas dois quilos de carne por semana, apenas duzentos e cinquenta centilitros de leite por dia. Agora, o nosso problema: se na Inglaterra nasceu uma menina de vinte centímetros de altura, porque a mãe durante algum tempo comeu apenas dois quilos de carne por semana, vai tudo mal. Se o caso da pequena Elizabeth se repetir, estará tudo perdido.

Na Inglaterra as meninas nascerão com vinte centímetros, porque uma pessoa tomou durante seis anos apenas duzentos e cinquenta centilitros de leite diariamente. E no Brasil, de acordo com a lógica, os ginecologistas começarão a usar microscópio para ver os recém-nascidos.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 80,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro. Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-2579; Fotografia: 22-1812; Portaria: 22-2504

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

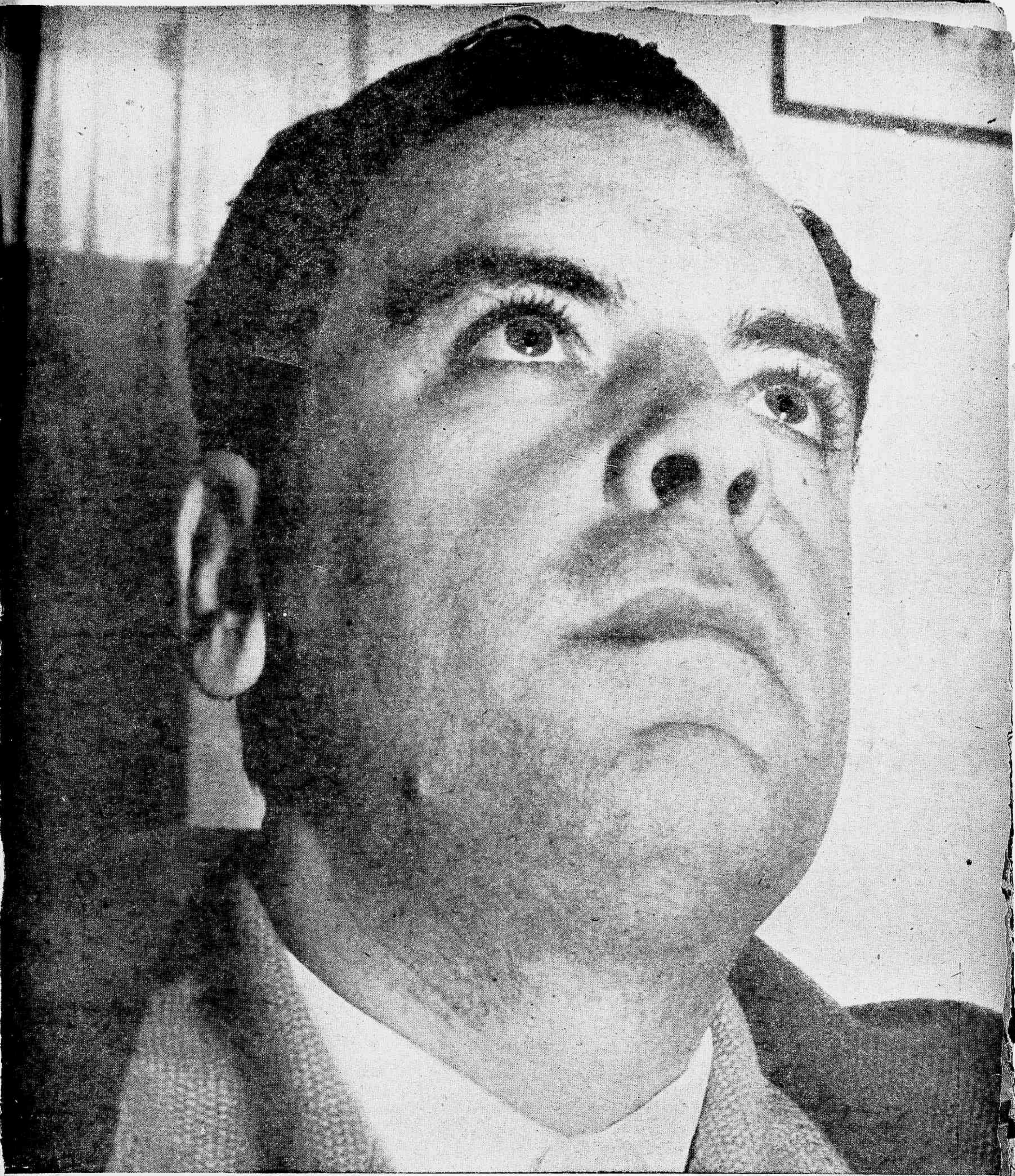
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knopee & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

O corpo dos colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações subscritas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



BOMBA ATÔMICA NO "PETIT TRIANON"

ELEITO PARA A ACADEMIA O ESCRITOR GAÚCHO VIANNA MOOG — AUTOR DE "NOVAS CARTAS PERSAS" E' AGORA O BENJAMIN DO CENÁCULO — "NEM O SECTARISMO DOS NOVOS, NEM A REAÇÃO DOS VELHOS", DECLARA O CANDIDATO VITORIOSO — UM ESCRITOR FEITO NO EXÍLIO GANHA A IMORTALIDADE

Escreveu Celius Aulicus

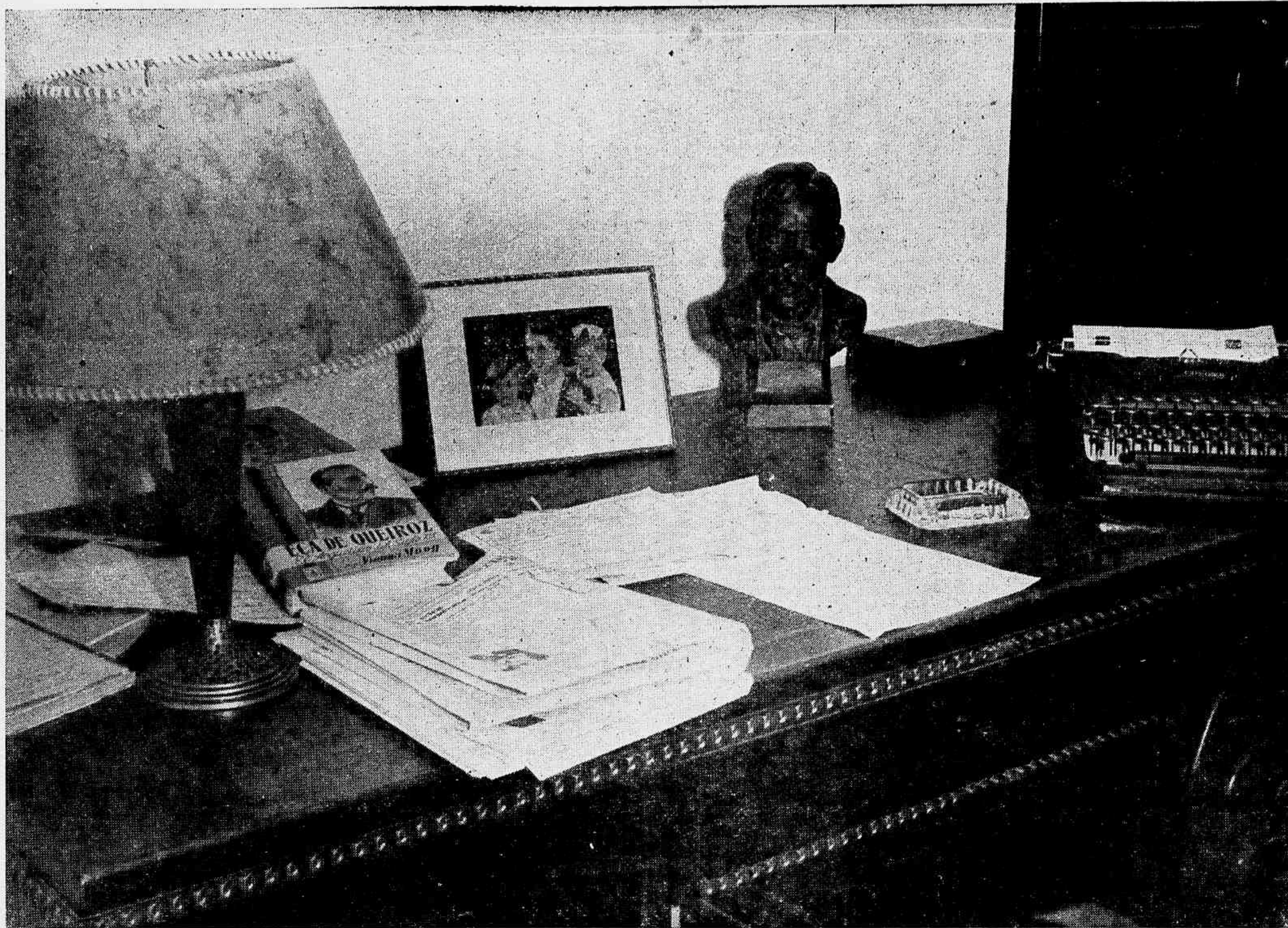
Fotografou Newton Viana

E explodiu a bomba... O petardo caiu sobre os arraiais literários do Rio como a carga de bombardeiro pesado. Os velhos "medalhões", diante dos noticiários dos jornais,

esfregavam os olhos e perguntavam a si mesmos, incrédulos: "Será possível?".

Era possível: Vianna Moog fôra eleito membro da Academia Brasileira de Letras,

por maioria esmagadora. "Clodomir Vianna Moog, brasileiro, casado, com 39 anos incompletos". Isto era tudo o que sabia dele o público em geral, além de sabê-lo autor de "N-



UM ARSENAL DE LITERATURA — Eis aqui o estaleiro de onde saem as obras de Vianna Moog. A mesa de trabalho não é revôita, como em geral acontece às escrivaninhas dos escritores. Não é também arrumadinha como o "bureau" de um homem de comércio que escreve livros. E' um meio termo. Ao fundo, um retrato da esposa do intelectual entre os seus dois filhos mais velhos. Um busto de Eça, na póse clássica de monóculo e "plaston", olha para as coisas que o rodeiam, entre as quais se encontram telegramas de felicitações pela vitória conseguida em primeiro escrutínio, e trabalhos escolares dos garotos.

vas cartas persas", "Um Rio imita o Reno", "O ciclo do ouro negro" e "Eça de Queiroz e o século XIX". A sua biografia jamais figurou nas antologias massudas que os alunos folheam contrariados e raivosos, nos recintos mofados das classes de português. Jamais aparecera o seu nome entre as listas dos comensais do escritor Claudio de Souza. Jamais

passara um telegrama de felicitações aos figurões que estreavam, por esnobismo ou sêde de publicidade, na vida literária. Devia ser, portanto, um revolucionário, pensavam os homens de letras.

Mas Vianna Moog não frequentava o "Amarelinho" nem outro café qualquer. Não "batia papo" sobre futebol às portas das li-

vrarias. E entrara finalmente para a Academia. Tinha que ser, forçosamente, um reacionário, raciocinavam os modernistas.

Entretanto Vianna Moog não chega a ser um revolucionário irritado e sectarista. Mas está muito longe também, é preciso frisar, do bando reacionário dos escritores fossilizados que cobrem de môfo as letras nacionais.

"ECCE HOMO!"

Mas quem é, afinal, Vianna Moog? O que representa êle para a literatura brasileira? Qual a sua função dentro da evolução nacional e qual o alcance de sua obra?

São estas as perguntas que nos propusemos a responder, através de uma visita ao autor de "Eça de Queiroz e o século XIX". E de tudo o que nos foi dado observar em palestra com Vianna Moog damos aqui um ligeiro relato:

Vianna Moog nasceu em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, em 1906. Aprendeu as primeiras letras com sua mãe e frequentou o Colégio São José, em Canôas, e o Colégio São Jacob, em Hamburgo Velho, transferindo-se mais tarde para o Ginásio Julio de Castilho, da Capital riograndense, onde terminou seu curso de humanidades. Em 1925 começou os seus estudos de Direito, terminando-os em 1930. Foi então que se lançou à política, colaborando ativamente no movimento da Aliança Liberal. Veio a Revolução. O rapaz, entusiasmado com a demagogia barulhenta e belicosa dos políticos e dos caudilhos, alistou-se num batalhão de voluntários e partiu para a luta.

E' desses tempos saudosos que nos fala agora Vianna Moog:



FALA O NOVO IMORTAL — Vianna Moog não usa sobrecasaca nem tem bigodes brancos. Entrou para a Academia com o fito de fazer tudo para que aquela casa representasse algo de verdadeiramente digno das letras nacionais. Embora não faça parte do grupo dos escritores exaltados e petroleiros, o novo imortal também não se adapta aos moldes da velha elite cultural careomida e fascitóide, que são como os carunchos das bibliotecas.

— Embarquei para a luta. Felizmente a luta... não houve. Não me lembro de ter ouvido sequer um disparo ocasional. As tropas eram sempre recebidas com flôres pelas populações esperançosas.

— E Itararé? — perguntamos.

— Ah! Itararé! Os homens tombando, as "bombachas" se embebendo no sangue revolucionário que vinha em cachoeiras regar o solo paulista! Os gaúchos avançando heroicamente ante o fogo de barragem das metralhadoras legais. A cavalaria carregando, entre

nuvens de "shrapnells", enquanto das casamatas inimigas os "setenta e cinco" cuspiam fogo e ferro sobre as hostes impávidas. Itararé! Assim seria a batalha. Felizmente, meu caro, isso não aconteceu. Nem me lembro mesmo como foi que passámos por Itararé.

"MEU AMIGO ADOLF BERLE JUNIOR" — O escritor folheia um de seus volumes mais queridos. Um livro de Adolf Berle Junior em torno de economia política. Durante a viagem que fez aos Estados Unidos, Vianna Moog ficou conhecendo o homem que viria a ser o embaixador da nação "yankee" entre nós, e travaram os dois uma boa amizade. Este volume tem uma dedicatória afetuosa do autor, que naquele tempo já lia o português. Embora muitos não o saibam, o diplomata Berle Junior foi um dos cérebros do "New Deal" e é tido hoje como um dos maiores economistas americanos.



O fato é que viemos ao Rio numa alegre excursão militar, uma expedição festiva e gloriosa. Tomei parte em duas revoluções, e hoje posso me orgulhar de não haver dado um só tiro em qualquer dessas campanhas.

— Em 32 a coisa foi também assim?

— Não foi propriamente assim, porque aconteceu justamente o inverso: eu havia ido a Vacaria, com o fito de articular um movimento, ramificado por todo o Rio Grande. Levava comigo várias cartas para os revolucionários locais, guardadas dentro de um bandedon. Com essas manobras sinistras e misteriosas de conspirador, entrei em Vacaria e procurei os líderes locais. A indecisão de muitos e uma espécie de quintacolonismo malandro fizeram fracassar os nossos planos. Todo o Rio Grande era pela revolução. Mas esse Flôres é um grande general. Pôs em campo as suas tropas, e em menos de um dia logrou prender toda a coluna que havíamos organizado. Dessa vez a coisa me custou mais caro que em 30. Os paulistas foram derrotados e aconteceu o inevitável: o exílio. Fui transferido para o Amazonas, como agente fiscal que era. Em Manaus estive trabalhando alguns meses, até que me removeram para o Piauí e daí para o interior amazônico.

Foi assim que o Governo fez um literato. Vianna Moog, agente fiscal por profissão, exilado por convicção, trancado dentro da prisão vastíssima e cerrada do inferno verde,

cercado pela muralha assustadora e acabrunhante da selva, sentiu na literatura o único meio de fuga. E começou a escrever. Não era escritor, não ansiava a glória de um Zola ou a imortalidade de um Victor Hugo. Escreveu as primeiras páginas, mais para si mesmo que para o público. Mas a inspiração inata vivia dentro dele. Diante de um papel branco o homem encontrou-se a si mesmo, dentro da vastidão selvagem do inferno amazônico. Estava lançada a sorte.

"O CICLO DO OURO NEGRO"

Escrito no Amazonas, durante o exílio, saiu a público o primeiro livro do novo escritor — "O ciclo do ouro negro". Era um dos primeiros e arrojados ensaios em torno da realidade econômica da Amazônia, um retrato desse drama vivido há muitos anos pelos trabalhadores da selva e que tem um nome muito conhecido: a borracha. Era um estudo arrojado e realista, sério e consciencioso. Esse livro foi um atestado de que aparecera no cenário brasileiro mais um grande escritor.

E pouco depois Vianna Moog lança "Novas cartas persas", livro de sátira política. Este trabalho foi editado em Pôrto Alegre, onde já se encontrava de novo o escritor entregue aos seus misteres de agente fiscal, já anistiado pelo Congresso. Foi uma consagração.

Convencido por fim de que era mesmo escritor e de que até o fim seria obrigado a cumprir a sua missão, começou ele a sua nova vida de literato, trabalhando sempre de acôrdo com o que lhe ditava a consciência.

E foram aparecendo os seus novos trabalhos, que acusavam sempre um crescente sucesso de livreria. Quando surgiu "Eça de Queiroz e o século XIX", já era Vianna Moog um escritor de fama, conhecido em todo o Brasil. Essa biografia, traduzida para o espanhol, em edição argentina, abriu novas fronteiras à sua glória.

Poucos anos depois da primeira edição do estudo biográfico sobre Eça, aparecia "Um rio imita o Reno", romance passado na zona de imigração alemã, que valeu a Vianna Moog o "Prêmio Graça Aranha" de 1939.

REAÇÃO, REVOLUÇÃO E REALIDADE

Vianna Moog não tem aquela falsa modestia acentuada e convencional que caracteriza os "medalhões". Quando lhe perguntamos se algum amigo lhe havia sugerido o lançamento de sua candidatura à vaga de Alcides Maya, respondeu-nos francamente:

— Não. Lancei a minha candidatura por conta e riscos próprios. E lancei-a para corrigir um erro — o prejuízo dado à minha geração pelos mais velhos. Veja o cenário político, literário, econômico. Nenhum homem de minha geração tem direito a qualquer po-

O PAI DE FAMÍLIA — Vianna Moog, cercado pelos seus dois filhos e por um afilhado, vai lhes mostrando as belezas da história do Brasil, através da leitura de um livro de Viriato Correia. Os meninos desistem de suas brincadeiras, abandonam o próprio "alpinismo" para virem ouvir as histórias de heroísmo e bravura dos velhos personagens de nossa História. Com os olhos presos nas páginas, eles ouvem as palavras do escritor e vão aprendendo o que aconteceu aqui muitos séculos antes de seu nascimento. Uma vez terminada a leitura, voltam às brigas de "mocinho" e "bandido", como os filhos de qualquer mortal.



sição proeminente. Esse erro, entretanto, espero vê-lo sanado. Esta foi a razão por que me interessei pela Academia.

— E acha que os novos o seguirão? E' provável que um Jorge Amado, por exemplo, venha a ter ingresso no Petit Trianon?

— Por enquanto acho que não. Há ainda, por parte dos velhos, uma reação muito forte contra os elementos novos. Um acadêmico olha hoje para os escritores revolucionários com o mesmo olhar temeroso e hostil que um arquiduque lançaria sobre um estudante nihilista. Isso aliás é muito humano. Quanto mais intransigente se torna a revolução mais violenta aparece a reação. Em nenhuma das duas encontramos então o bom senso. Os revolucionários sofrem a doença infantil do "extremismo". E os reacionários conservam uma teimosia e um sectarismo mórbidos muito próprios dos caducos. A História tem nos dado brilhantes exemplos a esse respeito. Veja o caso da Comuna de Paris, afogada em sangue por obra e graça das forças reacionárias da Santa Aliança. Triunfante o absolutismo, a própria Igreja, forçada pela evolução natural das coisas, faz sair de seu seio uma "Rerum Novarum" arrojada. Da intransigência de uns e de outros devemos nos afastar, aproveitando o que há de bom em cada facção. A resultante tirada das duas forças deverá marcar a nossa rota.

— Quer dizer que a Academia ainda pode ter a representação verdadeira do pensamento brasileiro?

— A Academia tem muitas funções. Quando me lancei na literatura, como todos os moços, era entusiasmado, ardente, quase violento. Gritei muito contra a Academia, satirizei bastante o cenáculo. Mas a associação não tem culpa do que tenha feito esse ou aquele de seus membros. E' incontestável que a Academia representa alguma coisa de muito grande em nossa vida literária. Até a sua fundação, o literato era uma figura sempre olhada com desdém, um tipo execrado por todos, um homem do qual todos fugiam. Nenhum escritor poderia ter uma posição social definida, nem alcançar a glória pela força de sua inteligência. Foi a Academia, sem dúvida, quem deu ao intelectual o prestígio que hoje goza. Antes da geração de Machado de Assis, quem alcançou em vida algum prestígio ou algum respeito graças à pena?

Estava a conversa nesse pé, quando entra Geraldo, filho mais novo de Vianna Moog. Um garoto levado do diabo. Beija o pai e sai correndo, em direção ao quintal.

O escritor retoma a palavra:

— Pela minha explicação, você pode ter uma ligeira idéia do que representa e do que pode representar a Academia Brasileira de Letras para nós os escritores. Muitos dos que as combatem não sabem que o próprio prestígio de que hoje gozam como intelectuais foi obra exclusiva dos fundadores daquele cenáculo.

O telefone chama e o nosso entrevistado vai atendê-lo. Observamos o seu "habitat" enquanto ele permanece fora. Na estante, entre obras clássicas e romances modernos, figura a lombada de um livro sobre economia, de autoria do embaixador Adolf Berle Junior. No frontispício do volume há uma dedicatória afetuosa ao autor de "Ciclo do ouro negro", que diz mais ou menos o seguinte: "Ao escritor que é conhecido em dois continentes e que merece ser conhecido em todo o mundo".

O escritor volta à sala e nos diz:

— Só agora é que estou tendo a noção verdadeira do prestígio da Academia. Isto por causa dos inúmeros telefonemas que tenho recebido hoje. E, além destes, me chegaram centenas de telegramas de felicitações, dos pontos mais remotos e esquecidos do Brasil. Podem falar os novos escritores contra os acadêmicos e contra a Academia. Mas o prestígio da Associação é um fato.



DESPEDIDA — A filha de Vianna Moog vai para a escola. Despede-se do pai com um beijo. Para conseguir essa fotografia o fotógrafo teve que usar de mil ardis, porque a garota teimava em não aparecer. Vianna Moog vive mais como pai de família que propriamente como homem de letras. Tem filhos iguais a todos os meninos do mundo, que gostam de aparecer na sala quando há visitas, brincam no quintal com os vizinhos e desobedecem às ordens paternas. Não há na casa de Vianna esse cheiro horrível de imortalidade, que caracteriza a residência dos velhos da Academia.

BUCOLISMO

Queríamos fotografar Vianna Moog no trabalho. Ele nos leva então ao seu antigo gabinete, que fica nos fundos do pavimento superior da residência. Através da janela aberta descortina-se um panorama bucólico e agreste. Um morro cônico, pelo qual sobe uma vegetação cerrada de um verde magnífico, terminado no alto pela calva branca de um grampo agudo, serve de fundo ao quadro portentoso. O escritor nos explica:

— Era aqui que eu trabalhava. Um lugar bonito, sem dúvida.

— E' — confirmamos. — Esta calma bucólica deve ajudar a inspiração.

— Calma? — retruca o nosso entrevistado; e continuando com ênfase:

— Deixei de trabalhar aqui por causa do barulho. Os meninos se juntam todas as tardes no quintal e fazem um barulho dos diabos. O bucolismo desaparece, e a paisagem



BUCOLISMO — Virgílio gostaria por certo de escrever aqui. Ao fundo, a montanha coberta de vegetação cerrada inspira o homem cansado do cosmopolitismo da cidade. Não chegam até cá os ruídos dos ônibus e o estrépito dos "bate-estacas". Junto dessa janela trabalhava Vianna Moog, até que o barulho provocado pela brincadeira das crianças no quintal o obrigou a transferir seu escritório para a frente da casa. Hoje, ele tem que se sujeitar ao ruído da rua movimentada de Copacabana, trabalhando com os ouvidos cheios desse barulho ensurdecedor.

A MAQUINA — Apesar de ser amigo das velhas paisagens e do bucolismo quieto das montanhas, o novo acadêmico escreve à máquina os seus originais. Nesse mecanismo portátil ele faz aparecer uma a uma as letras de seus trabalhos, que irão mais tarde revolucionar os meios literários e políticos. As "Novas cartas persas" saíram daqui. Não tinham por certo o cunho clandestino das missivas de Critillo, mas eram sátiras formidáveis contra os "medalhões" em evidência, verdadeiros petardos literários que explodiam no seio da elite.



se torna incompatível com o meu trabalho, em virtude das brigas de "mocinhos" e "bandidos" que eles organizam aqui. Por causa dos meus dois garotos e dos garotos dos vizinhos, fui obrigado a transferir o meu escritório para outro quarto.

Nesse momento entra a empregada, para comunicar que os meninos estavam praticando alpinismo no morro dos fundos: tentavam escalar o pico de granito com o auxílio de cordas.

Vianna Moog desaparece como escritor, para agir como pai de família. Resolve o caso dos "alpinistas" e volta a falar conosco.

Lembrando a dedicatória do livro, perguntamos-lhe de quando data a sua amizade ao embaixador americano.

— Conheci-o quando fui aos Estados Unidos.

— Entretanto, na dedicatória, ele diz que os seus livros são conhecidos em dois continentes. Há obras suas traduzidas para o inglês?

— Não. Mas o embaixador Berle Junior é um erudito. Quando escreveu a dedicatória já conhecia o português e já havia lido um livro meu. E como ele, residente nos Estados Unidos, conheci a minha obra, pôde dizer que ela era conhecida em dois continentes.

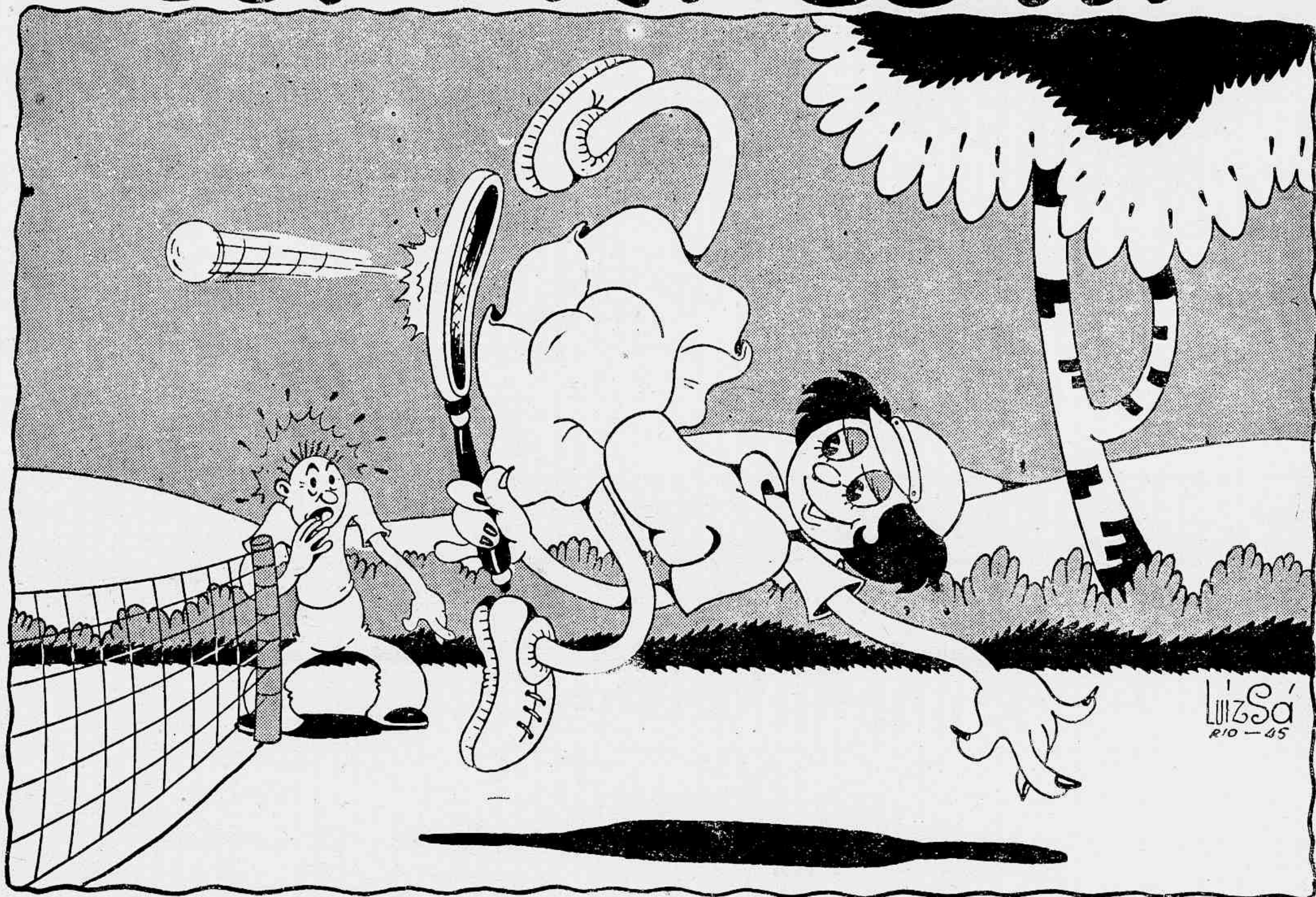
As nossas palavras revelam a surpresa que tivemos ao encontrar um livro de economia escrito pelo embaixador. Mas Vianna Moog explica:

— O público brasileiro pouco sabe a respeito desse diplomata. Ele é, a meu ver, uma das maiores cabeças da nova América. Foi um dos principais homens do "New Deal". Mas o público é assim mesmo. Por culpa dos órgãos de divulgação, muito pouco sabe a respeito de muitas coisas que o interessam de perto. Veja você o caso da Academia. Eu mesmo, confesso, não tinha a mínima noção do prestígio de que ela goza em todo o Brasil. Há, entretanto, é preciso que se diga, na vida da Academia períodos de glória e de apatia. Existe, é claro, uma reação muito forte no seio do cenáculo contra as novas idéias. Entre os velhos encontram-se porém alguns valores, como entre os novos também se encontram muitas nulidades. Sei que a Academia precisa de uma força nova, que atue com intensidade e faça dela uma verdadeira representante de nossas letras. A minha geração nunca teve acesso à Academia, como nunca teve acesso a nenhuma posição de vanguarda. O que almejo é tão somente elevar o nome dos novos, isto é, dos novos que têm verdadeiro valor. É preciso combater, de qualquer modo, os retrogrados e os fascistóides, que pululam em todos os setores literários. Não quero com isto dizer que tenha qualquer simpatia para os que fazem literatura revolucionária apenas amparados pela solidariedade da escola ou pela posição e prestígio sociais. Sei que para um Mario de Andrade há milhares de mediocres entre os novos. Mas também os há entre os velhos reacionários. Seguirei, pois, a linha intermédia, serena mas inflexivelmente. E, estou certo, baseado nos exemplos históricos, de que a luz nascerá, como sempre, do atrito da reação e da revolução.

Assim terminou a nossa palestra com Vianna Moog. Saimos trazendo ainda na memória as frases daquele homem, o único no Brasil que faz parte da Academia antes dos quarenta anos.

Este acontecimento, depois da edição de "Don Casmurro" e da morte de Euclides da Cunha, talvez tenha sido o fato mais sensacional ocorrido nos meios literários do Brasil. Vianna Moog, autor de "Novas cartas persas" e de outros trabalhos revolucionários, mesmo com as intenções que leva para a Academia, é uma bomba-relógio posta em funcionamento dentro da sala de sessões do "Petit Triângulo".

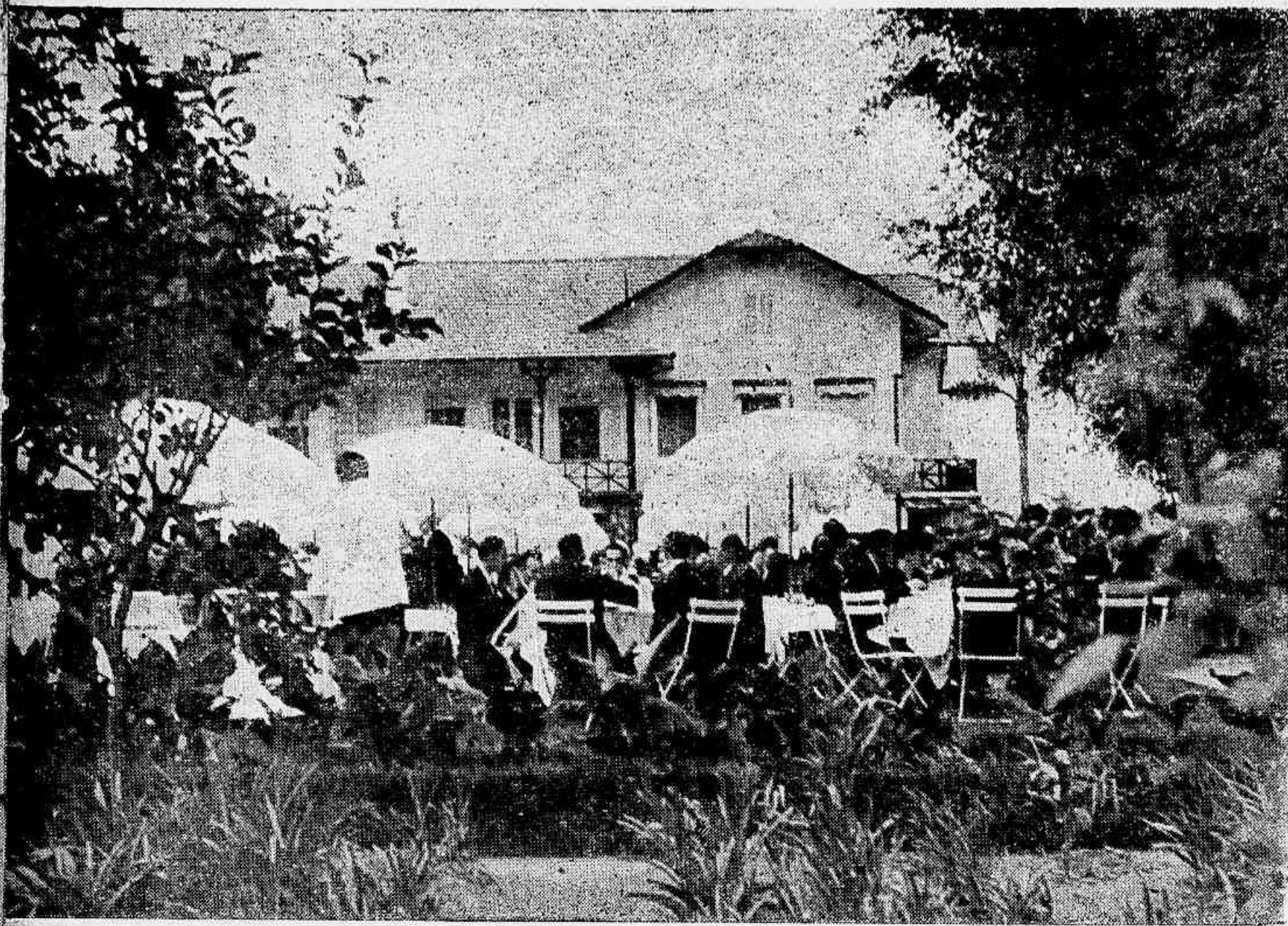
ESPORTES...



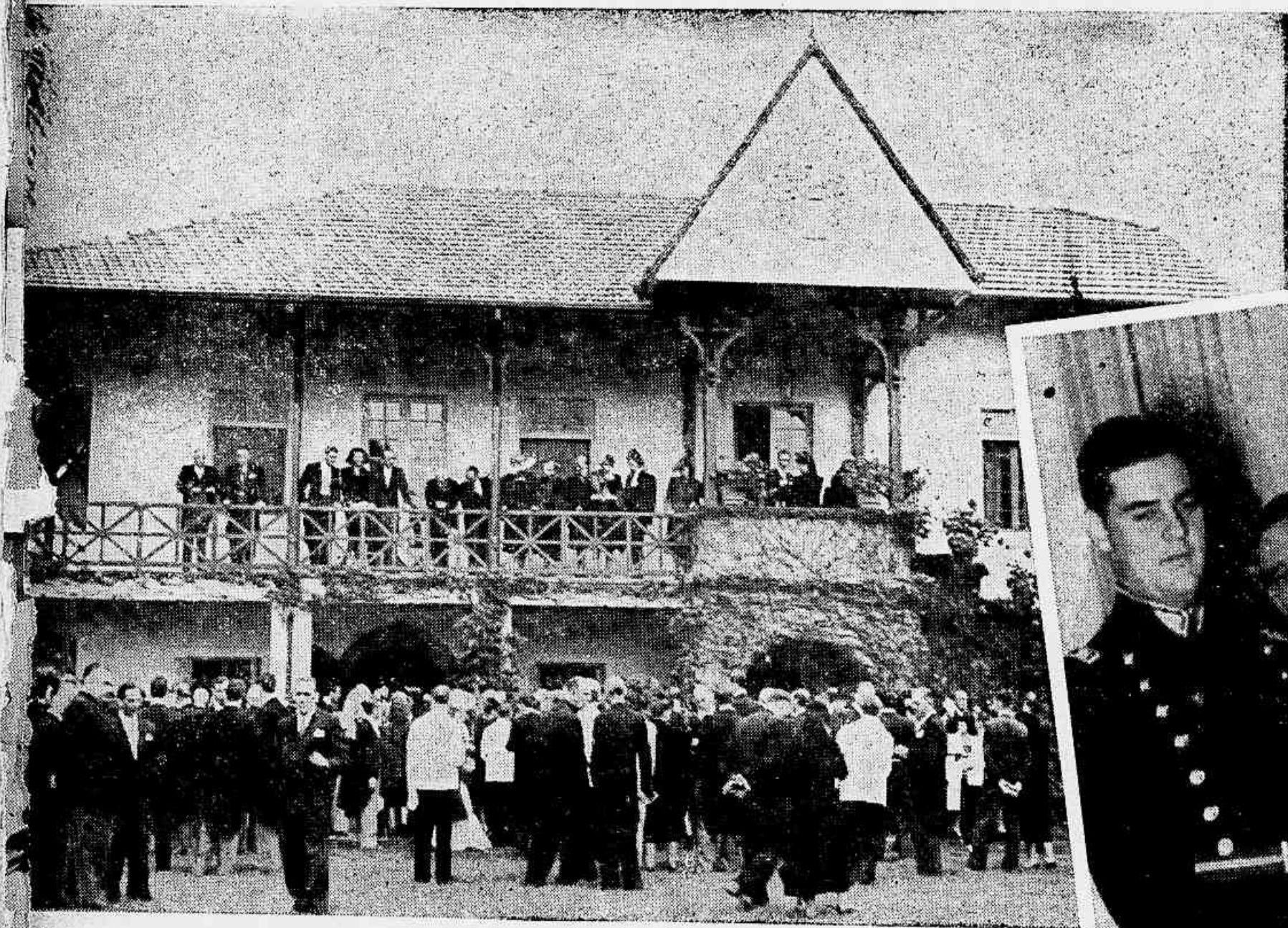
TENIS ↗

JOGO "AMISTOSO" ↘





Um aspecto do almoço realizado na propriedade de Piqueri, dos condes Matarazzo.



A fotografia acima apresenta um dos aspectos focalizados na propriedade "Piqueri", dos condes Matarazzo.

ENLACE

Filly Matarazzo
João Lage Filho

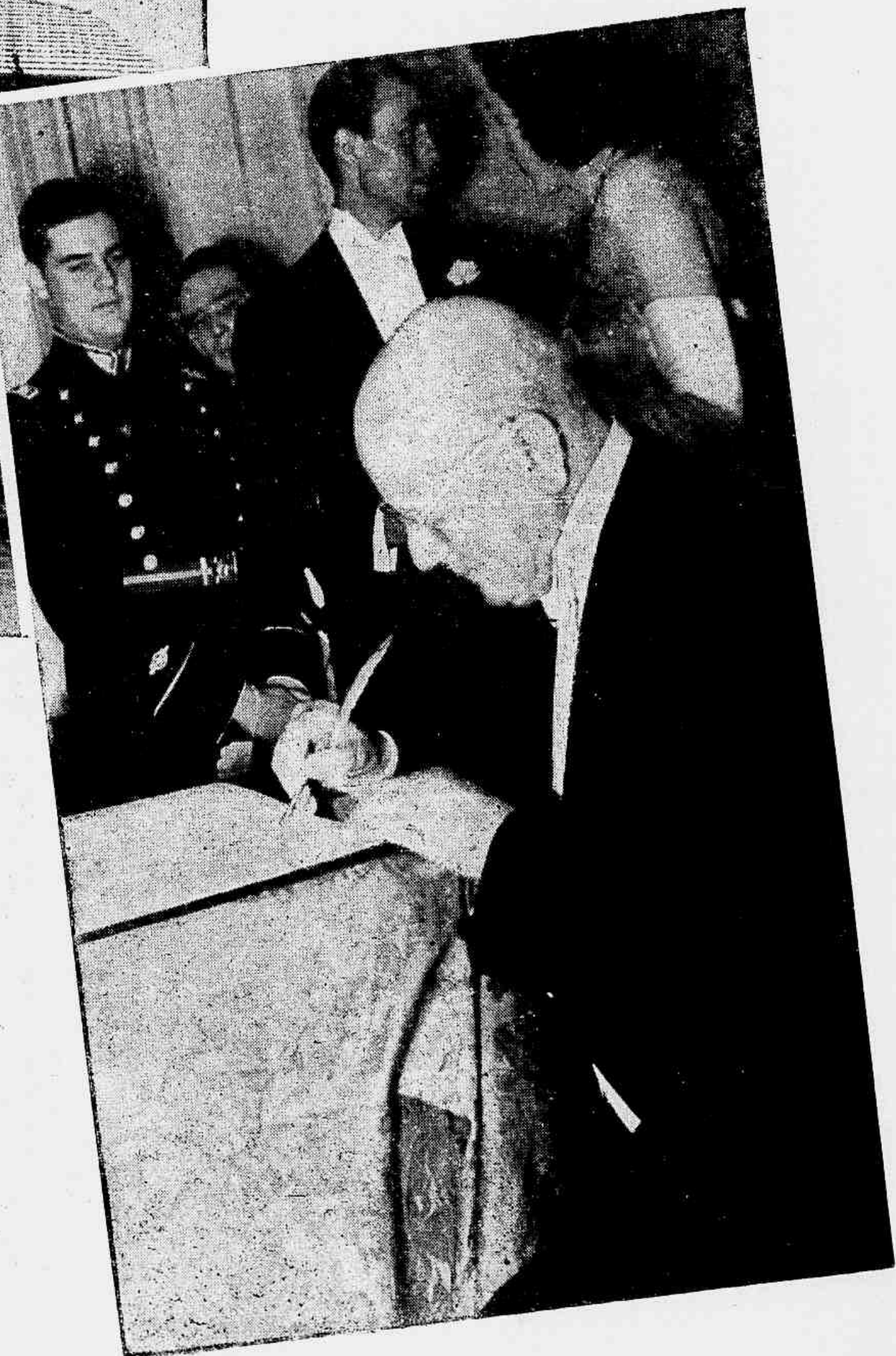
J A sentenciava Macterlink que "o destino fecha às vezes os olhos, mas bem sabe que para ele voltaremos depois, e que é ele que terá a última palavra".

Duas jovens criaturas, obedecendo aos mesmos caprichos dêsse destino, acabam de unir, para sempre, as suas almas, fundindo-se numa só alma. Esses entes são Filly Matarazzo e João Lage Filho.

Da mesma sorte que ouvimos dos nossos avós, através as longas histórias que nos contavam, embalando o berço, quando éramos criança, histórias essas que nos proporcionavam um bem imenso, pelas suas características de contos de fadas, despertando no interior de nossos corações juvenis algo parecido com o sobrenatural, assim começa o romance de toda vida. Foi o que, inevitavelmente, sucedeu a Filly e João em sua terra natal: encontraram-se um dia na encruzilhada da existência, como sói acontecer com todos os jovens; deram-se a conhecer e, com os corações em prece e as almas de joelhos, juntos empreenderam a caminhada que todos realizam, em busca da felicidade. E assim viajaram durante algum tempo, pelo país irreal do sonho, até que atingiram o objetivo supremo — a edificação dum lar feliz!

Ele, com o porte varonil do homem que, quando deve demonstrar que os bens materiais e a própria vida nada valem nem representam ante os supremos imperativos da Pátria, deixa, presto e solícito, os palácios e o conforto que a riqueza proporciona para vestir o uniforme de soldado, "pracinha", e, de fuzil nas mãos, vai compartilhar sofrimentos e glórias, agruras e emoções, calor e frio, nos campos de batalha, lado a lado com o caboclo dos sertões ou com o filho do seu granle povo, enfrentando de peito nú e mangas arregaçadas a metralha do inimigo forte que

Aqui vemos o comendador André Matarazzo, avô da noiva, testemunhando o ato civil





Ao alto, à esquerda: sr. e sra. Eduardo Martinez de Hoz; à direita: a noiva, vestida encantadoramente, ao subir a escadaria da igreja. Em baixo: os pais dos noivos e padrinhos.





A esquerda: um instantâneo do "ballet". A direita: sra. Lourdes Rangel do Monte, embaixador Garcia Conde e condessa Matarazzo.



os João Lage Filho e João Ninguém, irmanados para a luta e para a vitória, para a morte e para a vida, conquistaram lauréis para a Pátria, lauréis que jamais serão olvidados como aqueles dos cumes de Monte Castelo e dos vales deslumbrantes da Itália martirizada. Ela tem o encanto duma flôr de estufa. Foi cuidada com o carinho que o jardineiro dedica à sua mais bela rosa. Cresceu e desabrochou no ambiente cálido da ternura. Sua alma tem perfumes de virtudes e sentimentos que são a bondade personificando a mulher. Doce, meiga, desprendida e boa, goza da fortuna sem profaná-la. Sabe, a exemplo dos seus pais e avós, deixar cair o ouro, beneficiando as instituições de caridade, as maternidades, as creches, as casas de Deus, as casas dos mais necessitados, enfim; de sua bôca nunca saiu uma palavra de inveja, porque antes sempre bailou-lhe aos lábios uma benção!

Este é o breve perfil das duas criaturas que uniram as suas vidas, dia 8 de setembro próximo passado, perante o Juiz competente, no recinto do Palácio de Mármore branco da avenida Paulista n.º 1230, solar dos conde Francisco Matarazzo Junior e condessa Mariangela Matarazzo, no próspero e dinâmico Estado de São Paulo.

As cerimônias religiosas, que se revestiram de grande pompa e singular relêvo, tiveram lugar na igreja da Irmandade do Carmo, situada à rua Martiniano de Carvalho, na Capital do mesmo Estado. Foi celebrante do ato sua excelência d. Bento Aloisi Masella, Núncio Apostólico da Santa Sé junto ao Governo brasileiro e decano do corpo diplomático do Rio de Janeiro.

Serviram de padrinhos dos nubentes, no casamento religioso: pela noiva os srs. Fernando de Souza Costa, interventor federal naquele Estado, sra. Maria Helena Prado Ramos, sr. Alexandre Siciliano e sra. Maria Matarazzo; e, pelo noivo: os srs. barão de Saavedra, sra. Frederico Brenberg, sr. José Lucio-Ocampo e sra. Joaquim Sales.

A Imprensa brasileira já disse, repetidas vêzes, que nada ali se viu até hoje de mais deslumbrante.



Um aspecto do almoço na chácara "Piqueri", dos condes Matarazzo.

ONDE ESTA' HELENA?

Conto de NANCY HALE

— A peste dessa velha que cuida da casa?
— Disse-me que não sabia...
— Helena disse que ia passar o dia fora e só voltaria de madrugada. Levou a

(Continua na página 44)

Quando êle perguntou onde estava Helena, a môça sorriu e disse:

— E' impossível.

— Mas...

— Escute, cavalheiro, nós já dissemos que não podemos fornecer o enderêço das môças que trabalham aqui.

— Mas eu preciso encontrá-las antes de meia noite.

— Sinto muito.

— Quando é que ela vem aqui?

— Sinto não poder informá-lo.

Êle não perdeu as esperanças. Entrou na cantina e perguntou ao porteiro:

— Escute: você conhece Helena Martin?

O preto fez um ar vago:

— Bem, assim pelo nome não posso dizer...

Alan deu-lhe uma nota de cinco dólares:

— Faça um esforço.

— E' uma môça loura, alta?

— Isso mesmo.

O porteiro olhou para um lado, depois para outro, e disse:

— Saiu agora mesmo.

— Sabe onde ela mora?

— Não, senhor. Nós não sabemos o enderêço de nenhuma delas. A secretária não nos diz, para que não passemos adiante...

— Mas eu preciso falar com Helena hoje mesmo. Escute: encontrei essa môça aqui na cantina, há um mês. Fizemos amizade... uma amizade muito especial, compreende? E agora eu estou passando por aqui, rumo ao estrangeiro. Vou partir à meia noite. Preciso falar com ela antes de partir...

O negro teve pena.

— Espere um instante.

Alguns minutos depois voltou com um enderêço escrito numa fôlha de papel. Tome isso e vá-se embora depressa antes que o apanhem...

Alan deu-lhe outra nota de cinco dólares, e desapareceu antes que o outro pudesse agradecer.

Teve que esperar à porta. Era uma pensão para môças, situada bem no centro da cidade.

— Helena Martin está?

A velha que atendera olhou-o dos pés à cabeça.

— Não.

— Quando é que ela volta?

— Não sei.

— Posso esperar?

— Só se for aí mesmo. Homem não entra aqui.

— Obrigado.

Ela bateu a porta sem responder.

Alan ficou passeando pela calçada. Onde estaria Helena? Ah, se ela soubesse que êle estava ali para dizer adeus, para vê-la, talvez, pela última vez! Partia no dia seguinte. Pensou no namôro com ela e sorriu. Nem tinham tido tempo para dar o enderêço um ao outro. Na despedida beijara-a e dissera:

— Escreva, meu bem.

Já estava no trem quando ela gritou:

— E o enderêço?

Ainda houve tempo para dar o dêle. Ficou sem saber o dela, entretanto.

A cantina proibia que as môças que trabalhavam lá saíssem com os soldados. Não fornecia endereços.

Alan passeava pela calçada, impaciente.

De repente abriu-se a porta, e uma môça saiu correndo em direção a êle.

— Escute, soldado, você está esperando alguém?

Alan ficou surpreso. Era uma môça elegante. Se não fosse Helena...

— Estou esperando Helena Martin.

— A "bruxa" não lhe disse que ela só vem amanhã?

— Quem?



M U S I C A

EM TORNO DOS BAILADOS

EM 1909 uma companhia de bailarinos russos levou a Paris um novo bailado, com música de Chopin orquestrada por compositores russos: "As Sílides". A crítica parisiense não gostou da novidade. "Além de ser contra as adaptações, em geral, porque não podem deixar de mutilar a obra de arte, acho que a orquestração roubou grande parte da leveza graciosa e brilhante das obras de Chopin", escreveu um cronista da época.

★

Foi com "As Sílides" que estreou a companhia que Igor Schwesoff organizou para a Temporada de Bailado, com um conjunto homogêneo e bem ensaiado.

★

A dança clássica requer, sobretudo, uma técnica perfeita, uma vez que não pretende exprimir coisa alguma, mas encantar pela harmonia e perfeita coordenação de movimentos. Os bailarinos de Schwesoff desincumbiram-se dos seus papéis, sem brilho excepcional. Foram discretos e eficientes, apesar daquela pirueta imprevista de uma bailarina que tropeçou e caiu.

★

A "Sonata ao Luar" pertence a outro gênero. Schwesoff quis exprimir, com sua coreografia, o sentido da famosa obra de Beethoven. É uma tentativa interessante, e não se pode negar a habilidade e a imaginação do coreógrafo, muito embora se discorde parcialmente da sua interpretação. Poderemos repetir a observação a respeito de adaptações, menos com referência à dança propriamente do que a respeito da orquestração.

A orquestra aliás não estava à altura.

★

Como bailarino Schwesoff mostrou a mesma discreção que soube obter de sua trupe. Devemos salientar ainda o trabalho de Tamara Capeller e Edith Pudelko.

★

O primeiro baile, com música de Lanner, foi talvez o ponto mais fraco do programa. Não pelos bailarinos, que aí tiveram ampla oportunidade de mostrar seu talento e perícia, mas pela música do velho "rival de Johann Strauss", como faz questão de lembrar o programa. É fácil imaginar o que isso significa, se observarmos que a música de Lanner supera a de seu competidor em banalidade.

Em suma, um espetáculo agradável, muito aplaudido. Esperemos, porém, as outras réclamas para apreciar mais detalhadamente os valores da companhia. Desde já podemos dizer, entretanto, que Schwesoff conseguiu formar um bom conjunto, não só importando bailarinos estrangeiros como, principalmente, aproveitando os elementos nacionais de valor, dando-lhes posições de destaque.

Roberto Lyra Filho

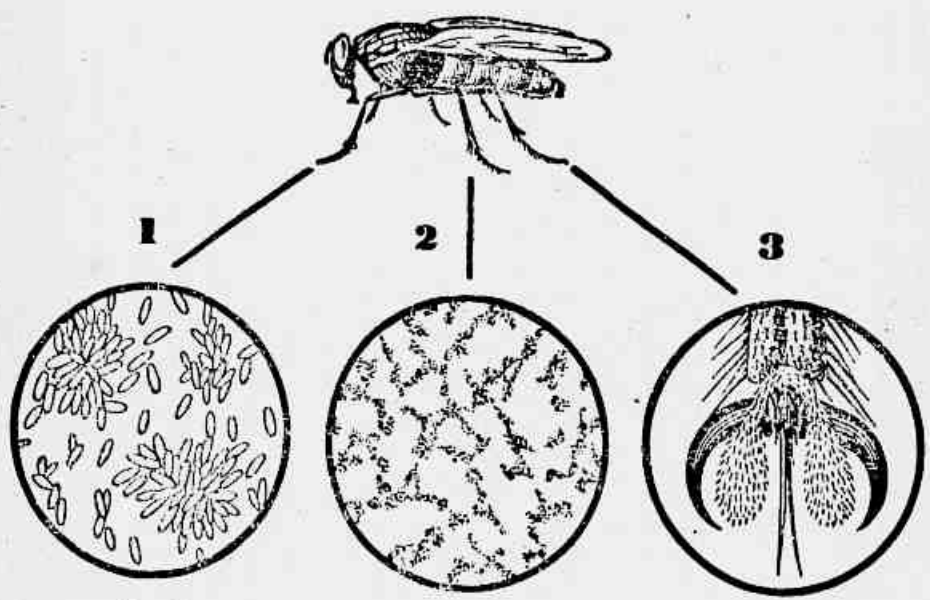
Igor Schwesoff, que organizou e dirige a companhia de bailado que ocupa o Municipal.



A GASTROENTERITE — e as moscas

Está comprovado que as moscas carregam nos pêlos de suas patas, ou os depositam com seus excrementos, diversos germes que, por processo não bem determinado, provocam gastroenterites de verão. Esta doença, muito comum nas crianças, produz perda de peso e expõe a vítima a outras enfermidades mais graves.

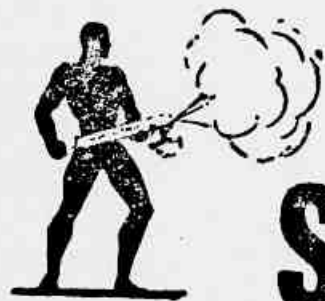
Entre tôdas as medidas recomendadas para combater as moscas, destacam-se por sua eficiente ação, as pulverizações com Shelltox, inseticida científico que acabava totalmente com esta praga dos lares.



1 Estes ovos de moscas, vistos através de um microscópio, são inimigos potenciais dos seres humanos.

2 Os etílocos estão presentes nas supurações infecciosas, causadas amiúde pelas moscas.

3 Vista muito ampliada de uma pata de mosca. Entre os pêlos ficam retidas as matérias contaminadas.



Não fanteia os insetos: MATA-OS!

ANGLO MEXICAN PETROLEUM CO. LTD.



ESPORTES

OS FELIZES DESPROTEGIDOS

O céu está cheio de papagaios. A garotada carioca dá o exemplo de organização. Não é preciso ser um observador minucioso para chegar aos pequenos detalhes dos passatempos da gurizada. Agora é preciso dizer que esta "gurizada" é aquela que no final das brincadeiras ouve dos pais e dos vizinhos importunados: — "Moleque da rua". São quase todos bons meninos que encontram, de qualquer maneira, um modo de se divertir praticando esporte no meio das ruas. São os únicos campos de que dispõem. Pudera, os raros "play-grounds" constituem microscópicos "oásis" na imensidão do Distrito Federal, e os poucos campos de esportes vão desaparecendo na voragem das especulações imobiliárias. O Conselho Nacional de Desportos tem conseguido deter algumas ofensivas, porém outros ângulos da administração oficial têm sido lentos, de uma cegueira proposital, e sem o senso das reais necessidades de uma cidade, que antes de mais nada é a metrópole. Mas o céu está cheio de papagaios, e não serão palavras que resolverão estes problemas.

A garotada entra em ação. O ano está dividido em várias temporadas. Não é preciso ser um observador minucioso, repetimos. Basta ter tido uma infância de diversões em correrias sobre o asfalto, paralelepípedos, terrenos baldios e ruas esburacadas. Nós tivemos uma experiência, e não poderíamos, quinze anos depois, escrever estas linhas se tivesse sido fatal uma violenta "tombada" de automóvel, após uma corrida atrás de uma bola de meia que um violento chute arremessara para o lado oposto de uma rua de trânsito intenso. Mas aqui estamos porque o "chauffeur" não era "barbeiro". Desviou para cima da calçada o carro, por sinal da Saúde Pública, atenuando o acidente. Consequência: duas semanas de "estaleiro". Terminou, então, um grande carreira de apanhador de bolsas, "gandula", para reduzir à expressão mínima na gíria esportiva.

Está atingindo agora o ponto de máxima intensidade a temporada das "pipas", como a gurizada chama no seu linguajar simples as armações de flexas e papel de seda, apresentadas sob múltiplas formas, e mantidas nos ares por uma série de princípios físicos que a maioria dos construtores desconhece, e que porém não ignora porém que se tudo não for feito direitinho eles não sobem. O calendário da meninada já assinalou a passagem das temporadas das chapinhas, do pião, da bola de gude, das corridas atrás dos balões... Há, no entanto, uma temporada que vai do princípio até o fim do ano. Tem 365 dias. É a do futebol, com qualquer espaço, com qualquer número de elementos, com qualquer espécie de bola, com ou sem sapatos, com as reclamações dos transeuntes e os impropérios dos vizinhos que tiveram os vidros das janelas reduzidos a estilhaços, tão longe das frentes de batalha, que já pertencem ao passado. Não há horários para estas partidas. Combina-se o score, e o tempo voa, nas mais intrincadas evoluções no meio das ruas, sobre as calçadas, sem contar com os obstáculos naturais — os postes da Light, as árvores e os buracos — e ainda um susto e uma corrida quando a polícia resolve intervir para o bem da ordem pública.

Este é o quadro vivo, pincelado em cores reais, de como consegue-se divertir, à própria custa, a juventude carioca, sem "play-grounds" e sem campos de esporte. No jogo de comparações é preciso não esquecer que a obra do Brasil esportivo foi construída e é mantida por iniciativa particular!

Levy Kleiman



FLEURS D'AMOUR

ROGER & GALLET
EXTRACTO - LOÇÃO
PÓ DE ARROZ
BRILHANTINA
PARIS-RIO

— Que é isto, meu Amigo? Sente-se cansado, abatido? Não se sente bem disposto?
O que lhe falta é um bom Tônico reconstituente.

Tome **NUTROFOSFAN** e ficará satisfeito. **NUTROFOSFAN** nutre, revigora o organismo, enriquece o sangue, vale SAÚDE

**PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA**

De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

De Lábio em Lábio...

dou volta ao mundo!

Pela sua massa inconfundível, pelos seus tons modernos e harmoniosos, **ZANDE** - o baton que está na moda - conquistou a preferência de todas as mulheres lindas do mundo. **ZANDE** dá aos lábios um contorno perfeito, conservando-os aveludados e perfeitamente maquiados durante muitas horas.

Zande

O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA



CLIENTE DESCONHECIDO

Novela de EDGAR WALLACE

LYSTER estava cansado. Depois de um dia de trabalho, caminhava para casa, lentamente, pensando no caso de Lady Alice. Depois de certo tempo, porém, disse de si para si: "Preciso divertir-me. Este caso está me preocupando de mais".

Foi naquele momento que ela escorregou. Se tivesse saído de

casa com galochas, nada teria acontecido. Mas o acidente, em suma, foi agradável, em vista das consequências.

— Desculpe — disse ela, ao apoiar-se no braço de Lyster para não cair.

Ele levantou-a agilmente e disse:

— Machucou-se?

— Não. Obrigada. É que eu

saí sem galochas e, nessa neve...

— É verdade.

Ela já ia se afastando, quando tornou a escorregar.

— Escute, aonde vai? Não quer que a leve? Poderá apoiar-se no meu braço.

Ela agradeceu:

— Se não vou fazer com que vá muito longe de seu caminho.

— Para onde vai?

— Hampstead.

— Fica no meu caminho.

— Ótimo.

Falaram sobre peças de teatro e filmes; discutiram os escritores mais famosos.

— Chegamos — disse ela.

— De fato.

— Bem, muito obrigada.

— De nada, foi um prazer.

Ela estendeu-lhe a mão.

— Escute — disse ele, tomando-a — não ficará zangada se eu convidá-la para jantar comigo?

— Zangada? Não.

— Mas aceitará?

— Não.

— Por que? Olhe que eu vivo em vizinhança altamente respeitável. Um bispo protestante é meu vizinho da direita. À esquerda mora um membro do Parlamento.

— Jantar em seu apartamento?

— Sob os olhares vigilantes de duas criadas beatas.

— Bem vigilantes?

— Receio que elas até usem de expedientes menos dignos, tais como espiar pelo buraco da fechadura, etc. De qualquer forma, vão contar tudo o que se passar à vizinhança. Já vê que pelo menos, para não escandalizar a vizinhança, tenho que portar-me bem, mormente lembrando-me de que o bispo está à minha direita, e à esquerda o membro do Parlamento — membro conservador e austero.

— E se eu aceitar?

— Ficarei encantado.

— Não pensará mal de mim?

— Por que?

— Os homens, em geral, pensam mal das mulheres que aceitam muito facilmente...

— Não calunie o sexo masculino!

Ela deu uma risada cristalina.

— Nesse caso, vamos.

É estranho, pensava Lyster, como não posso esquecer nem por um momento a minha profissão, os meus negócios. Só porque esta moça é loura, eu penso em Lady Alice. Como será sua aparência? A caligrafia é ousada e firme. Mulher de caráter. Pensando nisso, Lyster não pôde deixar de sorrir, pois, havia pouco tempo, tivera informações muito detalhadas e pouco lisonjeiras a respeito do caráter de Lady Alice. Entretanto, prosseguiram seus pensamentos, se bem que não seja certamente, uma santa, um modelo de virtudes, tem caráter, no sentido de uma certa firmeza nas decisões, de uma personalidade forte, de instinto combativo. Lyster tinha muitas razões para não querer que o instinto combativo de Lady Alice se manifestasse. Não era isso, porém, o que todas as probabilidades prenunciavam.

— Esqueceu-se de mim?

— Não — protestou Lyster.

Mas a verdade é que esquecera.

★

No dia seguinte, pela manhã, ele estava de bom humor. Des-

A carreira da Zuzu

Uma interessante comédia francesa, traduzida por Miroel Silveira, vem de ser apresentada, com real sucesso, pela Companhia Bibi Ferreira, no Teatro Phoenix, com o seguinte desempenho: Zuzu, Bibi; Ana, Branca Mauá; Amélia, Alma Castro; Roberto, Alberto Perez; Matheus, Sadi Cabral; Gastão, Jorge Diniz; Racinette, Ribeiro Mar-



1 Zuzu, ex-operária de uma fábrica daquela cidade, é feliz na sua vida modesta de pequena sem aspirações, na companhia de Roberto, que lhe devota grande estima e que trabalha no rádio. Quando Amélia, sua antiga companheira de trabalho, vai visitá-la, não esconde o desagrado pelo amiguinho de Zuzu, talvez invejando-lhe a felicidade. E não tarda que Zuzu tenha sua primeira arruaça com o moço...



2 Resultado: cumprindo a promessa que se haviam feito, Zuzu e Roberto devolvem as gaiolas, símbolo da liberdade, que tanto os conservara unidos até então. Ela aceita a corte do velhote Gastão, sócio de uma fábrica da vizinhança, que a namorava há muito e lhe oferecia lindos ramos de flores. Roberto partiu, desiludido, enquanto a mãe vai deixar o apartamento com a amiga e viver em melhor ambiente...

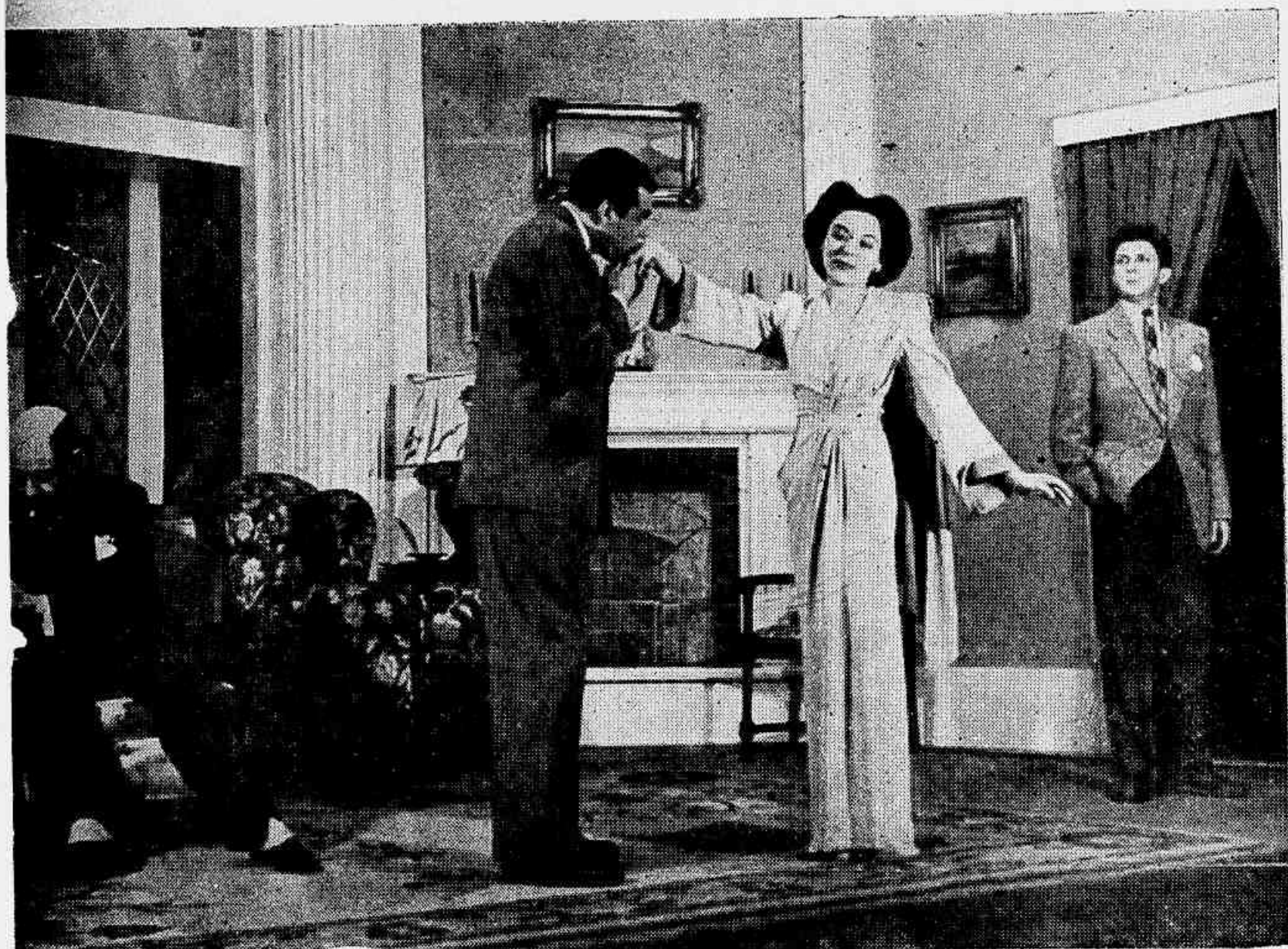


...ins; Florencio, Nuriê Bittencourt; Josefa, Wilma Louro; Augusto, Haroldo Thompson. — No transcurso de "A carreira da Zuzu", Bibi apresentou três personalidades distintas, correspondendo a outros tantos períodos de evolução da protagonista da peça, que tem um canho de originalidade muito pronunciado, e por tudo isso agradou plenamente ao público e à crítica.

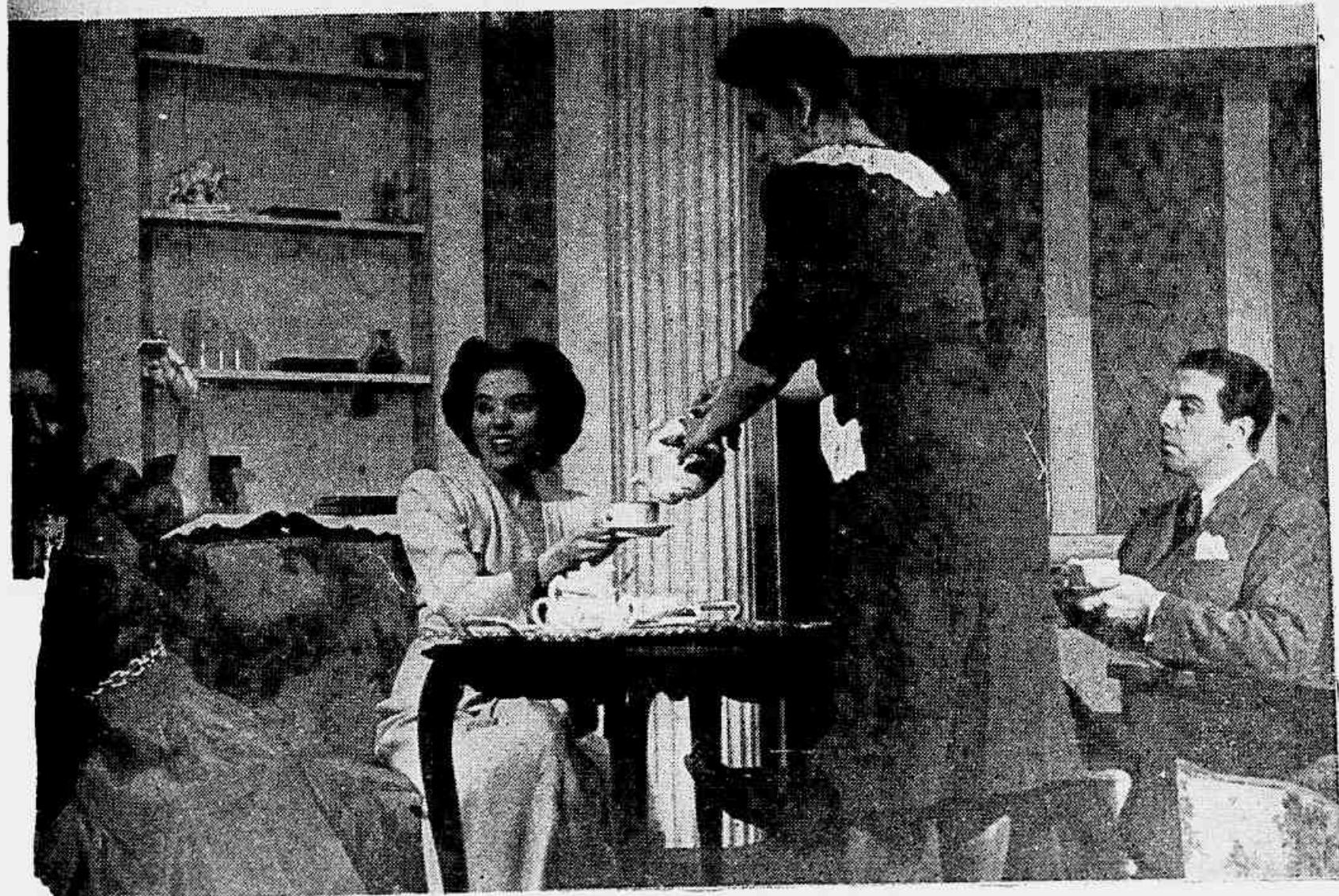
3 Matheus, professor de boas maneiras, entusiasma-se com Zuzu, prometendo dela fazer uma perfeita dama do "grand monde". Ministrando-lhe lições e erudição "à la minute", Matheus espera converter Zuzu na mais fascinante mulher da cidade. Ela se envaldece e, boa discípula, promete corresponder aos desejos do velho professor. Intimamente, já está cansando Gastão e dele se aproveitará apenas para seguir carreira.



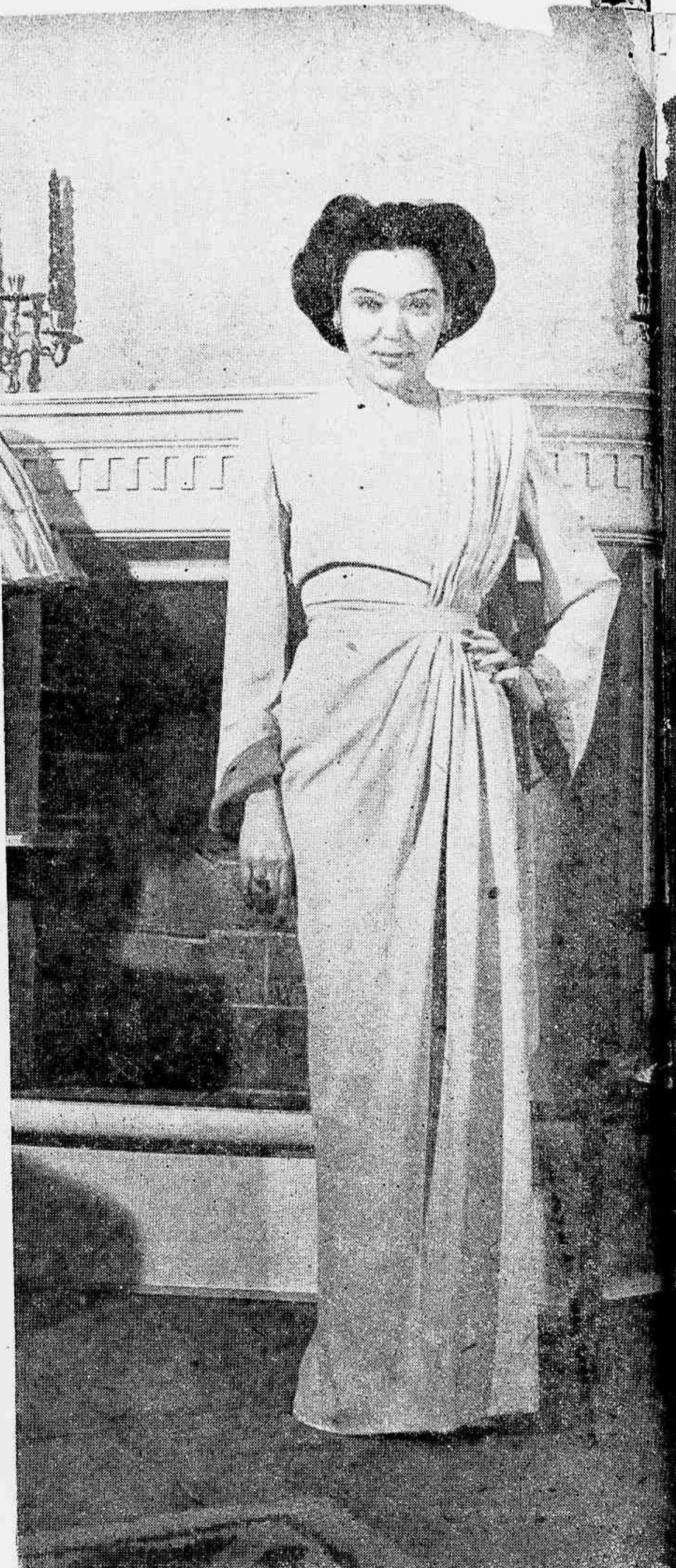
4 Agora Matheus ensaia Zuzu para frequentar a ópera em grande estilo. Ela deverá chegar tarde, com o espetáculo iniciado, "bancando" a indiferente e aplaudir com a pontinha dos dedos. Amelia aceita algumas lições de Matheus mas, desajeitada e pouco maleável, não corresponde. Zuzu, tipo da mulher que nasceu para "ascender", para as mais altas posições sociais, está triunfante. Mas Gastão prefere ficar em casa, de chinela e pijama...



5 Um dia, Roberto volta a visitar Zuzu, aceitando o emprego que ela arranhou para o antigo namorado. Mas também aparece Racinette, o sócio de Gastão, que ali foi ter para censurá-la por obrigar o velho a grandes gastos, e acaba de-lumbrado com as finas maneiras da pequena. Enquanto Gastão finge não tomar conhecimento desse novo "flirt", ansioso de paz e sossego, Roberto afasta-se ralado de ciúmes. Zuzu e Racinette parece que vão compreender-se...



6 E o "flirt" segue em bom caminho. Enquanto Ana, a criada, vai servindo o chá, Zuzu procura seduzir o sócio de Gastão, conversando sobre arte, literatura e elegância... Amelia mais uma vez demonstra não ter nascido para "granfina". E Racinette, que a princípio estava disposto a expulsar Zuzu da vida do sócio, termina convencido de ser muito melhor fazer-lhe a corte. Mulher assim, elegante e inteligente, é bem o seu tipo!



7 Quem está gostando dessa transição nos sentimentos de Zuzu é justamente o velho Gastão. Que delícia voltar ao sossego de outros tempos, tendo na pessoa do sócio o companheiro ideal para a pequena! Não mais perder noites na ópera, nos jantares, nos casinos, mas dormir o seu sono sossegado, que maravilha! Agora, pela primeira vez, Gastão regosija-se com o trabalho de Matheus. E aplaude as lições de fidalguia. Bravos a Matheus!

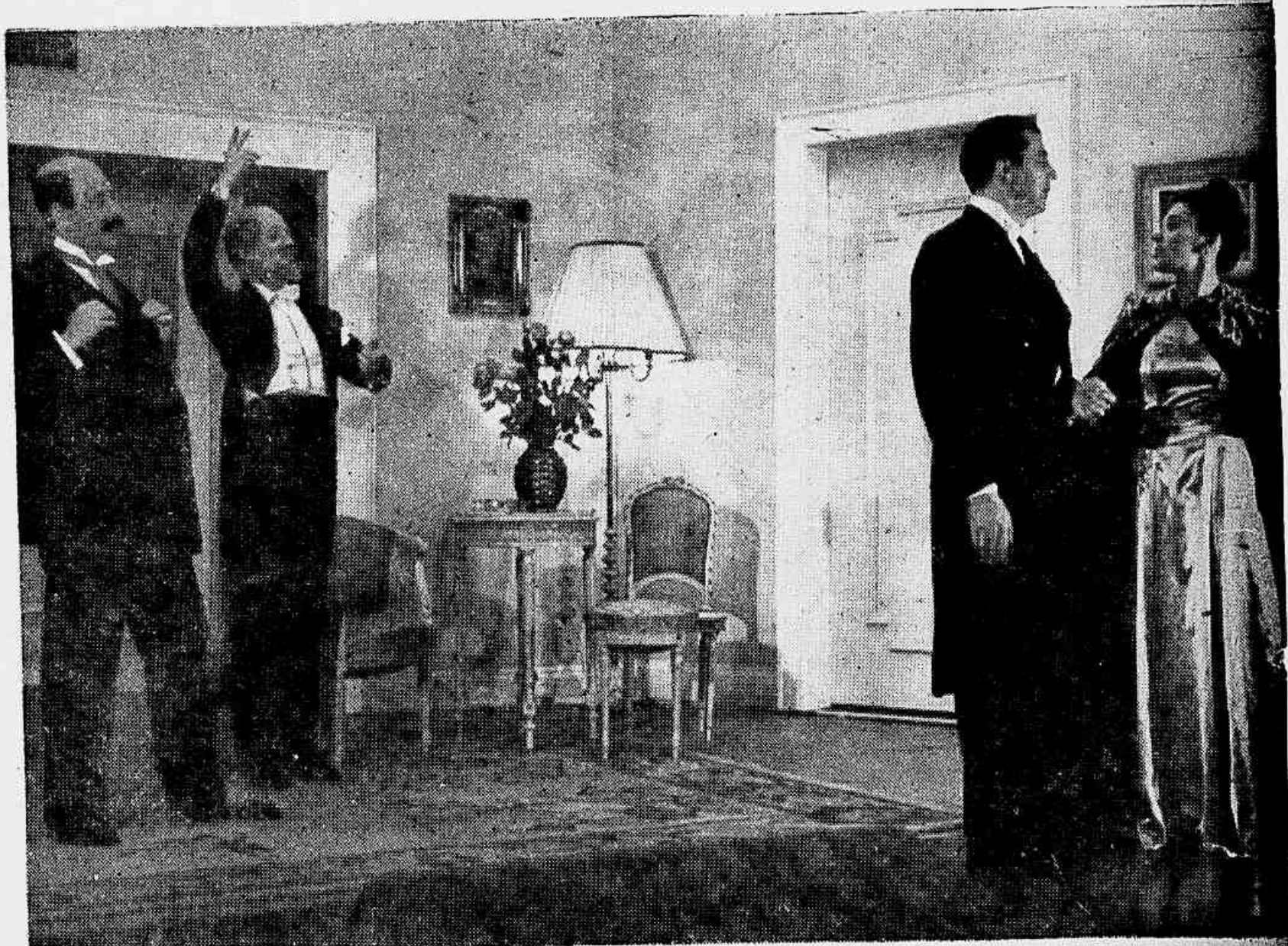




8 Todavia, Zuzu não é feliz. Ela tem saudades dos tempos antigos, quando vivia em paz, modestamente, com Roberto. Este, aparece para comunicar-lhe seu próximo casamento com uma companheira de seu novo emprego. Trocam um abraço e um beijo de despedida. Zuzu preferia ser a noiva, abandonando todo o fausto em que agora vive... Tem ímpetos de lhe dizer isso mesmo, contentando-se com o aparecimento de Gastão, que não compreende mais nada...



9 E a vida de ostentação continua! Amelia, desanimada de ser "chic", submete-se à condição de criada particular de Zuzu. Uma noite, vai divertir-se em um baile suburbano com o seu noivo. Zuzu desejaria acompanhá-la, vestir a "toilette" simples de quando era também operária da fábrica, dançar com um operário simplório e esquecer a vida artificial que agora vive... Mas as obrigações sociais não lhe permitem. E Gastão, feliz, fica em casa...



10 O aparecimento do professor de boas maneiras, naquele momento, é um pesadelo para a moça. Ela combinara com Amelia uma aventura à moda antiga. Chegou a vestir a roupa de quando era pobre. Apareceu, porém, Racinette para levá-la a um baile, e tem de trocar a "toilette" velha pelo mais caro e luxuoso vestido que custou uma pequena fortuna. Mais algumas recomendações de Matheus... O modo de sorrir, de cumprimentar, de fingir sempre...



11 E afinal, eis ao que ficou reduzida a vitoriosa carreira de Zuzu! Vestida naqueles trajes caros, ela julga-se a mais miserável das mulheres. Enquanto Amelia, naquele mesmo instante, deve estar feliz, dançando nos braços do rapaz humilde que a adora, Zuzu tem de representar a farsa detestável das convenções sociais. O baile a espera, o teatro a rigor, a elegância enervante de Racinette — e as lições perniciosas de Matheus.

*Souvent femme varie
Bien fol est qui s'y fie*

Segundo lenda, a ponta de diamante, Francisco I de França escreveu isto em janéla do castélo de Chambord. Disse porem Brantôme ser visto, ao lado da janéla, bem visivelmente escrito apenas: *Toute femme varie*. E conforme velho criado de Francisco I a letra era do rei.

Poderá a Historia mostrar que também *Souvent Homme Varie*? Digam-o documentos a seguir.

Em Montevideo, a 18 de Julho de 1821. Reunido o Congresso da Provincia Oriental cumpre-lhe decidir. Trata-se de saber se á Provincia convem unir-se á Monarquia Portuguesa e sobre que bases e condições, ou se pelo contrario há vantagem em constituir-se independente a Provincia ou se melhor é unir-se a qualquer outro governo, evacuadas do territorio oriental tropas de S. M. Fidelissima.

Preside a sessão o deputado João José Duran. Oram os deputados Jeronimo Blanqui, José Alagou e Francisco Llambi.

Após discussão de calor, o Congresso resolve por aclamação. Opta pela incorporação da Provincia, ao Reino de Portugal, Brasil e Algarves, comunicada a deliberação ao general Lecór, barão da Laguna, representante de S. M. Fidelissima.

Perante ela comparece o Congresso, jura obediencia, cumprimento, para fazer cumprir, ás bases constitucionais publicadas pelo Congresso Geral da Nação Portuguesa, á qual mandaria representantes.

Desmantela-se em breve o Reino Unido, privado da parte maior, o Brasil. Transforma-se este, é Imperio e a Provincia Oriental passa para ele como Provincia Cisplatina. Desta o representante, D. Lucas José Obes, não vai a Lisboa, sim ao Rio de Janeiro e ao primeiro Conselho de Estado do novo Imperio. Aclamam-o povos, cabildos, corpos militares cisplatinos, declarando todos o Imperio acrecido de nova provincia.

Feita a Independencia, mesmo sem se desfazer de todo de Portugal, tratou o Brasil de constitucionalizar-se. Reuniu Constituinte em 1823, dissolvida a assembléa, não sem morrer á humana, após Noite de Agonia.

Comissão de dez membros, alguns ex-constituintes elaboram Carta Constitucional sujeita ao exame e discussão de todo o Brasil por meio de suas Camaras Municipais.

Por seus cabildos a Cisplatina examina. Dos cabildos cisplatinos é primaz o *De la Muy Fiel Reconquistadora Ciudad de San Felipe y Santiago de Montevideo Benemerita de la Patria*.

Declara chegado o tempo de manifestar a Imperador do Brasil, "do modo mais espontaneo o amor á sua Augusta Pessoa, venerando com admiração as sábias maximas de seu Governo."

Segundo o Cabildo de Montevideo, "delirando, com sumo jubilo e entusiasmo eram dadas o maior apreço e estima ao projeto de Constituição redigido pelo Conselho de Estado sobre as bases oferecidas e apresentadas por Augusto Senhor, cujo sabio Codigo fôra reconhecido pelos Povos do Brasil em virtude de urgentissimas e solidas ideias de conveniencia publica".

O projeto constitucional do Brasil chegado ao conhecimento e exame dos Povos da Provincia Cisplatina mereceu-lhes aprovações consignadas em numerosas átas. Na do Povo de Carmen ficou proclamado que "Considerando não ter o Estado Cisplatino os elementos necessarios para constituir-se em Nação Independente, a razão, a conveniencia publica e privada ditavam a sua incorporação e confederação a um Imperio Poderoso, que o defendesse de invasões estrangeiras e de intrigas dos perturbadores da ordem interna.

Entre vivas "el Pueblo del Carmen" terminou a ata de 30 de Outubro de 1822. Levantou Viva "ao Imperador do Brasil, e do Estado Cisplatino, e Snr. D. Pedro I"; "Viva á incorporação do Estado Cisplatino ao Grande Imperio Brasileiro."

A reuniões de Cabildos Cisplatinos seguiam-se em honra e memoria da incorporação ao Brasil missas solenes, descargas de fusilaria, luminarias.

Emquanto tudo isto ocorria, D. José Valentim Gomes, Comissario do Governo de Buenos Aires, dirigindo-se ao Ministro dos Estrangeiros, Carvalho e Mello, pedindo resposta terminando sobre "a reintegração da

SOUVENT HOMME VARIE ESCRAGNOLLE DORIA

Provincia de Montevideo á de Buenos Aires", resposta aquela, ao vêr do Comissario, já bastante demorada.

"Carvalho e Mello ex-constituinte, um dos redatores da Constituição do Imperio, respondeu em peça diplomatica notavel, por demais longa para transcrição inteira.

Um argumento da nota, por principal, seja citado. Dizia que realisada a incorporação voluntaria dos cisplatinos, dos Montevideanos, consulta-os sobre desincorporação para união a Buenos Aires seria recurso desnecessario e fallivel".

Carvalho e Mello terminou extensa nota com estas afirmações:

"Não pôde o governo de S. M. I. á vista de ponderosas razões, entraram o de Buenos Ayres em negociação que tenha por base fundamental a cessão do Estado Cisplatino, cujos habitantes não devem abandonar, principalmente quando a convicção reciproca dos interesses provenientes da Incorporação, os empenhos mutuamente contrahidos a fidelidade que tanto distingue os Cisplatinos, a Dignidade do Imperio Brasileiro, são outros tantos obstaculos a qual, quer negociação que os comprometa.

Levando o exposto ao conhecimento do Sr. Comissario, declarava Carvalho e Mello, esperar ele que o Governo de Buenos Aires apreciando em sua sabedoria e imparcialidade os motivos que obstavam á sua pretensão, se convencesse de que o Governo Imperial nada mais obrava do que o proprio Governo de Buenos Ayres em semelhantes circunstancias, e que muito folgará de vêr estreitadas, cada vez com mais segurança e dignidade, as relações de boa harmonia existentes entre os dois Paizes".

A 6 de Fevereiro de 1824 datava Carvalho e Mello

D. PEDRO I ANTES DE 1822 E EM
1824 IMPERADOR DO BRASIL E DO
ESTADO CISPLATINO.



a sua importante nota ao Comissario de Buenos Aires, D. José Valentim Gomez. Em Maio de 1824, em Montevideo, jurava-se a Constituição do Imperio do Brasil por parte do Estado Cisplatino, com a fidelidade dos habitantes deste, lembrada em a nota de Carvalho e Mello.

O Cabildo de Montevideo decidiu dar ao áto do Juramento ceremonial analogo ao praticado no Rio de Janeiro a 25 de Março de 1824.

Para "la solemne Jura, la Muy Fiel y Benemerita Ciudad de Montevideo" não queria deixar-se vencer "por la Muy Leal y Heroica Ciudad del Rio del Janeiro".

Oragos, São Felipe e São Tiago deviam ficar a par de São Sebastião.

E o juramento de Maio de 1824 realisou-se com pompa, ordem, affluencia de escôl.

Foi o Cabildo montevidense buscar o capitão-general Barão da Laguna, figura primeira do Brasil na Cisplatina. De palacio sahio Lecór com grande acompanhamento, em procissão de duas fileiras no meio das quais conduzida, sobre coxim rico, a Constituição Brasileira, sustentado o coxim pelo Regedor Decano Alleres Mór. Não faltavam honras a um exemplar.

Para o juramento dirigiam-se todos a templo, a *Te-Deum Laudamus*, Momento houve em que comprimida assistencia vio o general Lecór chegar a mesa onde posta a Sagrada Biblia Vulgata na edição autorizada pelo Santo Padre Clemente VIII, consigna áta da solenidade.

Lecór ajoelhou completamente e com a direita sobre a Biblia levantou voz clara e inteligivel, dizendo sem que ninguém perdesse palavra: "Juro pelos Santos Evangelhos ser fiel á Constituição Política da Nação Brasileira, a todas as suas Leis, e ao Imperador Constitucional Defensor Perpetuo do Brasil Pedro Primeiro.

Finda a cerimonia seguiu-se marcha do cortejo para Casa Consistorial. Nela, sob dócel, foi colocado o coxim vermelho sobre o qual repousava o exemplar da Constituição Brasileira, forrado de veludo verde com guarnições de ouro.

Na sala da Casa Consistorial havia sido preparado um "refresco". Neste o primeiro brinde ergueu-o Lecór, acolhido entre palmas e aclamações o seu "Viva Nosso Augusto Imperador Constitucional".

O desenrolar de tais cenas foi acompanhado, em ocasiões proprias, por salvas de artilharia de todos ajuntado a repiques de sinos. Mal noite, Montevideo se iluminava festivamente e também se clareava por fogos de artificio.

Festas acabam logo, fogos de artificio ainda mais depressa. Após elas e eles tudo na Cisplatina parecia correr a mil maravilhas, para avisados o verbo parecer sempre a conjugar com alerta.

De acordo com a Constituição do Imperio, jurada sobre os Santos Evangelhos, o Estado tratou de eleger senadores e deputados á Assembléa Geral do Brasil.

Elegeu senadores a Cisplatina, um deles D. Damaso Larranaga que, representando concidadãos como dos mesmo procurador geral, saudando D. Pedro, ainda Principe Regente, usára destas expressões:

"Hontem não tínhamos Patria, hontem não tínhamos Soberano, hoje temos tudo! E temos mais que tudo, porque temos a Vossa Alteza Real. Está vencido o grande passo, a união da Provincia e do Imperio, e que resta será obra do tempo."

O tempo apressou-se. Em Maio de 1825, Pereira Sodré, consul do Imperio em Buenos Aires, avisava o seu governo:

"Já não há mais duvida de haver começado na Banda Oriental a revolução". Era o principio da desunificação cisplatina ao sopro de Buenos Aires.

Em Outubro de 1825, novo consul brasileiro em Buenos Aires, Falcão da Frota comunicava ao nosso governo imperial ter sido desacatado em sua residencia, á noite, por turba a levantar gritos hostis: "Morrão todos os Portuguezes, morra o Imperador do Brasil, morrão todos os amigos desse tiranno", "Morrá o consul", clamou a turba para que Frota se não julgasse esquecido".

Assim em Buenos Aires, também no visinho, mal-sinando todos quem fôra declarado "Imperador do Brasil e do Estado Cisplatino". Saudára-o tal o procurador da Cisplatina no Rio de Janeiro, proclamando D. Pedro "Iris de Paz". Mas mesmo no céu quão depressa se avizor o proprio Iris

FEMININAS



EVELYN KEYES (Columbia)

★ Você não deve perguntar insistentemente ao seu marido onde ele esteve e por que demorou a chegar. Não acostume o seu marido a mentir...

★ Sempre que puder, minha boa amiga, apareça a seu esposo bem penteada, discretamente pintada e perfumada. Ao despedir-se dele pela manhã, faça-lhe os maiores carinhos. A recordação desses carinhos o acompanhará o dia todo como um perfume poderoso...

★ O seu esposo é ciumento? Então não procure elogiar outros homens na sua presença. Diga-lhe sempre que seu amigo Fulano é muito antipático e que seu amigo Beltrano é insuportável. Ele ficará encantado com você!

★ Se seu marido chega em casa de testa enrugada e francamente de mau humor, ao invés de importuná-lo com perguntas indiscretas, corra à cozinha e prepare para o jantar o petisco de que ele mais gosta...

★ Se você considera a sua amiga perigosa ou, melhor, encantadora de mais, não lhe esteja inventando defeitos. Isto fará com que seu marido comece a olhar um pouco mais para ela...

★ Quando seu marido lhe ensinar alguma coisa que você conheça ainda melhor do que ele, não lhe diga que

já sabe. Os homens detestam as mulheres que sabem mais do que eles...

★ Quando você estiver palestrando em uma sala, tenha cuidado com o que diz se seu marido a estiver ouvindo. Ele deve estar confrontando você com as outras senhoras presentes...

★ Por maior que seja a sua revolta contra as criadas que a amotinaram o dia todo, não desabafe esse rançar com o seu marido. Ao invés de tomar parte no seu desatino doméstico, ele se aborrecerá de você...

Vestido em "jersey" azul claro com desenhos em azul mais forte; a blusa graciosamente drapeada; mangas de corte japonês, cintura larga, saia ligeiramente franzida; longas luvas sublinhando a distinção do conjunto; grande chapéu em palha azul marinho, com um leve friso em azul claro; brincos de porcelana azul. É Eleanor Parker que se apresenta, em toda a sua graça, dentro desta harmoniosa "toilette".

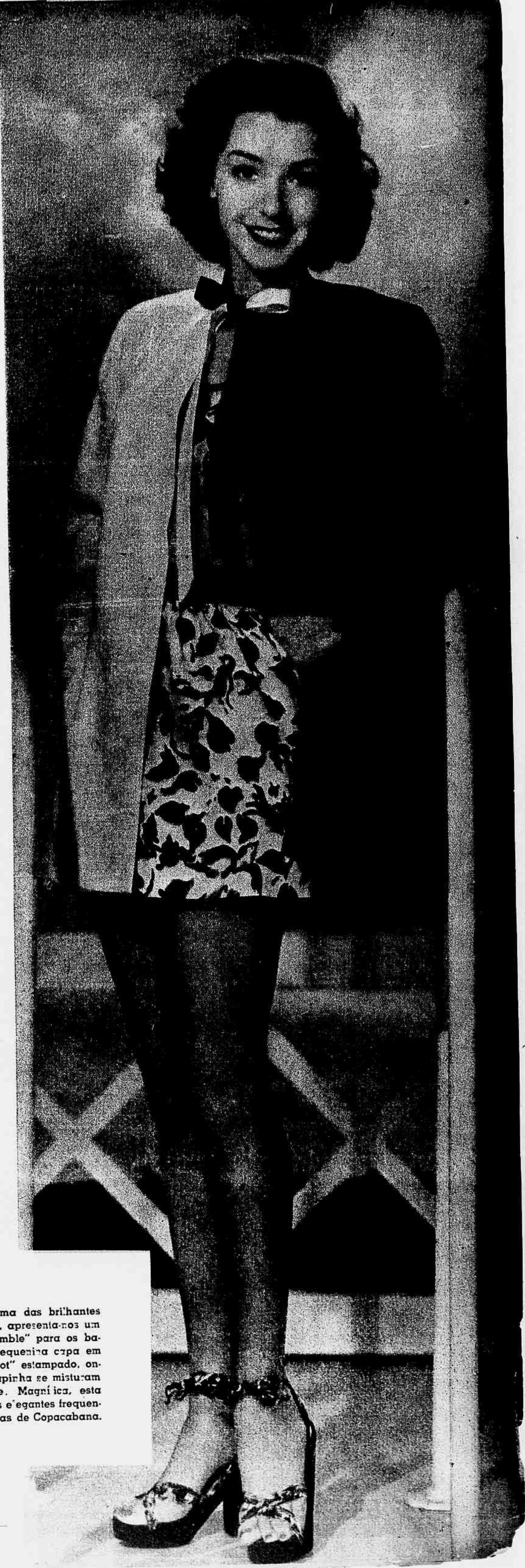


A MODA EM HOLLYWOOD



A beleza serena de Eleanor Parker, da Warner, se enquadra otimamente na distinção desta magnífica "toilette" em branco-e-preto. O graciosíssimo chapéu, em estilo "boneca", é confeccionado em "faillé" branco





Marsha Hunt, uma das brilhantes figuras da Metro, apresenta-nos um lindíssimo "ensemble" para os banhos de mar. Pequena crpa em dois tons, "maillot" estampado, onde os tons da capinha se misturam harmonicamente. Magnífica, esta sugestão para as elegantes frequentadoras das areias de Copacabana.

ASCLEPIADES, JULGADOR DE CONTOS...

Conto de HOMERO LOBO ★ Ilustração de MIGUEL H.

DEFOIS das clássicas pancadinhas no ombro, e do convite para o café, pus-me à disposição do Asclepiades, para ouvi-lo, certo de que muita novidade haveria de contar-me, tão longo fôra o espaço de minha ausência.

Asclepiades não mudara. Aquelas mesmas atitudes superiores, aquela mesma pasta sempre cheia e ainda aquela mesmíssima cara que lhe vaeu, no colégio, o apelido "joelho de óculos". E mais: aquela mesma maneira especial de tirar a cinza do cigarro com o dedo mínimo, esticando o braço, num gesto ensaiado e meticuloso.

— Us-me açúcar na xícara, perguntando, para atender ao apelo que adivinhava nos seus olhos:

— Mas então, Asclepiades, que há de novo?

— Nihil novi... E' do Ecclesiastes. No meu perambular por este mundo sórdido, nada tenho encontrado que satisfaça a minha exigência de esteta incompreendido. Mundo torpe! Sabes que fui candidato à Academia?

— Salve!

— Candidato, apenas, como tanta gente. Venceu a eleição um boneco inexpressivo... Minha vontade é renunciar a essa mania literária. Sinto-me deslocado, num mundo diferente. Tenho a impressão de que a literatura é hoje como uma dessas "troupeas" mambembes que só possuem três ou quatro cenários podres. Favela, "bas-fond", miséria, etc. Agora mesmo faço parte de uma comissão que julgará os contos de um concurso. Li-os todos, e só encontrei miséria e podridão...

E abrindo a pasta:

— Lê isto, se tens estômago...

Desdobrei a papelada, sorvi o último gole de café e dispus-me à leitura.

Percebi que Asclepiades se aprontava para advinhar-me o pensamento, através dos meus movimentos fisionômicos. Preparei-me para evitar qualquer traição dos músculos faciais, e iniciei:

"MOLEQUE DIOGO"

"Diogo não tinha pai nem mãe, não ia à escola e era preto.

Mas que garoto bom na bola de meia!

Eu admirava o Diogo porque ele podia ir onde bem entendesse, que ninguém tinha nada com isso. Podia andar, como andava, de calças compridas, umas calças muito grandes que arregaçava pelas canelas, uma camisa de meia, de listras vermelhas e pretas, cheia de furos, e aquele chapéu côco que o crioulo enterrava até às orelhas. Enquanto eu ficava preso aos exercícios que dona Maria passava para casa, Diogo treinava bola de meia. Como é que eu podia ser "crack" desse jeito?

Por isso é que eu admirava o Diogo. Para que estudar? Para depois ser funcionário? Eu já sabia o suficiente para ser funcionário. Já sabia assinar meu nome. Mas ninguém queria saber disso. Estudar, estudar, estudar... Com oprémio me davam livros de histórias e de poesias, quando eu preferia que me premiassem com a permissão de passear descalço, como o Diogo, e andar pelas ruas que quisesse...

O sonho do Diogo era ser maquinista da Estrada de Ferro. Eu não tinha sonho nenhum porque sabia que, no fim, eu ia era ser fun-

cionário mesmo. Ele era superior em muitas coisas. Tinha até sonhos...

Em sua casa, de tábuas de caixote, Diogo pintava bonecos na parede. Eu não podia pintar bonecos na minha. Quando tentei fazer a caricatura do presidente Epitácio na parede da cozinha, apanhei uma surra daquelas. Sempre assim...

Tinha vontade de pular a janela, de noite, e sair bestando por esse mundo, entrando e saindo por tudo quanto fôsse rua do subúrbio. E descalço, como o Diogo. Pisando nas pôças, como o Diogo. Mas era impossível. Tinha mesmo que continuar assim, porque toda a gente conhecia minha família, e não havia de faltar quem viesse contar o escândalo. Escândalo! Por que é que o Diogo podia fazer tudo isso? Uma coisa atôa que o Diogo fazia, — chutar o próprio cuspo — eu não podia fazer. Pelo menos foi o que compreendi com o cascudo que levei...

Recitar a "Caridade e a Justiça" é que era bonito. Uma coisa grande, que cansava a garganta da gente. Diogo não sabia nada disso e podia andar por onde bem entendesse, pisar nas pôças, chutar cuspo, etc...

E rezar? Diogo lá sabia reza alguma? Eu tinha de rezar antes de dormir, tonto de sono. Se Deus está em toda parte, deve estar, também, na casa dos que não rezam, como o Diogo...

Da estação podia ver-se a casa dele, com o quintal de chão preto, sempre úmido, com poleiros de bambu encostados nas laranjeiras, pôço, corda de pendurar roupa, bananeiras, namoeiros. Lá em casa era quase tudo cimentado. Cimento, cimento, cimento. Quando me disseram que a gente tem massa cinzenta na cabeça eu pensei logo no quintal lá de casa e na cabeça de quem cimentou aquilo...

Toda vez que o trem passava apitando eu pensava no Diogo. E pensava nele com o uniforme de maquinista. Diogo nasceu perto da estação da Estrada de Ferro e sempre morou ali. Sabia uma porção de coisas sobre a Estrada de Ferro. Horários, prefixos de trens, números de locomotivas. Eu gostava era de ouvir o Diogo falar em semáfora. Ele é quem me ensinou o que é semáfora. Achava engraçada a palavra na boca do Diogo. Era a jóia do seu vocabulário. Semáfora. Aprendia essas coisas com o tio, que era guarda-chaves, e com o pessoal da Estrada que fazia ponto na esquina da rua dele, em frente à vendinha do "seu" João.

Rua boa, a rua dele!

Cheia de capim, com um caminhozinho estreito no centro, e outros que o ligavam aos portões das casas. Diogo não podia passar nesse caminho sem arrancar um talinho de capim para mastigar. De dia andavam cabras e cavalos, soltos, pela rua. Mas na boquinha da noite aparecia menina de tudo quanto era casa, para brincar de roda. E era nessa hora que "seu" Sandoval gostava de ensaiar saxofone. "Seu" Sandoval era vizinho do Diogo. Tocava na banda. De dia era pedreiro...

E aquelas cantigas de roda, misturadas com ensaio de saxofone e resfolegar de locomotivas, na boquinha da noite, aquele capim, aquele cheiro de vala, aquelas coisas todas, sei lá, faziam ficar mais bonita a rua do Diogo. Minha rua era calçada. Engenheiro da Prefeitura tem massa preta na cabeça. Impossível que não tenha. Para que rua de as-

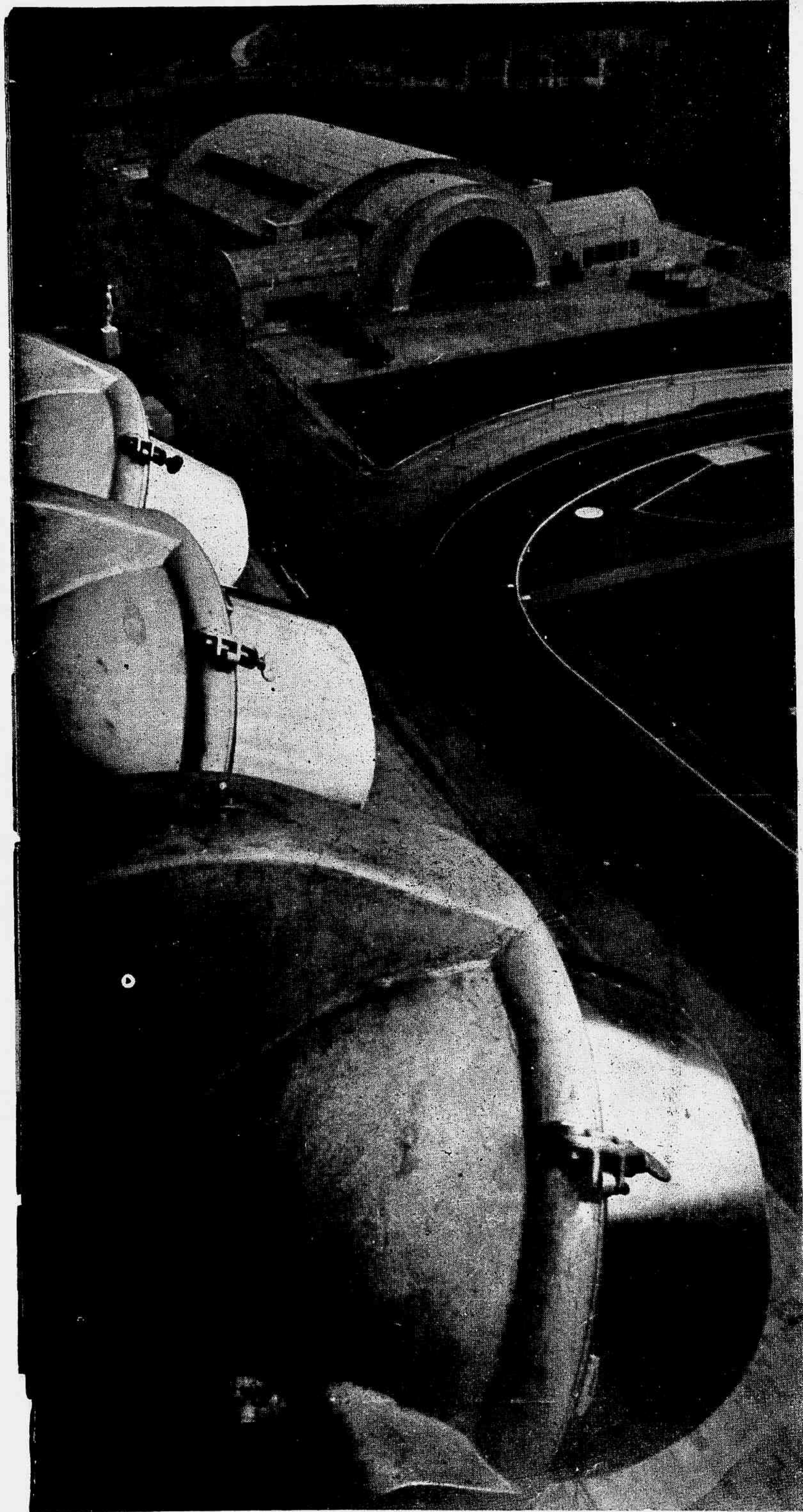
falto? Para passar automóvel, que não deixa as meninas brincar de roda, nem deixa a gente ficar parado para ver o céu, quando o dia morre...

Céu bonito!

Deus que me perdoe chamar aquele céu de bonito... Sempre que o olhava tinha a



impressão de que o haviam esmurrado até sangrar. As vezes eu esquecia a cantiga das meninas, o saxofone de "seu" Sandoval, o cheiro de vala, tudo, para pensar em quem poderia ter esmurrado o céu, assim, até sangrar. Imaginava mãos enormes, misteriosas, de algum gigante que se escondesse atrás das montanhas, e não gostasse da noite, da
(Continua na pág. 52)



O símbolo da grandiosidade arquitetônica da nova São Paulo tem-lo perfeito e nítido no aspecto majestoso do Estádio Pacaembu. Ali tudo é gigantesco e magnífico: Os blocos de cimento projetam sobre a área central do campo a sombra de suas lajes enormes e das colunas imensas. Lutando através dos séculos contra adversidades e intempéries, do planalto agreste e bárbaro de Piratininga conseguiram os paulistas edificar uma metrópole portentosa e exuberante de vida e de seiva, que é hoje um justo orgulho das novas gerações brasileiras e monumento digno erguido em honra ao trabalho e à perseverança de nossa gente. E dentro de São Paulo, onde os arranha-céus atiram para cima a arrogância do gênio construtivo da humanidade, o Pacaembu, erguido junto à montanha aliana, ladeado de palacetes de linhas dessemelhantes e heterogêneas, tem muito daqueles estádios romanos onde se podia congrega a população de toda uma cidade e cujas arenas poderiam comportar todos os leões da África. Em terra mesmo de estádio latino, o Pacaembu honra o esporte nacional e honra a cidade de São Paulo. As arquibancadas do grande campo desportivo, com uma capacidade de 120.000 espectadores, oferecem todas as comodidades possíveis num recinto dessa natureza. Comparável com os melhores e maiores estádios do mundo, a magnífica praça de esportes tem sido admirada e elogiada por quantos visitam São Paulo. E não só jogos esportivos como também grandes comícios políticos têm levado às arquibancadas do grandioso e monumental estádio multidões calculadas em mais de centena de milhares de pessoas, que ali podem assistir confortavelmente às grandes concentrações humanas. E as vozes dos políticos se erguem saídas da grande concha acústica, que aparece no fundo, em frente ao auditório aberto em forma de anfiteatro. A entrada, detalhes esculturais, reproduzindo os velhos clássicos, enfeitam o pórtico grandioso. Nesta página apresentamos dois sugestivos aspectos do grande estádio do Pacaembu: ao lado, uma vista da concha acústica e do anfiteatro, tomada de uma das torres de refletores; em baixo, uma das estátuas do pórtico.



Gráficas de São Paulo

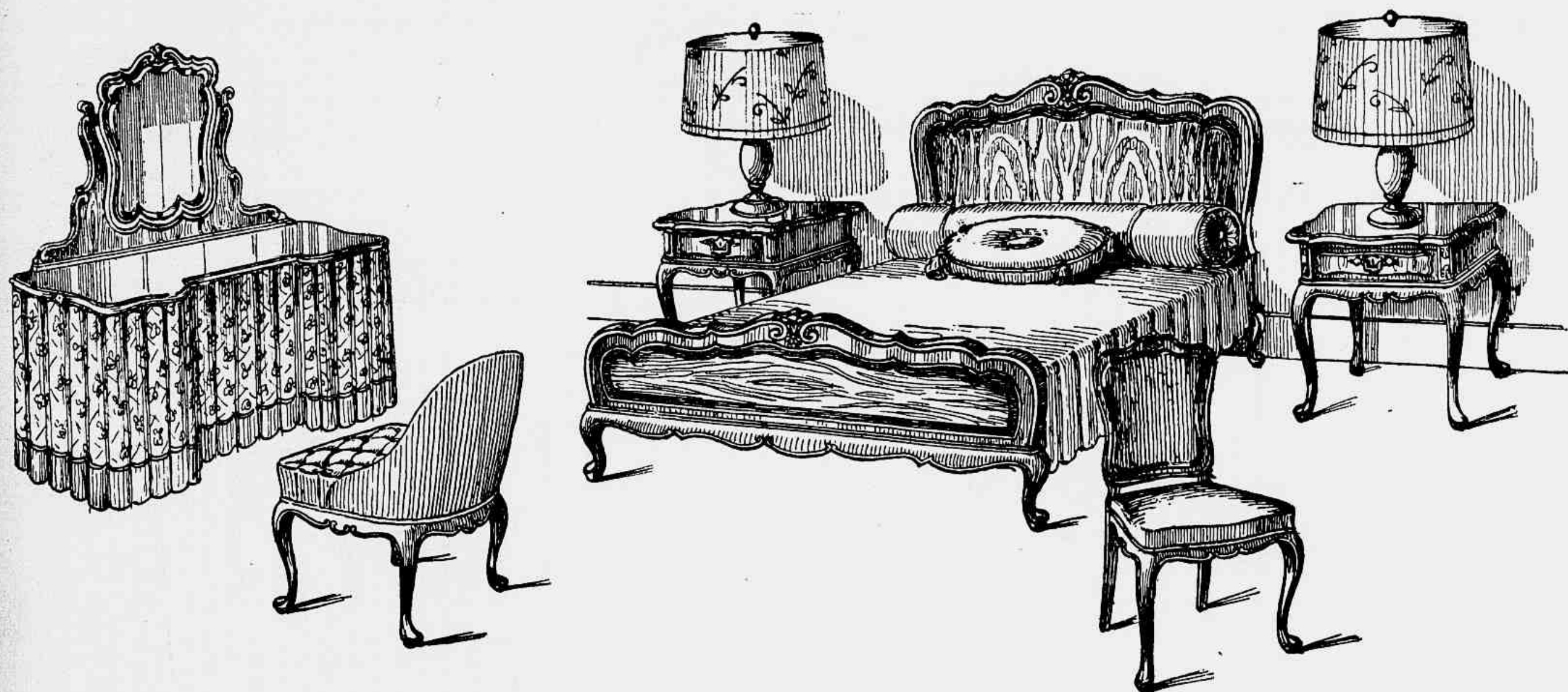


NEW FACES



Há um grupo de pequenas interessantes na "fil", com o pé nos degraus da escadaria do "estrelato" de Hollywood. Elas sobem esses degraus de três em três, na ânsia de alcançar os lugares que lhes estão reservados na via-látea da cidade dos filmes. Dentre elas selecionamos, nesta página, quatro, a saber: ao alto, à esquerda, Jean Heather, aclamada pela imprensa e pelo público uma revelação de classe. Participou em "O Bom Pastor" e "Pacto de Sangue". Agora vai filmar com Ray Milland, Olivia de Havilland e Sonny Tufts. À direita, em cima, Ann Richards, uma bonita loura que estreou em "An American Romance". Com Jennifer Jones e Joseph Cotten, participará em "Love Letters". À esquerda, em baixo, Nancy Porter, uma sugestiva "gl'amourosa" que apareceu em "Do outro mundo", com Eddis Blacken, Veronica Lake e Diana Lynn. Finalmente, à direita, Mona Freeman, tipo perfeito da "peça de estrêla", como se denominam as novatas. Ainda não tem filme que a recomenda, pois está no período de provas, aperfeiçoamento de "maquillage", treino de vestuário e maneiras de posar. Mas dizem que Mona Freeman será uma grande surpresa no ano vindouro.

(Fotos Paramount).



DORMITÓRIO DE LUXO

O dormitório de que damos acima o modelo esquemático, constitui um notável mobiliário para um grande palacete residencial, podendo ser trabalho em madeira clara, que mais condiz com as linhas curvas da cama e dos armários.

Entre as duas partes laterais do guarda-roupa estão postas as gavetas, que substituem perfeitamente o camiseiro. A cômoda deve ser posta em baixo de um espelho de bordas rendilhadas. O guarda-vestido é largo e simples. Os criados-mudos quadrados e altos. A penteadeira, com cobertura de espelho, deve ser forrada por uma seda pesada e com estampas de motivos florais. Uma cadeira lisa e uma poltrona estufada em cetim completam a peça.

MOBILIÁRIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REG. STRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Senhora Djanira Silva, esposa do nosso confrade Rubens, da Ada, cujo aniversário natalício transcorreu no dia 13 de setembro último, festivamente comemorado com uma animada ceia no "grill" da Urca.

FIGURAS E FATOS



Tenente-coronel Gilberto Marinho, chefe do Gabinete do chefe de Polícia, cujo aniversário passou a 15 de setembro último. Ajudante de ordens do sr. João Alberto na interventoria de S. Paulo, e também em igual cargo quando comandante da 2.ª Região Militar o general Góis Monteiro, exerceu depois o magistério no Colégio Militar, de onde saiu para ser chefe do Gabinete do ministro João Alberto na Coordenação, atualmente servindo ao Departamento Federal de Segurança Pública.



Flagrantes tomados por ocasião da recepção que o dr. Raimundo Ferreira e sua exma. senhora d. Eulalia Ferreira ofereceram em sua residência em Copacabana, no dia 8 de setembro p. findo, quando o ilustre casal festejou as bodas de prata. Foi uma reunião distinta, que teve o comparecimento de destacados elementos da nossa sociedade.

Flagrante obtido em Montevideu, no Ministério de Instrucción Pública, quando o sr. Elmano Cardim, diretor do "Jornal do Comércio" desta capital, realizava sua conferência sobre "Rio Branco", hombre de Imprensa".



Aspecto da missa em ação de graças mandada rezar, no dia 16 de setembro, na Candelária, pelos funcionários da Alfândega do Rio de Janeiro na data natalícia do dr. Xisto Vieira Filho, inspetor daquela repartição.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro
tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

Hidrex

ELEGANTE,
PRÁTICO E
ECONÔMICO

★
FUNCIONAMENTO
GARANTIDO
POR CINCO ANOS

★
O CHUVEIRO
"HIDREX" É O
COMPLEMENTO
DO BANHEIRO
MODERNO



O CHUVEIRO ELETRICO
QUE NÃO FALHA!



VENDAS COM GRANDES FACILIDADES PELA

"SERVE" Ltda.

LARGO DA CARIOCA, 5 - S. 503 - FONE 42-8391

A "SERVE" PODERÁ
FORNECER TODOS OS
APARELHOS ELÉTRICOS
INDISPENSÁVEIS NUMA
RESIDÊNCIA MODERNA

Livros

COLUNAS DA "NOITE", crônica de Filinto de Almeida, da Academia Brasileira de Letras — Livraria França e Estrangeira — Paris.

Colunas da Noite

Esta coleção de crônicas deve ter sido impressa em Paris há bons quinze anos. Por onde andou tanto tempo? Por que só agora aparece nas livrarias? Teriam concorrido para isso quaisquer dificuldades industriais ou comerciais da empresa editora; a falta de transportes; as leis de importação; as complicações alfandegárias? Dêmos, porém, aos biógrafos a tarefa de descobrir o que exatamente se passou com o livro de Filinto de Almeida durante os três lustros deste retardamento para nós inexplicável. E limitemo-nos à notícia de nossa estrita obrigação.

Os presentes trabalhos obedeceram a um contrato da *Noite* com seis membros da Academia Brasileira de Letras, os quais lhe deviam dar cada qual um artigo por semana, com plena liberdade de assunto, de orientação, de estilo e com uma restrição única: a do espaço a ocupar na primeira página do jornal. Talvez por causa dessa limitação, além da exigência do dia certo, em breve os colaboradores insignes deixavam de cumprir o combinado. Por excesso de imaginação literária ou falta de método jornalístico, revoltavam-se, desinteressavam-se, falhavam.

Em geral, não tinham vocação nem talvez bastante tempo para escrever tão pouco. E foram-se despedindo, um a um. Também Filinto de Almeida por fim se retirou, mas este porque ia gozar em Paris e em diversas viagens a temporada que sua família e ele próprio tanto desejavam. Quanto às faculdades e recursos de jornalista, deveras lhe sobravam. Desde muito moço habitara, militara, triunfara na imprensa. Redator, secretário, diretor de folhas, cultivara todos os ramos da profissão, sobretudo, isto é, com solicitude e amor especial, o mister que mais se aproximasse da literatura propriamente dita. Por isso o trabalho solicitado pela *Noite* sobremaneira lhe convinha e o deleitava. Como prosar — e até porque tal prosa lhe não suscibilizava a condição, a paixão de poeta — ali estava verdadeiramente no seu lugar e a seu gosto. Em dois anos, de 1919 a 1921, não faltou de certo uma só vez. E assim compoz este livro de observação e de emoção, precioso em tudo.

A segunda parte do volume traz o título *Reminiscências*; mas em todo ele essa feição mais ou menos transparece ou se faz adivinhar. Sucodem-se, de passagem ou com alguma demora no desenvolver do artigo, as lembranças duma existência longa de esforço, luta e ideal; campanhas sociais ou políticas; empreendimentos de arte; as propagandas abolicionista e republicana; a primeira fase da revista *A Semana*, de brilho e novidade extraordinários; a fundação da Academia Brasileira; e a fraternal camaradagem de Filinto com Valentim Magalhães, o convívio mais ou menos seguido, mais ou menos afetuosos dos poetas como Raimundo, Alberto, Bilac, Augusto de Lima; dos romancistas como Machado, Aluísio; dos tribunos e batalhadores como Tróvão e Patrocínio; de França Júnior, Artur e toda a gente de teatro, e toda a gente da imprensa e pintores, escultores, todos os artistas. Filinto de Almeida foi um dos homens que mais amigos tiveram no seu tempo — e neste mundo. O seu coração, grande como o seu talento poético, repartia-se e fazia-se amar por todos os corações. E dessa generosidade, dessa riqueza de benquerer e ser benquisto se forma, no presente livro, uma lição não apenas para intelectuais e estetas mas, a bem dizer, para toda a gente.

O ALBERGUE DAS DORES, contos e impressões de Francis James, tradução de Mário Quintana — Livraria do Globo, editora — Porto Alegre, 1945.



Entre as obras incluídas no plano editorial que denominou "Coleção Tucano", dá-nos a Livraria do Globo um padrão do engenho literário e da poética sensibilidade de Francis James.

É este um pensador e um esteta bem à parte. A vida mesma que adotou o veio a tornar "diferente". Depois de obtida, em estabelecimentos provincianos, a instrução que, a serviço do mais espontâneo talento, o poderia conduzir à conquista de Paris, fixou a sua existência na aldeia humilde de Orthez. Limitou tanto quanto possível os motivos de inspiração para mais profundamente o sentir e dar-lhes caráter, estilo mais seu. Consagrou versos a criaturas e coisas das mais singelas. Um carteiro rural lhe mereceu longa poesia, de imensa ternura. Outros temas assim apreendidos e externados lhe acarretaram louveres e ironias, conforme os temperamentos mais ou menos análogos mais ou menos contrários ao seu. No livro *A la manière de...* Paul Reboux e Charles Muller fazem ao poema do carteiro uma paródia implacável. Mas, na opinião André Gide, o misântropo de Orthez deu à poesia contemporânea uma das suas mais altas e mais puras expressões. Misântropo não será bem o termo. O que Francis James detestava não — de certo o convívio dos homens mas o aspecto e o ambiente das multões. Por isso se deixou ficar entre os seus poemas cristãos e as suas eclogas no logarejo onde veio a falecer aos setenta anos, barbudo como um anacoreta — como Tristan Bernard — e com um pouco de cheiro de santidade. Diversamente do que em tantos casos sucede, a morte não o tornou, como pensador ou artista, mais admirado. E, colocando-se entre Reboux — Muller e André Gide, uma antologia francesa de publicações recente o considera um "poeta cristão único no seu gênero", acrescentando, linhas abaixo: "...o seu estilo é, ao mesmo tempo, preciso e hesitante, desasado às vezes mas sempre fino e encantador."

Tais as qualidades marcantes, impressionadoras destas páginas de prosa a que foi dado o título *O albergue das dores*, baísmo do último trabalho. O primeiro, *Almeida d'Elremon*, que vai a setenta páginas, narra, com os seus antecedentes de preconceito solarengo e a suas bem humanas consequências, a história idílica passada entre a protagonista, filha de sangue e generosa de sentimento, e um pastor adolescente que, desce da sua montanha, quase a surpreende banhando-se numa ribeira, à boa lei da natureza. Vem depois curtas histórias, impressões de paisagens e de costumes, que lembram *novelas* lançadas ao mesmo tempo com leveza e intensidade; o diálogo alegórico entre uma ovelha tremeluda e uma mulher desgarrada que voltam a primeira ao aprisco a segunda ao lar; outras obras de observação subtil ou requintada imaginativa e todas, como disse a antologia, encantadoras.

A tradução apresenta algumas impropriedades, ora pelo emprego de formas demasiado vulgares, ora pela fidelidade excessiva, e subserviência ao pé da letra: "Que de tardes pesaram!" Chegada em casa... o grito ensourado do galo... a guitarra (de guitarra, viola brasileira ou violão)... será que é muito difícil?... as plumas do pavão... Apesar, porém, desses senões, não muitos em verdade, o trabalho do Sr. Mário Quintana é, em geral, brilhante.

Nova

IMAGENS DO BRASIL; versos de João de Albuquerque Maranhão — Rio de Janeiro, 1945.

Nestas imagens há um pouco de tudo. O poeta não escolhe nem de certo procura os motivos de inspiração. Eles se lhe deparam espontaneamente, no caminho natural da sua vida. E' só puxar do lápis e rabiscar ali mesmo, sobre o joelho, a nova página do livro que se vai formando.

Tal a impressão que nos deixam os versos do Sr. Albuquerque Maranhão. Mais ou menos trabalhados que na realidade fossem, parece terem-lhe vindo sem longo meditar, sem esforço algum. E, quanto ao tema da composição, tudo lhes convém: figuras da História e da Lenda; símbolos de patriotismo, de heroísmo e de fé; aspectos urbanos, quadros da natureza, árvores isoladas, pássaros avulsos — entre estes um reusinal do Amazonas, comparável a um chefe de tribo e a Deus Nosso Senhor: "como um belo Tuchaua onipotente". A parte do volume intitulada *Ad immortalitatem* compõe-se de sonetos consagrados a Machado de Assis, Euclides da Cunha, Olavo Bilac, Clovis Bevilacqua, Oswaldo Cruz, Pereira da Silva, Tiradentes e João Pessoa. E, de vez em quando, surge-nos uma peça poética, tal o *Hino à arte* que, sem prejuízo da naturalidade sincera, faz lembrar os alexandrinos de tão intenso e rigoroso labor, de Emilio de Menezes:

*Arte, és meu natural e supremo conforto
No pesar de viver entre as dores do mundo
Prostrado, aos teus pés, na terra, que é meu Horlo,
Em teu culto encontrei um consolo profundo.*

*Nos versos, que burilo aos céus eu me transporto
E, alheia da vida e do Mal infecundo,
Tímoneira do azul, a minh'alma acha um porto
No oceano de Luz do Sonho em que me inundo.*

*Amando na mulher escultural, perfeita,
As formas divinas com que o mundo sujeita,
E' a ti, Deusa imortal, a quem meu prelo elavo:*

*Em holocausto me dou ao teu culto profano,
E a ti é que consagro este amor, com que devo
Em meu verso plasmar o sentimento humano.*

NÃO PROCURES SER MELHOR DO QUE ÉS, "conceitos, pensamentos, reflexões" de A. Machado Paupério — Irmãos Pongetti, editores — Rio de Janeiro, 1945.



O Sr. Machado Paupério dedica a seus filhos estas páginas em que o pensamento e o sentimento colaboraram, immanados. São lições rápidas sobre temas de justiça, trabalho, bondade, amor. Sem a pretensão — diz o autor em curto antelóquio — de criar obra altamente literária; e sem de certo visar a notoriedade dum La Rochefoucauld ou dum Maricá, realizou o Sr. Paupério um compendio de moral, de cuja leitura todos os jovens tirarão proveito. Quanto às pessoas de certa idade em diante, ou pensam e sentem pouco mais ou menos aquilo ou, como vulgarmente se diz, não tem mais concerto. E', pois, um livro para a mocidade. A clareza da concepção e a singeleza do estilo mantem-no ao alcance das inteligências que começam a interessar-se, a querer deveras aprender. E, não sejamos de todo pessimistas: talvez um ou outro indivíduo de maioridade, percorrendo com atenção estes capítulos, lhes colha os benefícios e efeitos para o espírito como para o coração.

Eis alguns dos conceitos capitais que o autor estabeleceu e aos quais, um por um, deu certo desenvolvimento:

- Não procures parecer melhor do que és. E' sempre preferível sermos melhores do que parecemos.
- Eleva-te. Julga com benevolência o teu semelhante mas sê severo no julgamento dos teus próprios atos. Só podes ascender no domínio do espírito.
- Nunca te esqueças de que é preferível errar de boa fé a acertar com segundas intenções.
- Não faças da tua profissão um simples meio de ganhar a vida mas um modo de utilizá-la em benefício de teus semelhantes, merecedores, como tu, da cooperação de todos os membros da família social.
- Nunca dês em nome da caridade aquilo que é devido por justiça: em vez de magnânimo, mostrar-te-ás usurpador.
- Ao teu superior nunca deixes de tratar com respeito, mas ao teu inferior dá o tratamento que de ti merecem aos teus iguais e os teus amigos.

CORTESIA (Código Moderno das Boas Maneiras) — Margery Wilson — Tradução e adaptação de Gilda Marinho — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre.



buem para a popularidade e êxito pessoal, evitando, muitas vezes, o embaraço e o ridículo criado por situações difíceis.

"Cortesia", de Margery Wilson — livro publicado originalmente para o público norte-americano, cujos usos e costumes sociais variam, em pequenos detalhes, dos nossos — foi objeto de uma cuidadosa revisão e adaptação aos usos e costumes brasileiros. Esta adaptação, efetuada por Gilda Marinho, valorizou a presente edição, sem desmerecer os méritos da obra original, sabendo-se que as práticas e os costumes de uma sociedade polida requerem a se originam na lei natural da ética humana, sendo, por assim dizer, preceitos universais.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Faça seu nome ressaltar com Brasso!



A Debilidade SEXUAL e o seu Tratamento moderno

Brown Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal afirmando sentir nova mocidade, resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social cujo nome é PANSEXOL.

Um tônico estimulante indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral das reservas do organismo, com especial referência aos órgãos da sexualidade, aos quais reanima, dando-lhes nova vida e vigor. PANSEXOL existe uma fórmula para cada sexo Masculino e Feminino. Encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. AUSTREGÉSILO

Remetemos, pelo reembolso postal — Cr\$ 25,00 o vidro
Produtos Panvital — Rua da Estrela n.6 — RIO DE JANEIRO



**CABE A SRA.
PROTEGE-LOS
CONTRA O**

*Inimigo
Invisível*

**COMBATA O SEU
"INIMIGO INVISÍVEL" ASSIM:**

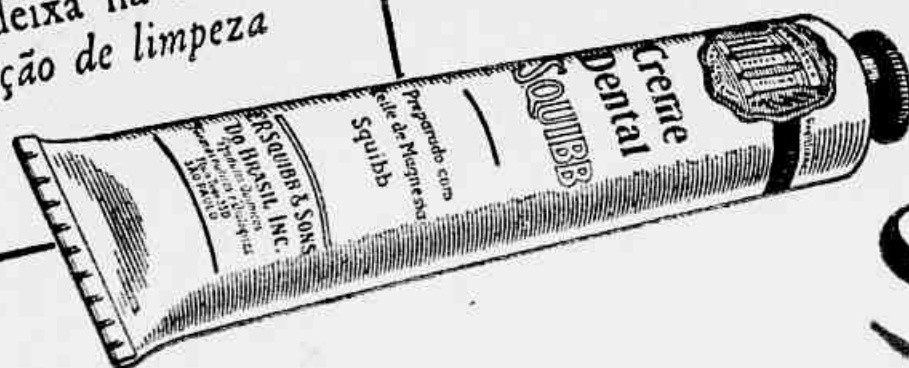
- 1) Escove os dentes com Creme Dental Squibb, pelo menos duas vezes por dia. Isso garante uma limpeza eficiente e segura.
- 2) Depois, antes de enxaguar a boca, espalhe o Creme Dental Squibb, fazendo-o atingir todos os dentes. Isso proporciona-lhe o benefício completo da ação neutralizadora do Leite de Magnésia Squibb — combatendo assim seu "inimigo invisível" — a perniciosidade bucal de origem bacteriana. Além disso, você sentirá que o Creme Dental Squibb deixa na boca uma agradável sensação de limpeza e frescor.

**A preocupação máxima das mães
é a saúde e a robustez dos filhos**

Mas... a sra. sabia que um "Inimigo Invisível" poderia estar agindo dentro da boca de seus filhos... conspirando contra eles... constantemente? Esse "Inimigo Invisível" é a acidez bucal de origem bacteriana. Não respeita nem idade nem as esperanças do pais.

E, agindo continuamente, pode causar a cárie dental.

Por isso, é AGORA que a sra. deve ensinar seus filhos a combater o "Inimigo Invisível", limpando os dentes com regularidade. Use o Creme Dental Squibb duas vezes por dia.



CREME DENTAL

SQUIBB

**SUA BOCA
PRONUNCIARÁ
SEMPRE
UMA PALAVRA:
SAÚDE!**

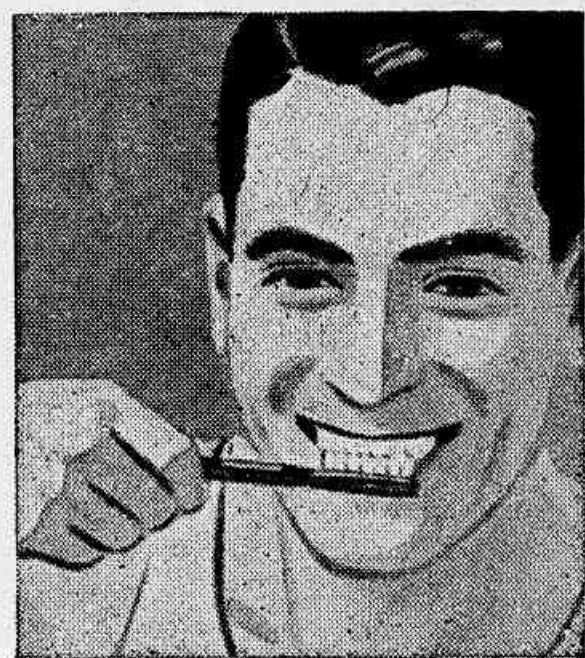


COM O USO CONSTANTE DE KOLYNOS!

Observe como os dentes se conservam mais sãos e formosos com o uso de Kolynos. Isto se deve à ação antiséptica desse creme dental! A borbulhante espuma que produz uma pequena quantidade de Kolynos penetra em todos os recantos da boca, limpando-a completamente e proporcionando um hálito fresco e puro. Um centímetro de Kolynos na escova seca fará com que a sua boca sugira sempre esta impressão de saúde,

através da qual se irradiará a simpatia da sua personalidade. Kolynos é um creme dental completo, porque alia ao seu poder verdadeiramente antisséptico uma sensação de frescor e um perfume saudável para o seu hálito.

Estes são os motivos por que mais dentistas e mais famílias usam e recomendam este creme dental concentrado que custa muito menos porque rende muito mais!



Limpa mais...
agrada mais...
rende mais...

**LIMPE todos os
recantos de sua boca
usando o CREME
DENTAL
COMPLETO!**

* Ouça na Rádio Nacional, às 2.ªs feiras
às 21,35 o Rádio Almanaque Kolynos!.



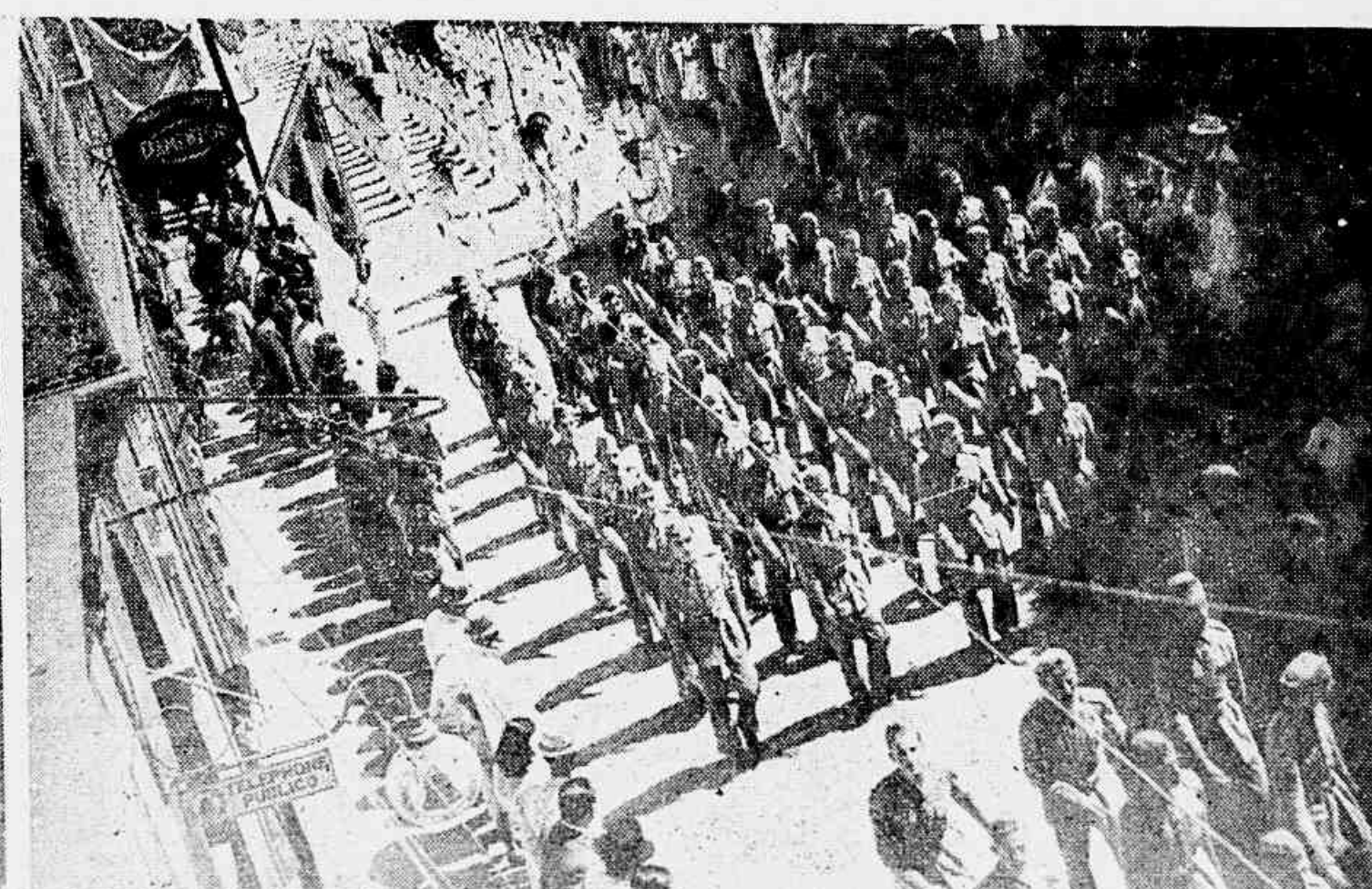
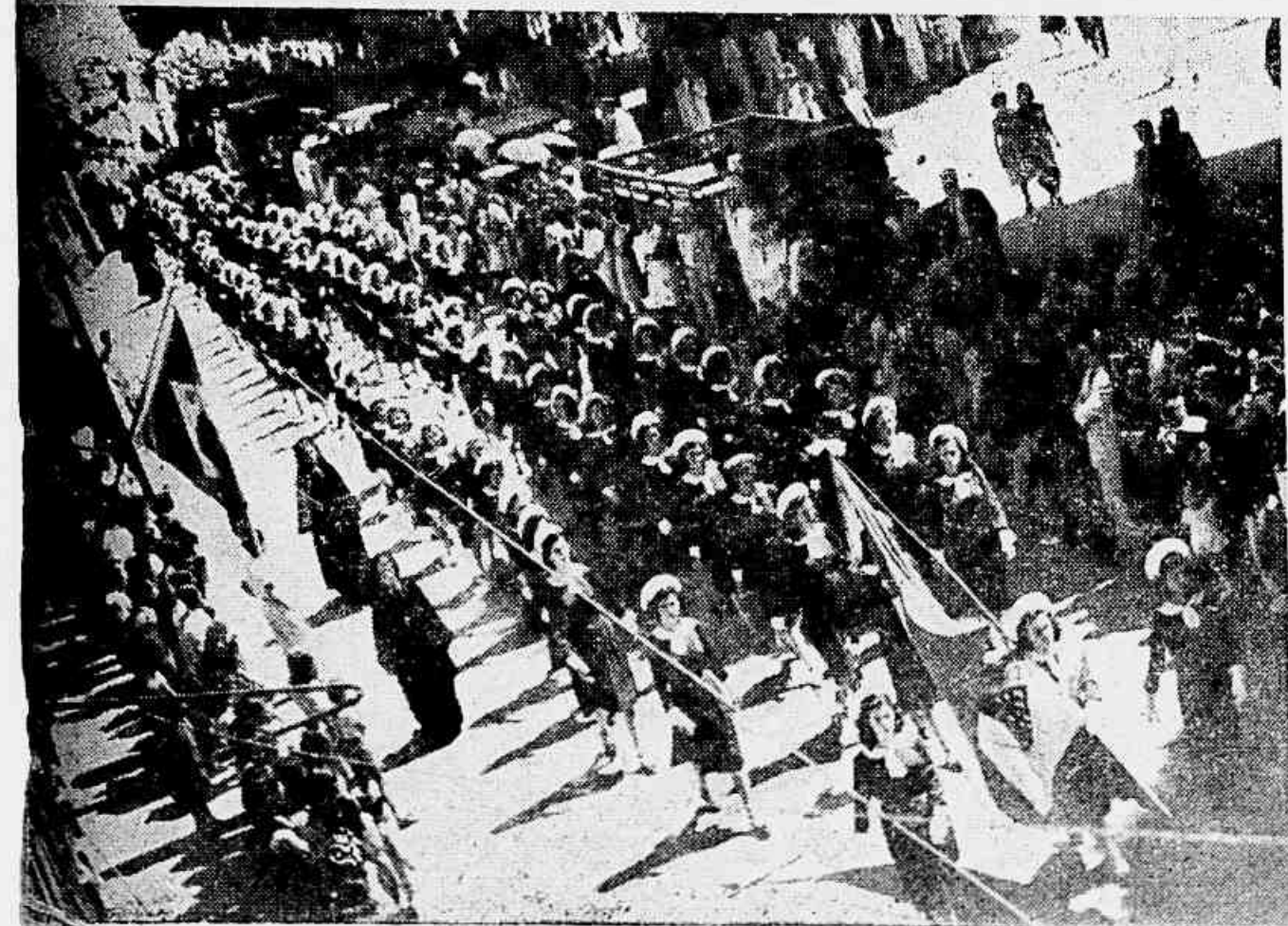
Aspecto da cerimônia inaugural da Exposição, tirado no momento em que falava o sr. Ruy Alves de Araujo, representante do secretário da Agricultura de Minas Gerais. Estão presentes o prefeito Pio Soares Canedo, srs. Candido José Monteiro de Castro e José Clovis Canedo, membros da Comissão Organizadora, altas autoridades civis e militares, jornalistas e convidados.

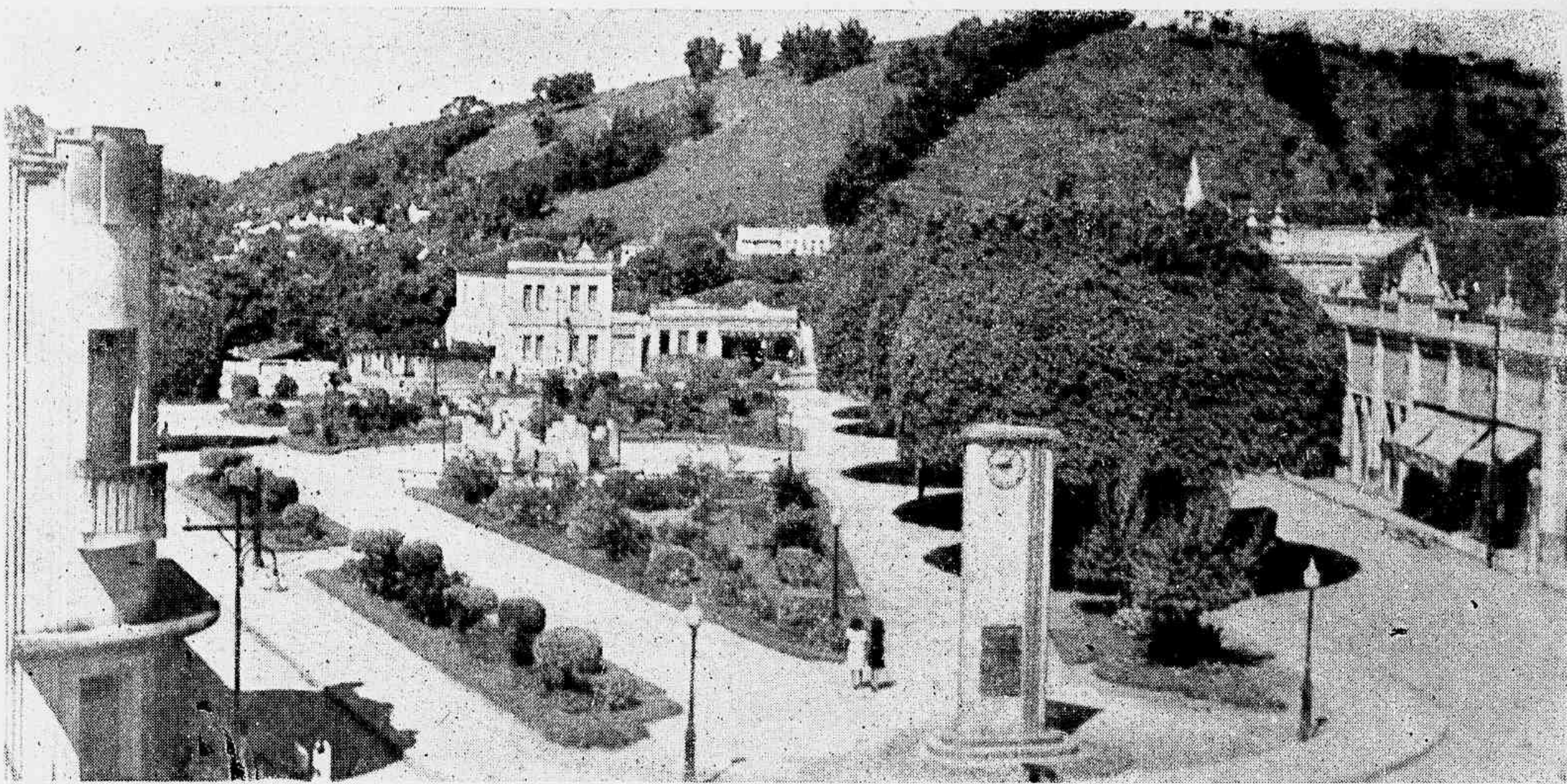
MURIAE' E A SUA TERCEIRA EXPOSIÇÃO AGRO-PECUARIA E INDUSTRIAL



Flagrantes do banquete oferecido pelo Rotary Club de Muriaé aos visitantes e membros da Comissão Organizadora da Exposição. No da esquerda, está com a palavra o sr. Antonio Atila Brandão, representante do Rotary Club de Carangola, e no da direita, aparece discursando o sr. José Clovis Canedo, um dos membros da Comissão, fazendo o agradecimento.

Em baixo — Dois aspectos da parada de 7 de Setembro em Muriaé, vendo-se, em primeiro plano, a Escola Normal São Paulo, das Irmãs Marcelinas, na foto à esquerda; e na da direita, o Tiro de Guerra de Leopoldina. O referido desfile constituiu uma imponente comemoração do dia da nossa emancipação política na próspera cidade de Muriaé.





Grande cidade, tôda calçada, cuidada com carinho e esmero, Muriaé constitui uma surpresa para o visitante. Lindas praças, como a João Pinheiro, cuja fotografia estampamos acima, enfeitam aqui e ali a cidade, que se estende por uma grande área edificada.

Conhecer Muriaé — cidade próspera e feliz, linda cidade que tem como ornamento de fino labor os dotes incomparáveis de fidalguia dos seus filhos — é, em qualquer ocasião, um deleite espiritual. Mas conhecer Muriaé durante a sua maior festa, a mostra anual agro-pecuária, é experimentar uma dessas emoções que jamais se desvanecem, é viver alguns dias num recanto paradisíaco da terra. Foi assim que vimos Muriaé pela primeira vez, recebidos com requintes de galantaria, que nos tocaram de perto o coração. Vimo-la cheia desse sadio entusiasmo próprio das gentes que se escudam na bondade, no amor e no trabalho perseverante, fazendo dessa trilogia o seu harmonioso "savoir-vivre". Bebemos encantados na taça da sua generosidade, vibrámos com as suas alegrias, nos empolgámos com a força irresistível do seu progresso, testemunhámos o seu esforço realizador. Pedaco abençoado da terra mineira, Muriaé ficou na saudade dos que a visitaram como uma recordação imperecível.



A Terceira Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Muriaé foi uma festa de oito dias, sem intermitências nem desânimos. Do banquete oferecido pelo Rotary Club local aos visitantes e membros da Comissão Organizadora do certame, no magnífico Muriaé Tennis Clube, aos cock-tails em homenagem aos representantes da imprensa e aos julgadores, funcionários e colaboradores da Exposição; dos esplêndidos bailes nos salões daquela agremiação social às noites artísticas e dançantes no recinto da festa; do desenrolar propriamente do "meeting" aos encontros esportivos no estádio local, tudo se sucedia como se um elo invisível ligasse os acontecimentos e os transformasse num só. E não faltaram as manifestações patrióticas, com a garbosa parada das corporações militares e escolares naquela radiosa manhã de 7 de Setembro.

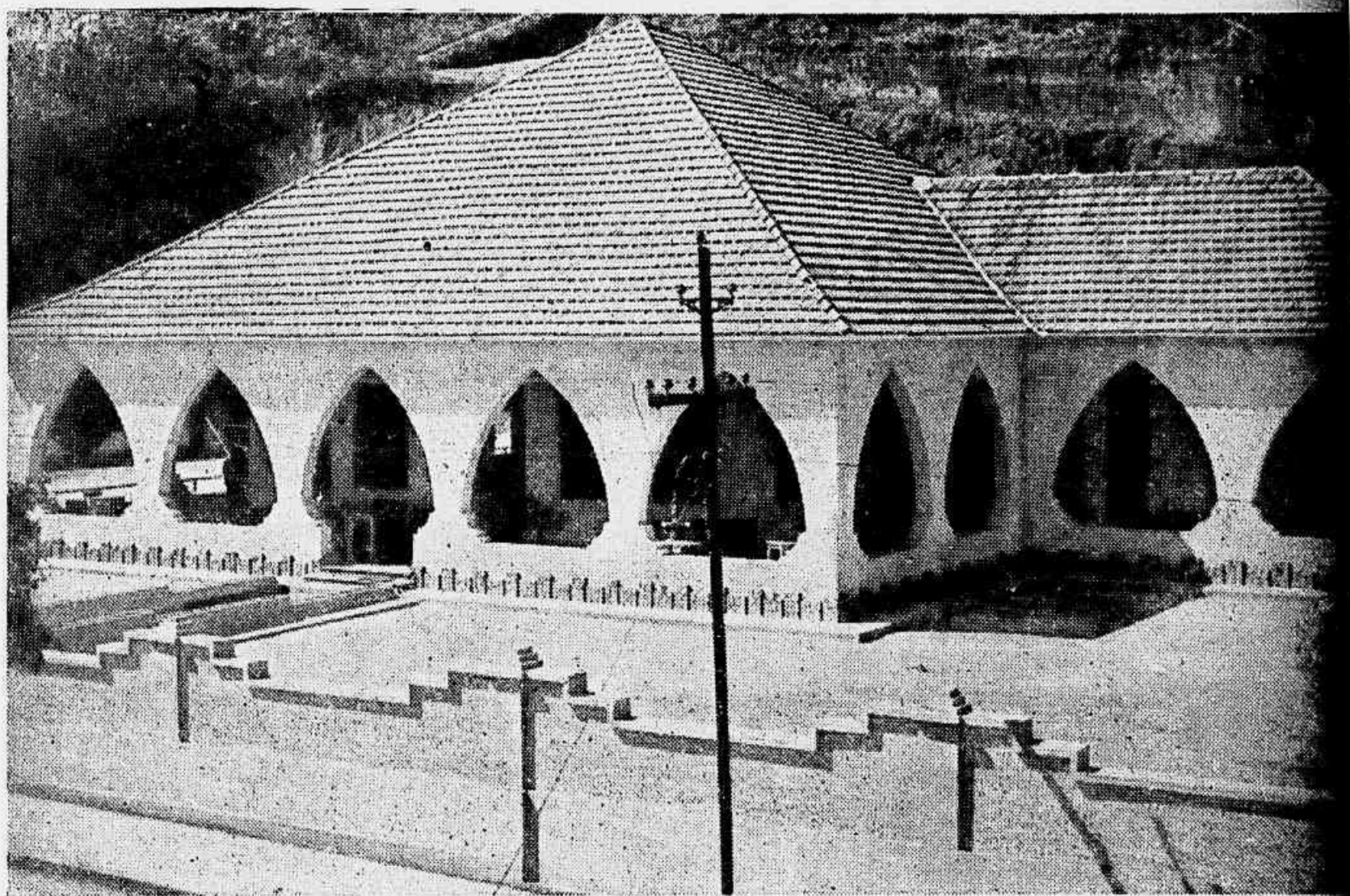
Dentro desse soberbo panorama avultava a figura ímpar de Pío Soares Canedo, o amável prefeito de Muriaé, que tão bem encarna os sentimentos de nobreza de um povo que só sabe falar sorrindo e sorri de braços abertos. Pío Canedo, que se desvelou para com os jornalistas presentes em Muriaé, tornando-se merecedor da manifestação que de público lhe prestámos no recinto da Exposição, formou com José Clovis Canedo e Candido José Monteiro de Castro, dois outros verdadeiros "gentlemen", a Comissão Organizadora da Terceira Exposição, no desempenho de cujas funções deram extraordinária vida ao certame, do qual a parte social e artística teve êxito inconfundível. A propósito, queremos nos referir ao "show" que se exibiu, formado por artistas de renome no nosso "broadcasting", onde se destacaram Arthur Costa, Jorge Velga, Linda Rodrigues, Maria Helena, Leite e Lazinho, a Orquestra Afro-Brasileira e outros. Merecem também especial registro as reuniões dançantes no Muriaé Tennis Clube, coroadas com o esplendor do baile de gala. E as justas esportivas, reunindo os conjuntos do Atlético Mineiro e do Nacional, de Muriaé, e do "scratch" da Zona da Mata, realizadas no estádio local, e que tanto contribuíram para o brilho da Exposição.



No que se refere à mostra de animais, a Exposição de Muriaé obteve pleno sucesso. Numerosas raças puro sangue ali estavam representadas, atestando o desenvolvimento da pecuária muriaeense. Também concorreram expositores de outros municípios mineiros e fluminenses, cooperando para a grandeza da reunião. A agricultura e a indústria contribuíram com sua parcela, demonstrando com os produtos expostos o grau de desenvolvimento que essas fontes de riqueza experimentam, dia a dia, em Muriaé.

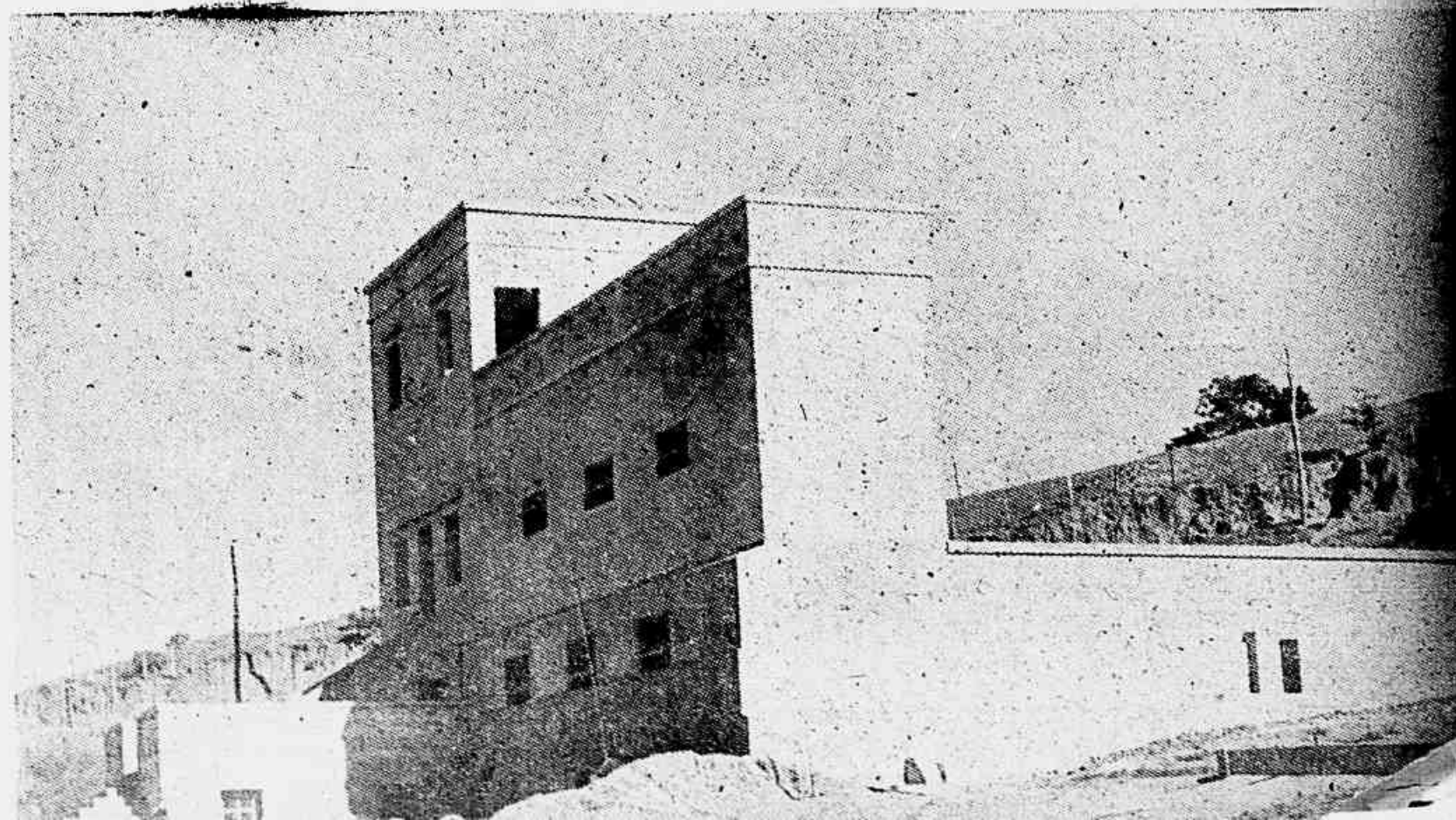


Tivemos oportunidade, a convite do prefeito Pío Canedo, de visitar os serviços de tratamento d'água que se estão ultimando, construídos



O Muriaé Tennis Clube é uma das grandes atrações da cidade. Prédio excelentemente construído, dispondo de um grande salão para danças, rodeado de linda varanda, possui ótimas instalações para os fins esportivos a que se destina como sejam quadras para tennis e basket-ball. A sociedade de Muriaé conta, assim, com um belo centro de reuniões elegantes, que durante a 3.^a Exposição foi teatro de festas de raro esplendor. O Muriaé Tennis Clube é um marco do progresso da cidade que lhe deu o nome.

Na fotografia abaixo vemos o prédio do serviço de tratamento d'água, que está sendo construído em Muriaé. Convidados pelo prefeito local, tivemos oportunidade de visitar as obras, que já se encontram quase concluídas. É um serviço perfeito, obedecendo aos mais rigorosos preceitos da técnica moderna. Muito breve a cidade passará a usufruir as vantagens de um abastecimento d'água tratada por processos higiênicos, com capacidade para um período de mais de 20 anos, já previsto o aumento da população.





A esquerda — "Itá", Indubrasil, 6 meses de idade. Filho de "Oceano", este puro de pedigree e classificado campeão da raça. "Itá" foi muito apreciado na 3.^a Exposição de Muriaé. A direita — "Marajá", Indubrasil, 3½ anos. Reservado Campeão da Raça na mencionada Exposição.

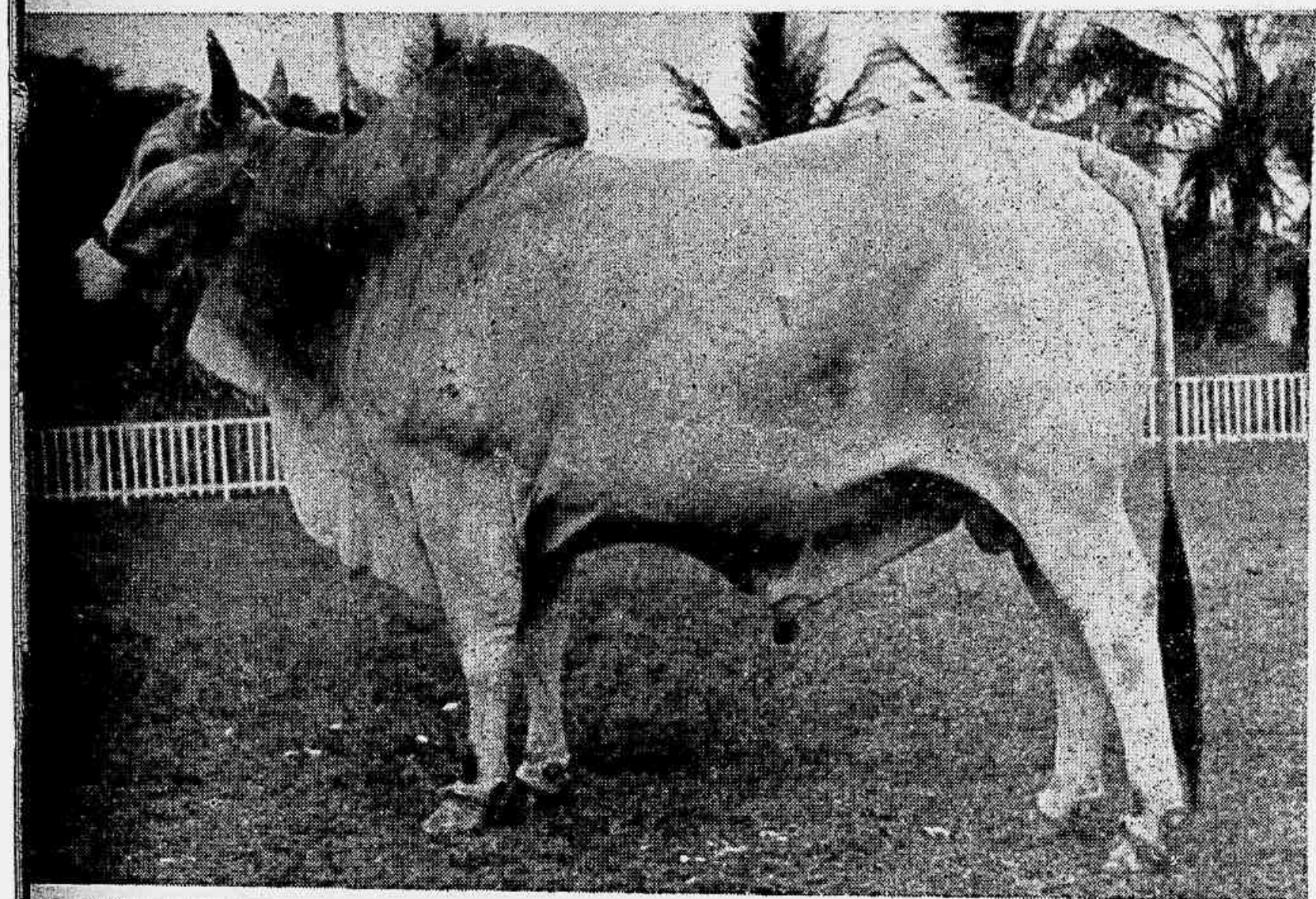
FAZENDA ENTRE FLÔRES

de

José Barbosa do Amaral

PALMA

MINAS GERAIS



"Príncipe", Nelore, 5 anos. 1.^o Prêmio da 3.^a Exposição de Muriaé.

FAZENDA FILADÉLFIA

de

José Pires de Azevedo

CRIADORES DE NELORE DESDE 1942

LEOPOLDINA

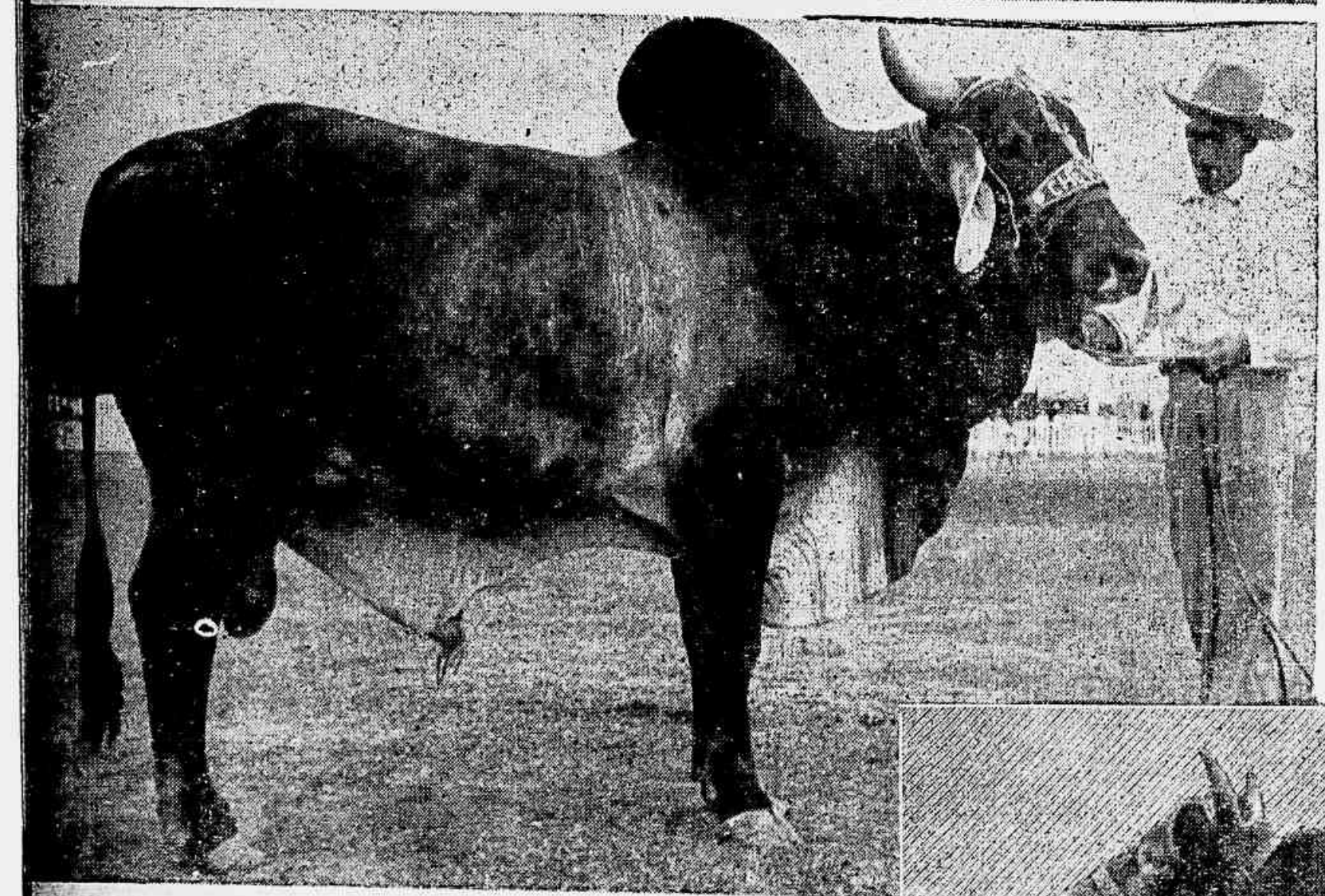
MINAS GERAIS

pelo Município, obra de acentuado vulto e perfeição técnica, que irá dotar Muriaé de um grande melhoramento em defesa da saúde da população, e da qual fixamos um aspecto no corpo desta reportagem.

★

Concluindo, queremos mais uma vez externar a nossa gratidão às autoridades e ao povo de Muriaé pelas atenções e gentilezas que nos dispensaram durante a nossa permanência ali, com especialidade ao prefeito Pio Soares Canedo, de quem recebemos as provas mais inequívocas de apreço pela imprensa e pelos seus representantes.

A. M.



"Chevrolet", Indubrasil. Campeão da Raça na 3.^a Exposição de Muriaé. 1.^o Prêmio na 3.^a Exposição Nordestina de Pernambuco.

Propriedade de Irmãos Coleço

INDÚSTRIAS REUNIDAS MIRACEMA

Fazenda Santa Rosa

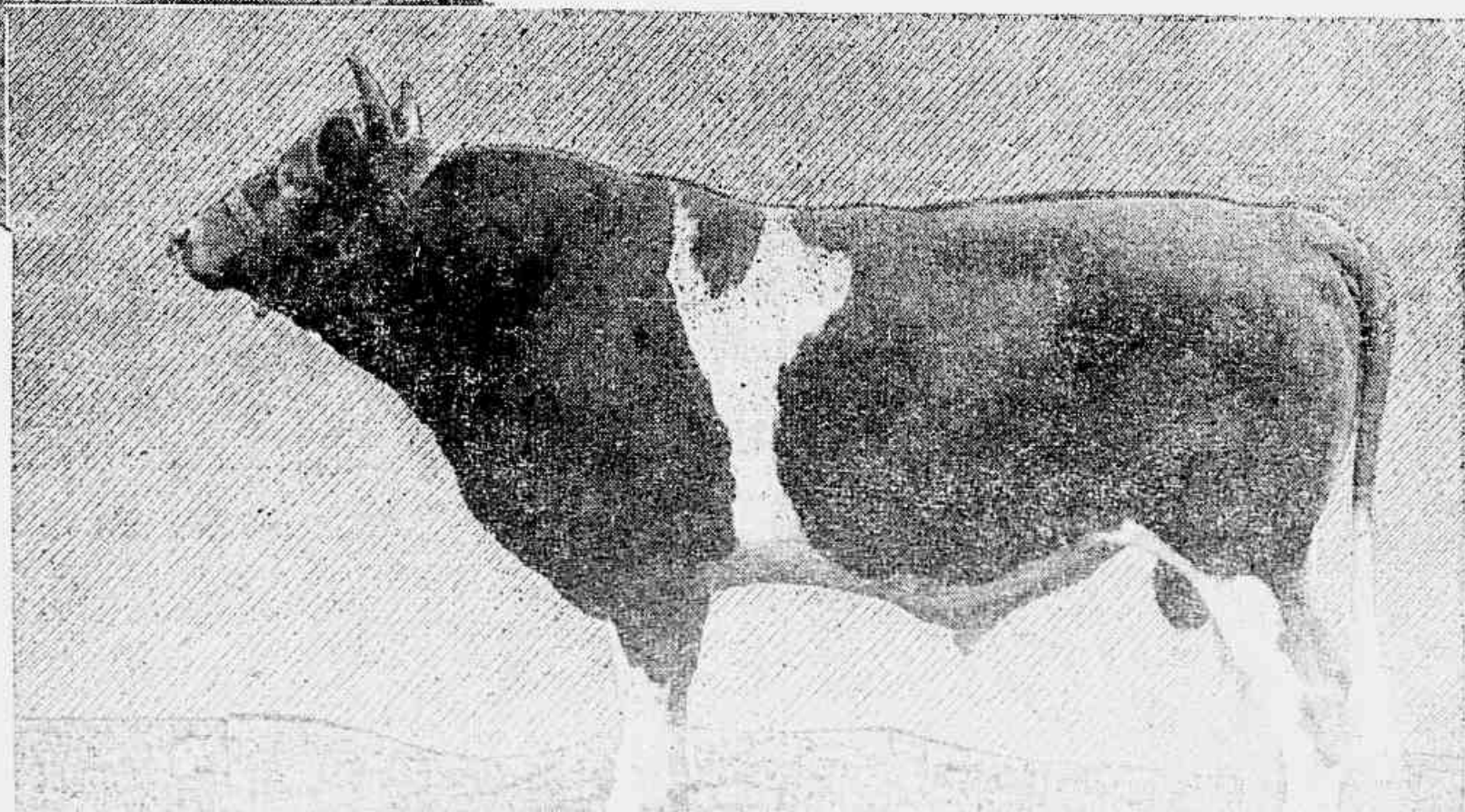
MIRACEMA

ESTADO DO RIO

"Abaiba-Gury", Guernsey, 3½ anos. Puro por cruz. Campeão da Raça na 3.^a Exposição de Muriaé. Registrado na Associação Brasileira de Criadores de Gado Guernsey.

FAZENDA ABAIBA S. A.

Vila Abaiba E. F. L. Minas Gerais



No município de Itaperuna, a 300 metros de altitude, tradicional fazenda cafeeira transformou-se no maravilhoso Retiro Nova Grécia, já agora famoso pelo seu clima saluberrimo e pelas suas riquissimas fontes minerais Soledade e Nova Grécia. Milhares de veranistas, que anualmente acorrem a essa estância, têm atestado o valor terapêutico e a ação milagrosa dessas águas na cura radical das doenças do estômago, fígado, rins e intestinos. Riquissimas em bicarbonato, cálcio e magnésio, as águas do Retiro Nova Grécia, hoje apreciadas em todo o Brasil, têm realizado verdadeiros prodígios, e, comprovando a afluência cada vez maior dos que as procuram, obrigou a direção do Retiro Nova Grécia a ampliar em muito suas acomodações.

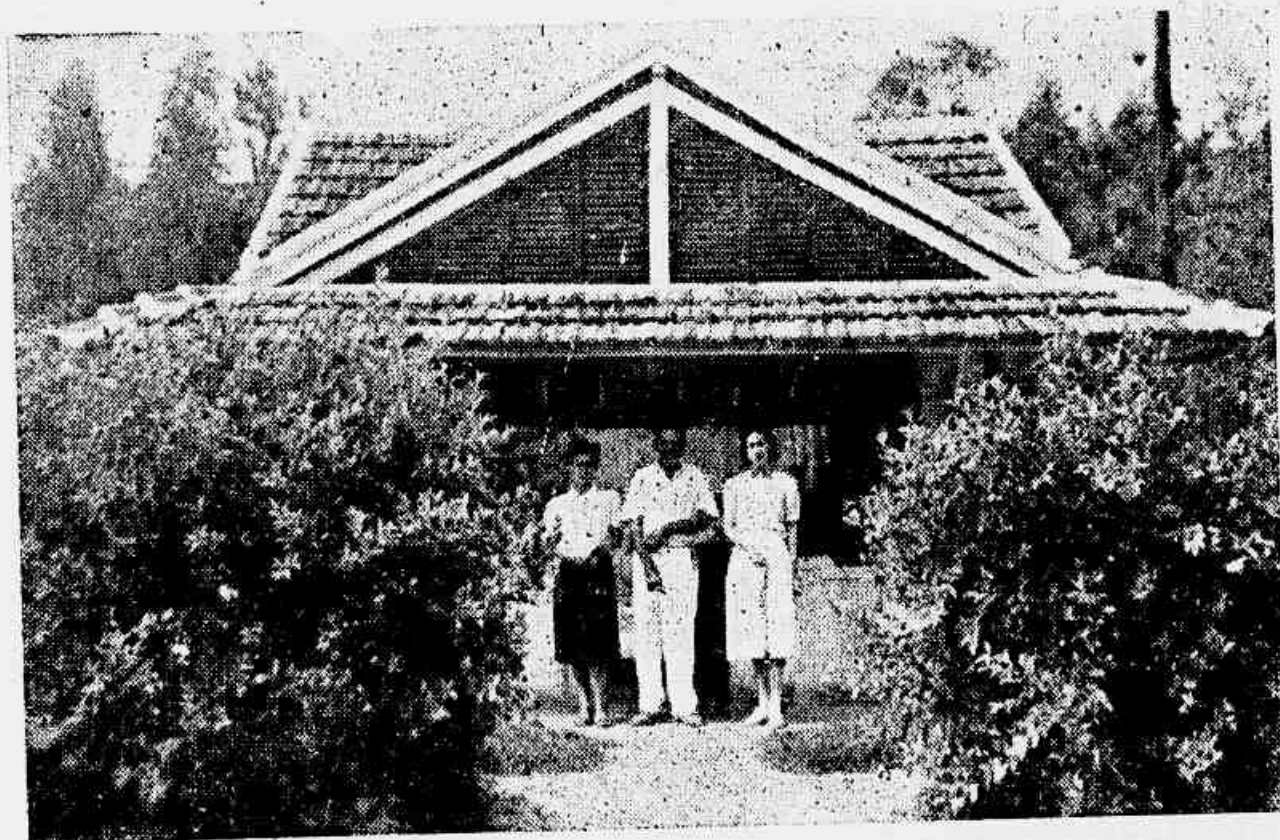
Situado num recanto maravilhoso circundado de espessa vegetação, com mimosos jardins e grandes bosques, onde se desfruta uma temperatura amena, permanente e invariável, o Hotel Nova Grécia oferece ao veranista, em tôdas as estações do ano, momentos propícios a uma temporada de cura e recreio. Prédio de construção recente, seu estilo colonial se adapta maravilhosamente ao meio ambiente, tornando Nova Grécia um recanto cheio de poesia e romance. Com instalações confortáveis, varandas enormes, quartos espaçosos e caprichosamente mobilados, salões para jogos, bilhares, "snookers", ping-pongs e belíssimo salão para danças, suas temporadas reúnem uma frequência de escol, o que tem tornado Nova Grécia um dos pontos de veraneio mais conceituados do País.



CONFORTÁVEL ESTAÇÃO HIDRO-CLIMÁTICA PARA REPOUSO, RECREIO E CURA, SURGIDA COMO POR ENCANTO NAS MONTANHAS SAUDÁVEIS DO NORTE FLUMINENSE

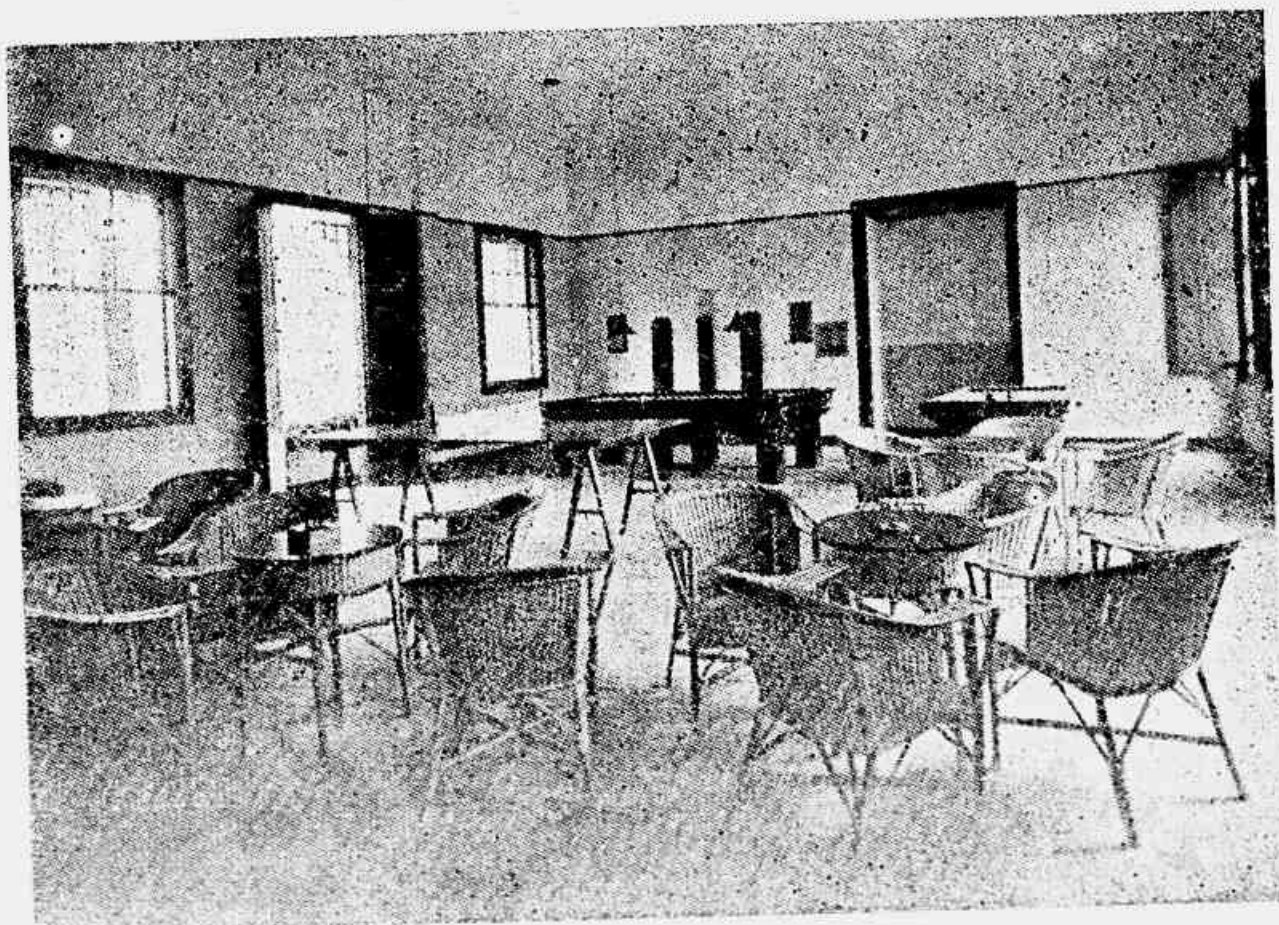
Seu grande pátio interno, aproveitado pelos veranistas para passeios, é uma das suas atrações, com seus jardins e árvores floridas que fazem do mesmo um local pitoresco e aprazível.

O soberbo lago natural, encravado entre verdejantes florestas, é uma das coisas mais belas que se pode conceber, oferecendo aos veranistas magnífico local



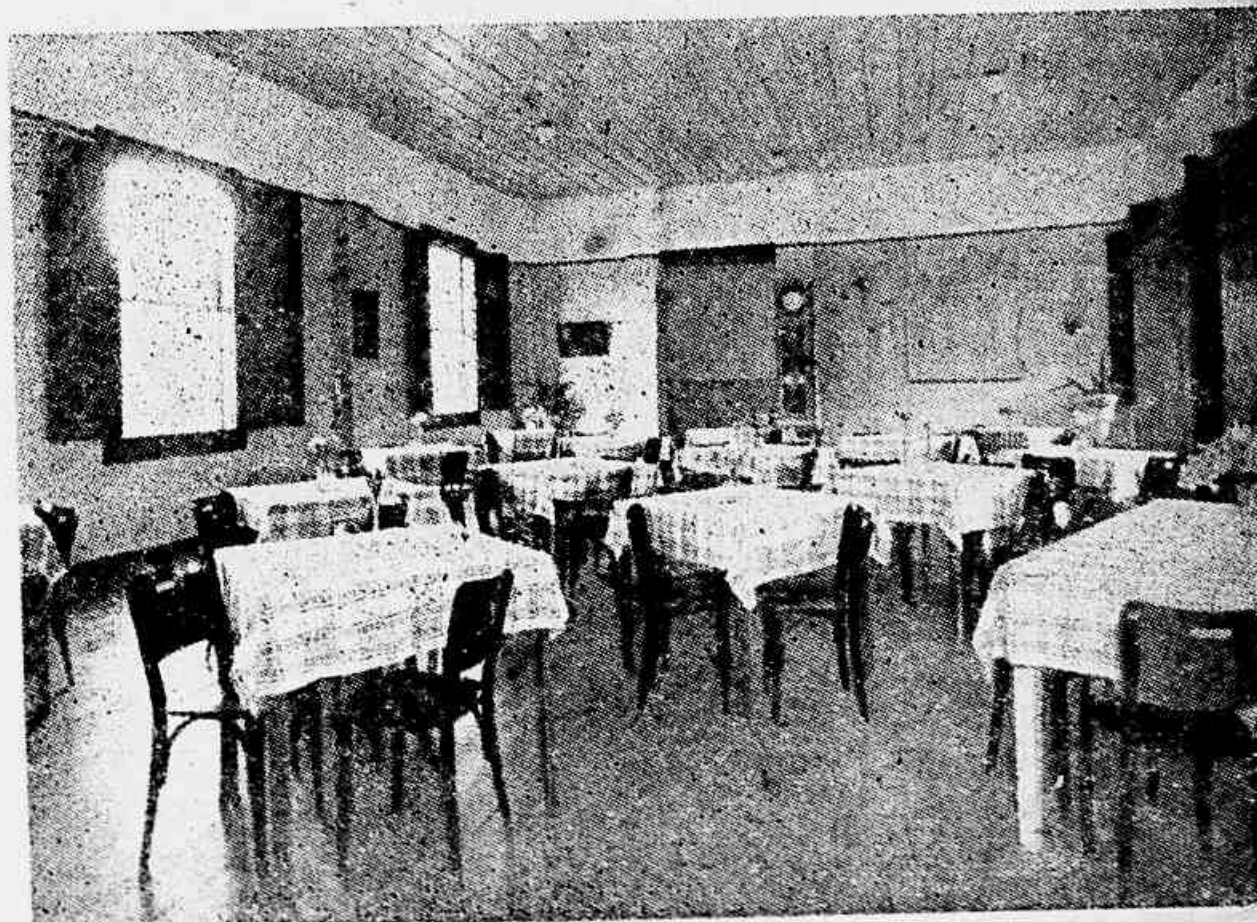
Fonte Nova Grécia, um dos mananciais da estância, que fornecem a preciosa água aos veranistas do esplêndido Retiro.

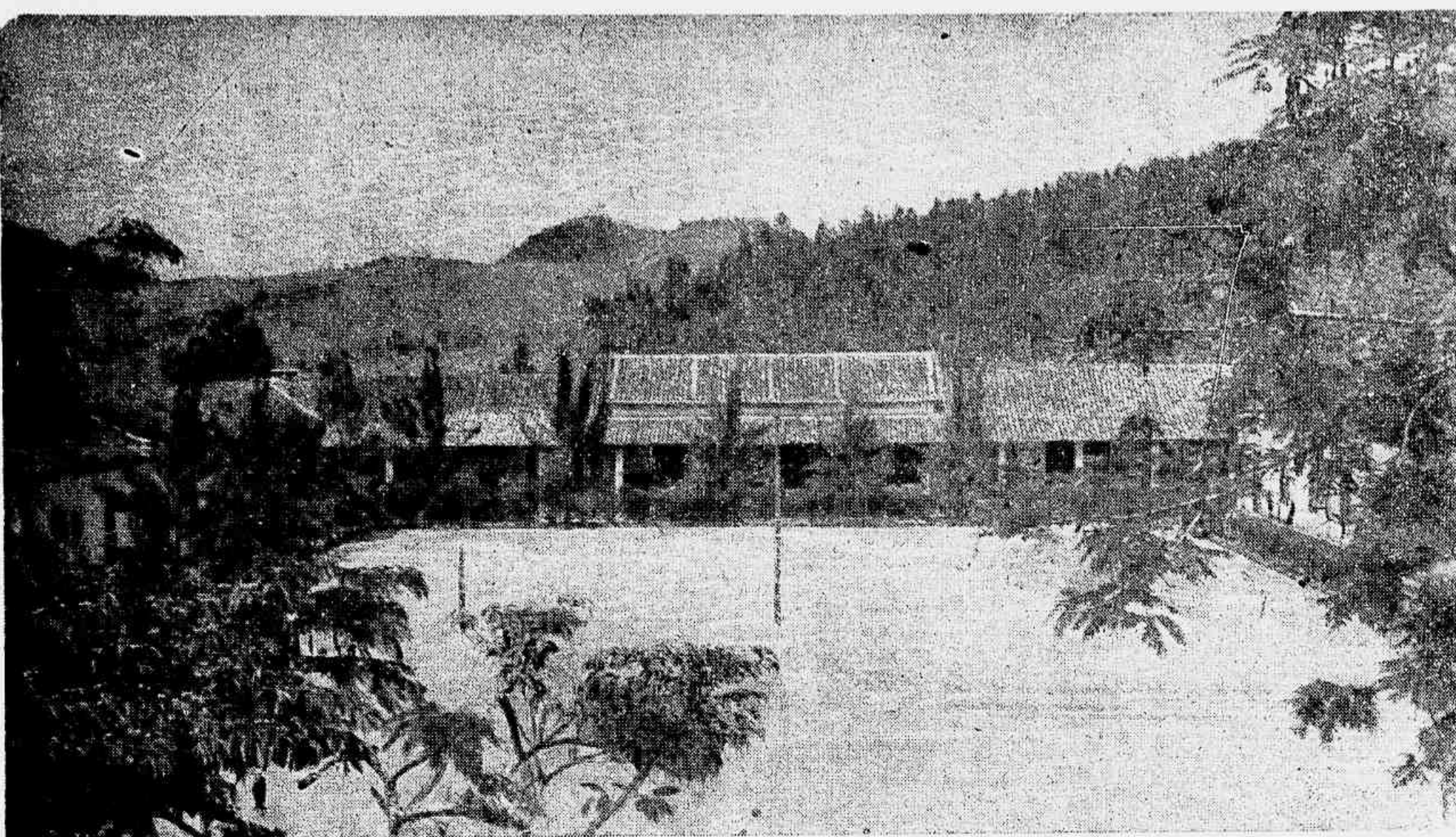
O salão recreativo do Hotel Nova Grécia, instalado com diversos jogos e passatempos para o deleite dos seus hóspedes.



Veranistas reúnem-se em torno da Fonte Soledade, outro manancial do Retiro Nova Grécia, de grandes virtudes curativas.

Sóbrio conforto, assento, ordem são características do Hotel Nova Grécia. Aqui vemos o amplo salão de refeições do Hotel.





Pátio interno do Hotel Nova Grécia, onde os hóspedes encontram amplo terraço ensolarado para pequenos passeios.

Senhoritas da sociedade de Muriaé em companhia do sr. Balbino França, proprietário do Retiro Nova Grécia. Estão em excursão à famosa estância hidro-mineral.

Veranistas de Niterói passeando de barco no magnífico lago do Hotel, piscina natural que se presta para natação e remo, toda circundada de luxuriante vegetação.



para a prática de natação ou remo, dispondo para isso de modernos barcos. Possuindo charretes, cavalos e bicicletas à disposição dos hóspedes, estes poderão se deleitar visitando os bucólicos recantos do Retiro Nova Grécia. As matas seculares, férteis em caças, dão esplêndidas oportunidades aos que apreciam este gênero de esporte. A alimentação faria o sadia, preparada em sua quase totalidade com os produtos da granja Nova Grécia, que dispõe de instalações obedecendo a todos os requisitos técnicos, como apiário, pocilga, estábulo, hortas e pomares, é uma das maiores recomendações que se pode fazer ao Hotel Nova Grécia.

Nova Grécia é, pois, a estância hidroclimática indicada para os que necessitam de descanso físico e repouso espiritual, readquirindo assim as energias gastas pelo dinamismo a que a vida moderna obriga o homem.

★

Estação de desembarque — Patrocínio do Muriaé, Estado de Minas Gerais, Estrada de Ferro Leopoldina.

O Hotel fica a quinze minutos da estação, à qual está ligado por ótima estrada de rodagem.

Agências de Informações — Rio de Janeiro: Belas Artes Salão, avenida Almirante Barroso n.º 15 — Sr. Natal.

Niterói: Ótica Fluminense, rua da Conceição n.º 36.

Vitória: Hotel Tabajara, com o sr. Hamilton Guimarães.

Onde está Helena ?

(Continuação da pag. 19)

chave e disse "até logo" bem decidida. Você está perdendo seu tempo, soldado.

— Mas...

— Não adianta.

— Mas você não compreende. Eu preciso falar com Helena para me despedir, para dizer a ela... Eu parto hoje à meia noite para a Europa.

— Bem, nesse caso...

— Há algum meio de descobrir onde ela está?

— Bem, haver há, mas custa dinheiro.

Por um momento ele pensou que teria que dar a ela cinco dólares, como fizera com o porteiro, mas depois, olhando-a bem, sorriu:

— Recebi ontem...

— Bem, se você quer gastar, espere um pouco.

Minutos depois ela voltava vestida para sair.

— Chame um taxi, soldado.

— Aonde vamos?

— Procurar Helena.

— Tem alguma pista?

— Pista? Soldado, você é muito ingênuo. Helena deve estar passeando com algum camarada seu. Vamos procurá-la num casino.

— Quantos casinos há nesta cidade?

— Uns dez... Isto é, entre os que Helena frequenta.

— Ela costuma ir a casinos?

— Onde é que você queria que ela fôsse com os soldados?

— Fui com ela uma vez, mas ela me disse que nunca tinha ido lá, que só por curiosidade queria... Ei, espere aí, você quer dizer que...

— Eu não quero dizer nada.

E voltando-se para o "chauffeur" de um carro que estava parado à esquina ela disse:

— Matie's.

E fez o rapaz entrar.

— Estamos com sorte. Olhe Helena!

Antes não tivesse chamado a atenção para Helena. A moça estava bem no meio do salão, dançando um vertiginoso "swing" com um

oficial. Evidentemente, a ausência de Alan não a entristecia.

— Está dançando com um superior seu... — disse a môça.

— Vamos embora daqui.

— Espere, soldado. Isso não quer dizer nada. Helena é uma môça direita. Ela veio com um rapaz, para dançar. Que tem isso de mais?

— Mostra que não é meu gênero. Vamos embora.

Na hora da despedida ele disse:

— Bem, obrigado por tudo.

— Foi melhor assim, hein, soldado?

— É. Antes isso do que só saber depois...

— Você não está com raiva de mim?

— Não. Por que haveria de ter raiva de você?

— Quer me deixar seu nome? Você vai precisar de uma madrinha de guerra.

Ele escreveu no caderninho dela. Depois, com um sorriso, despediu-se:

— O seu eu já tenho. E' o mesmo de Helena. Adeus, pequena. Na volta vamos ver isso...

Ela esqueceu de perguntar-lhe o que ele queria dizer com "isso". E ele esqueceu de perguntar o nome dela.

STANDARD
CRB 115

FEDERAL
CRB 165

INCA
CRB 285

ANEL ZODIAICO

Registrado e garantido por lei. A Oitava Maravilha. Um presente inesquecível. Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês do Nascimento. Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo de Ouro com Platina. Mande medida do dedo, o dia e mês do nascimento, pagando no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio pelo Reembolso Postal. Peça catálogos. Fábrica de Jóias "Azteca" — Rua Regente Feijó n.º 18, Rio de Janeiro.

AMERICA
CRB 150

CAPITAL
CRB 265

BRASIL
CRB 300

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742

Máquinas de escrever e acessórios

OFICINA COMPLETA

RUA SENHOR DOS PAISIOS, 31 — 1.º LAR

SAMBISTA BRAISLEIRA NA RADIO BELGRANO

★

CONTRATADA PELA
EMISSORA ARGENTINA,
SEGUIU ANDYARA PEIXO-
TO PARA BUENOS AIRES

Escreveu MAURICIO MENDES



Andyara Peixoto é uma sambista diferente, que atuou ultimamente com sucesso digno de nota nos casinos, teatros e rádio-emissoras nacionais. E' jovem e atraente. Mas não são só os seus dotes físicos que lhe têm possibilitado uma carreira vitoriosa: é sua voz, de cálidos acentos e de fascínio diferente, melodiosa e vibrante a um tempo, a razão principal das palmas com que é recebida sempre que seu nome se anuncia. Os argentinos, sempre tão interessados por tudo que se refere à arte popular brasileira, que apreciam como manifestação de arte singular e vigorosa, não perdem oportunidade de conhecer os nossos mais categorizados intérpretes. Com Andyara Peixoto, agora, mais uma vez nossos amáveis vizinhos demonstraram o seu desejo de melhor nos conhecer por intermédio de nossas manifestações artísticas típicas. Contratada pela Radio Belgrano, Andyara seguiu para a capital portenha. A sambista patricia esteve em nossa redação para despedir-se. Que tenha boa sorte, Andyara, e que repla os sucessos logrados em nossos palcos e casinos.



Aspecto apanhado durante a assinatura do empréstimo, vendo-se os srs. general Mendonça Lima, ministro da Viação, tenente-coronel Napoleão de Alencastro Guimarães, diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil, e Antunes Maciel, diretor da Caixa Econômica Federal.

As grandes iniciativas da Estrada de Ferro Central do Brasil, no ramal de São Paulo

A eletrificação dos subúrbios de São Paulo e o novo traçado

Conforme foi amplamente divulgado, foi assinado no dia 13 de setembro p. findo, na capital bandeirante, o contrato de empréstimo, pela Caixa Econômica Federal, da avultada quantia de 100 milhões de cruzeros à Estrada de Ferro Central do Brasil, destinada à eletrificação dos trens de subúrbios da Estação do Norte à de Mogi das Cruzes, no Estado de São Paulo. Essa cerimônia foi prestigiada pela presença de altas autoridades e de elementos representativos de diversas ferrovias. O ministro da Viação, general Mendonça Lima, e o diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil, tenente-coronel Napoleão de Alencastro Guimarães, estiveram em São Paulo, especialmente para esse fim.

Abordado pela reportagem, o dr. José Caetano Rodrigues Horta Junior, chefe da Linha da Estrada de Ferro Central do Brasil, concedeu a seguinte entrevista sobre o novo traçado do Ramal de São Paulo:

— "No sentido, não só de reduzir as despesas do custeio, como, e principalmente, de melhorar as condições de transporte, vem a Central do Brasil, sob a administração do tenente-coronel Napoleão de Alencastro Guimarães e com o apoio e o estímulo do Presidente Vargas, executando uma série de obras entre as quais avulta o novo traçado do ramal de São Paulo. O atual traçado, de condições positivamente precárias, com curvas de 184 metros de raio e rampas que vão a 2,2%, está sendo modificado em condições de raio de 600 metros e com rampas de apenas 5 mm. Para o novo traçado do ramal, o volume de escavação é da ordem de 21 milhões de metros cúbicos. Faremos executar nas diversas variantes 32 novas pontes, com o comprimento total de 1.133 metros, 44 pontilhões, 550 bueiros e 12 túneis. De todos esses trabalhos, a Central tem já 70% executado.

"Devo frisar — prossegue o dr. Horta Junior — que a principal e a que mais de perto diz com o desenvolvimento da Capital de São Paulo, será a variante do Paratê, que esperamos concluir em fins do ano próximo. Essa variante, partindo de S. José dos Campos, no km 398, vai atingir a estação de Manuel Felo, no km 474, isto é, próximo de Itaquaquecetuba. É a mais longa e importante de todas as obras executadas até hoje pela Central. Estudada, em 1925, pelo professor Sampaio Correia, tal era o vulto do empreendimento que só 20 anos depois foi possível sua execução. O volume de terraplenagem é de 13 milhões de metros cúbicos, estando já executados 11.500.000m.3. Compreende, ainda, 2 grandes pontes sobre os rios Paraíba e Tietê, um túnel de 500 metros no divisor de águas dos referidos rios, e 10 estações que, como ontem disse o diretor da Central, receberão os nomes de heróicos expedicionários paulistas mortos nos campos de luta da Europa na cumprimento do dever.

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

As características técnicas do novo traçado, comparadas com as da linha em tráfego, são:

ESPECIFICAÇÕES	Linha atual	Projeto novo
Comprimento real da linha	86.055,50 m	74.811,00 m
Encurtamento real do projeto	—	11.245,50 m
Comprimento virtual da linha	212.672,00 m	124.742,00 m
Encurtamento virtual	—	87.930,00 m
Rampa máxima	20 m/m por mil	5 m/m por mil
Raio de curvatura mínimo	160,00 m	786,57 m
Velocidade máxima permitida	54 km por hora	120 km/h
Comprimento tangencial mínimo entre curvas reversas	—	160,00 m
Capacidade de tração das locomotivas Mikado (P3) ..	480 ton	1.732 ton
Capacidade de tração das locomotivas Consolidation (L5) ..	380 ton	1.732 ton
Capacidade de tráfego	56 trens	114 trens
Tempo de percurso — trem rápido	1 h 47 m	0 h 42 m
Tempo de percurso — trem carga	5 h 20 m	1 h 15 m
Consumo de carvão anual	30.599 ton	7.369 ton
Consumo de óleo	54.871 k	15.622 k
Economia de carvão anual	—	24.284 ton
Economia de óleo anual	—	51.823 k

E o dr. Horta Junior, terminando:

"Tais são as modificações que a Central vai efetuar para o aumento do intercâmbio entre as duas maiores cidades do país por ela servidas, condições que assumem maior relevo atendendo-se ao desenvolvimento dos transportes e ao aumento de tráfego que vão proporcionar entre as mesmas, e atendendo-se, ainda, a que temos porver e incrementar todo o vale do Paratê, onde o novo traçado se desenvolve muito próximo à Central paulista, era uma até então desprovida de quaisquer meios de transporte."



Como V.S. se protege contra a PIORRÉIA?

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas!

Sendo descuidada, a piorrêia se transforma numa enfermidade repulsiva. A inflamação e o encolhimento das gengivas e o afrouxamento dos dentes, que às vezes devem ser extraídos embora estejam inteiramente sãos, desfiguram a boca. Esteja em guarda contra os primeiros indícios da piorrêia. Não se descuide nunca das gengivas sensíveis e que sangram!

E também não se descuide das precauções necessárias, como o uso diário do dentífrico FORHAN'S — feito especialmente para a limpeza dos dentes e a massagem nas gengivas. FORHAN'S para as GENGIVAS é o único dentífrico que contém o adstringente especial anti-piorrético do Dr. Forhan. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de piorrêia apresentaram notável melhora no fim de apenas um mês de uso do dentífrico FORHAN'S.

Visite seu dentista com frequência. E comece a usar o dentífrico FORHAN'S.

Escove os dentes com

Forhan's



R. J. Forhan D.D.S.

Não espere sofrer de piorrêia para usar Forhan's — use Forhan's e evite a piorrêia.

SP6

Cliente Desconhecido

Continuação da pág. 22

pedira-se da desconhecida às oito horas, pouco depois de terminado o jantar. Ela logo se levantara, e ele, muito experimentado naquele gênero de aventuras, viu imediatamente que não era boa política insistir antes de conhecer bem a pessoa com quem estava lidando. Estava terminada sua pequena diversão. Ele tomara o endereço dela. Talvez mais tarde, passado o caso, ele a procurasse. Mas naque-

le momento precisava concentrar toda sua atenção em Lady Alice.

— Mr. Mortimer está esperando pelo senhor — anunciou a secretária assim que avistou Lyster.

— Mande-o entrar.

Empurrando a porta que dava para seu escritório particular, Lyster sentou-se à mesa e esperou Mortimer.

— Bom dia, Mortimer. Como vai passando?

— Mais ou menos, doutor.

— Mortimer, francamente, este caso não está me agradando.

— Por que motivo, doutor?

— Bem, eu tenho minhas suspeitas de que se trata, não de

cobrança, mas de extorsão. Ou, para ser mais preciso, acredito que estamos diante de um caso de chantage.

— Doutor!

— Não se exalte, meu amigo, é inútil exaltar-se. Nós falamos da cobrança de uma dívida. Lady Alice, por outro lado, não hesitou em qualificar o nosso

procedimento de vergonhoso. Creio mesmo que em sua curta carta ela falou em roubo. Temo que você não tenha usado de franqueza, Mortimer.

— Escute, mr. Lyster, eu gosto das coisas claras. Vamos pôr as cartas na mesa de uma vez por todas, está certo? O senhor

(Continua na pág. 51)

HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS

Pilulas de Herva de Bicho

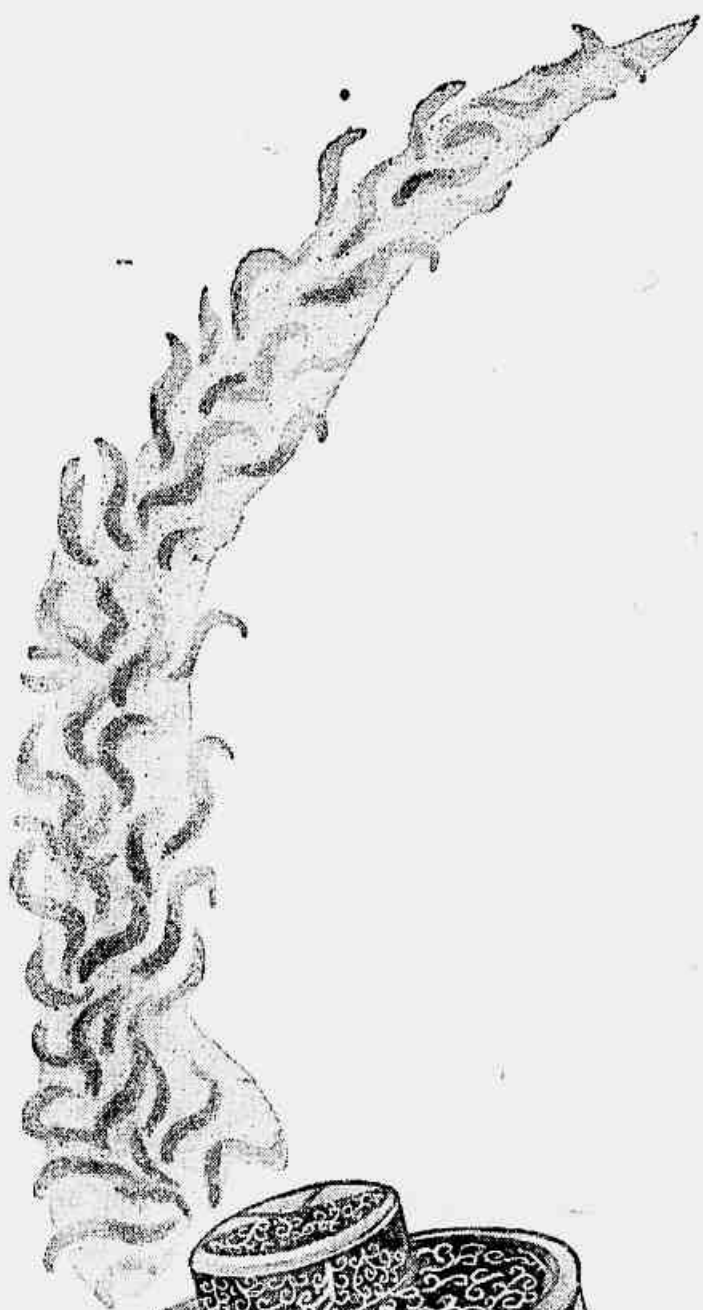
compostas impostas

LIC. 3.518

14-3-925-D.N.S.P.

DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use AURIS-SEDINA

PARA O SEU BEBÉ!



TALCO

Lady

- ★ REFRESCANTE
- ★ BÓRICO
- ★ PERFUMADO

À VENDA EM TODO O BRASIL

OS comprimidos DE



Pirralina
GRANADO

LIVRAM DE QUALQUER DOR

TARQUINO

CALOS

Dedos Doloridos Pelos Sapatos Apertados

Remédio Científico que Age Instantaneamente.

Remove os Calos com Rapidez.



Use Zino-pads do Dr. Scholl e obterá pronto alívio para os sofrimentos causados pelos seus calos ou feridas entre os dedos. É maravilhosa a rapidez com que os Zino-pads neutralizam a pressão dolorosa exercida sobre o ponto sensível. Leves, macios, delgados, protetores, esses "pads" evitam a formação de calos, pontos sensíveis, bolhas e calcanhares ardidos. Os Zino-pads do Dr. Scholl facilitam o uso de sapatos novos ou apertados. Com o remédio, você obterá também os Discos Medicados para a rápida remoção dos calos. Os Zino-pads Dr. Scholl custam uma ninharia. À venda em toda as farmácias e drogarias ou nas Lojas Dr. Scholl. Procure-os hoje mesmo!

Exames e conselhos grátis sobre todos os males dos pés. Pedicuros científicos sempre à disposição.

Lojas Dr. Scholl

PARA O CONFORTO DOS PÉS
RUA S. JOSÉ, 114 - RIO
RUA DO AROUCHE, 75 - S. PAULO



Proteja seu filho contra as afecções do couro cabeludo. Após o banho, fricção-lhe a cabeça com **Tônico Oriental**. Ele ficará imune à ação de germes nocivos e terá cabelos fortes e belos para o resto da vida.

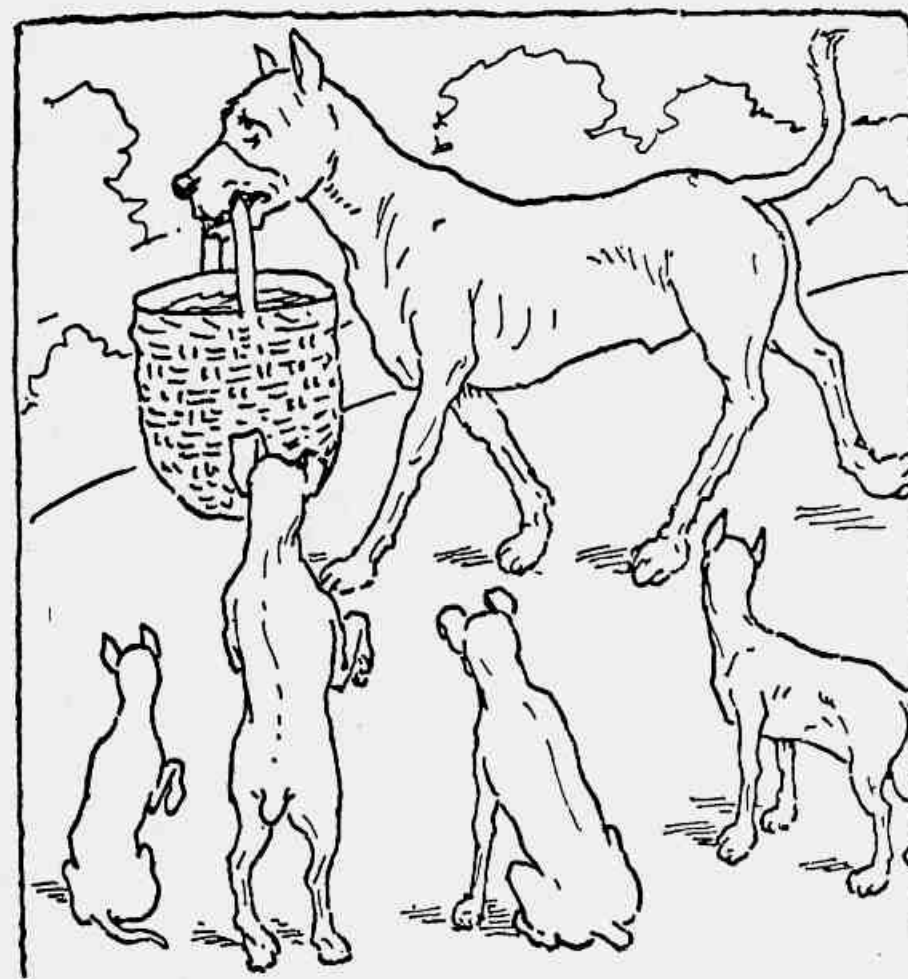
Tônico ORIENTAL

TO-1

O "DENTE" CANINO



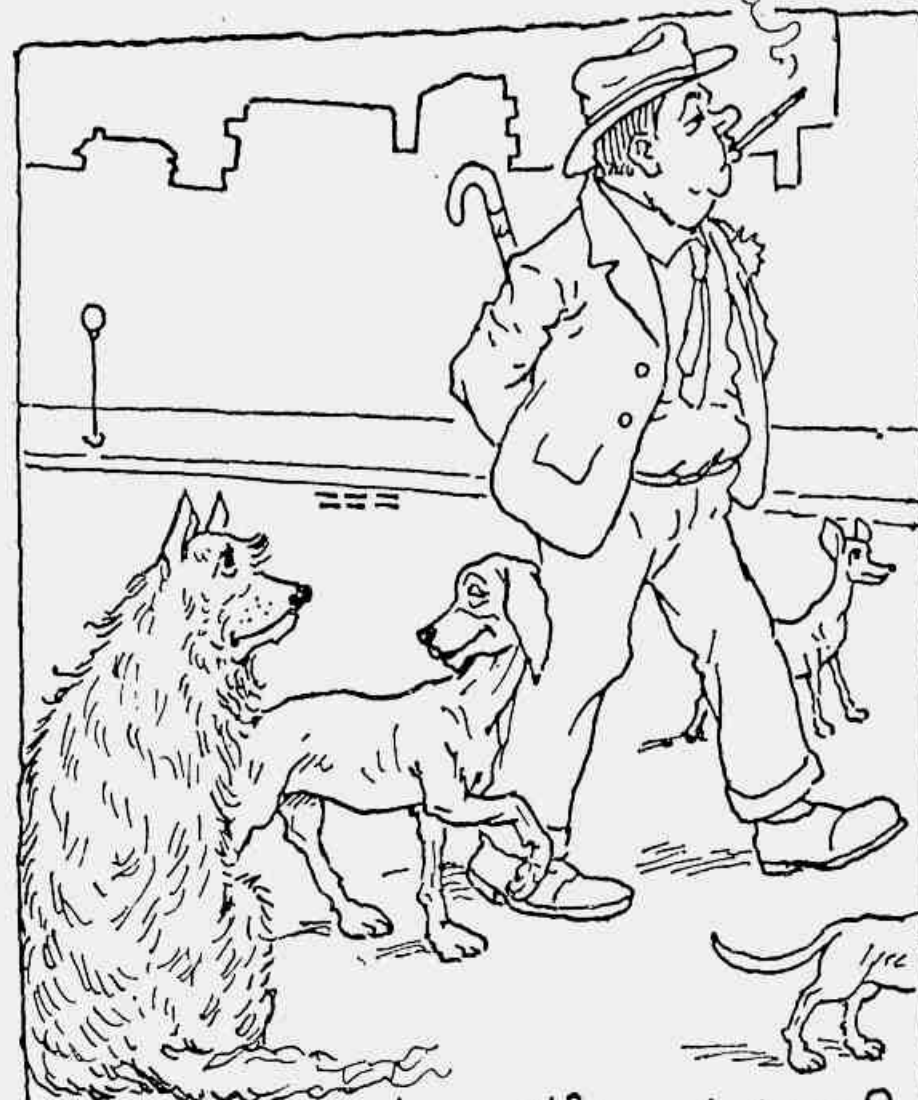
- Até o lixo está condicionado!...



- Este está com cara de cambio negro.



- Não adere ao nosso sindicato?
- Não. Sou negócio da China.
- Então é' pekin...ino...



- Estão grelando a piléira de osso?



- Coitado! Está com a greve da fome...



- Precisamos de dissídio coletivo...
- Muito bem. E deve ser contra este aumento desordenado...

Feliz descoberta

ANTISARDINA

creme miraculoso

LABORATORIO
ANTISARDINA

Caixa Postal, 80
CURITIBA - PARANÁ



Senhores:

Em signal de gratidão pelos benefícios que obtive com o uso de ANTISARDINA, — o creme miraculoso para o tratamento da pele, unico que produz os efeitos que anuncia; ofereço-vos uma fotografia em homenagem a ANTISARDINA que é a mais feliz descoberta para o embelezamento da cutis.

Respeitosos cumprimentos

(a.) Ivopete Jacyra Nascimento
(Firma reconhecida)

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

Sorrindo um sorriso mais juvenil e menos melancólico, Nanette Parkers, também mais juvenilmente vestida, aqui nos aparece num traje inteiramente branco, confeccionado em finíssima laise bordada. Um pequenino ramalhete de alvos crisântemos lhe acentua a graça do decote em taça. E nos braços a singeleza de uns lacinhos em veludo negro como que sublinham a simplicidade desta "toilette" da "estrelinha" da Columbia.



PREFIRA
AGUA DE COLONIA LEGÍTIMA
MARCA
RION
UMA COLONIA CLÁSSICA



AGUA DE LAVANDA
RION

TIPO PERFEITO DE
OLD ENGLISH LAVANDER

DIABETE -- OBESIDADE -- MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO.

DIABETE e PRISÃO DE VENTRE

Aparêlho Digestivo e Nutrição (regimes), Glândulas de secreção interna

METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL

CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro
Consultório: Edifício Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 16 hs.

Cliente Desconhecido

(Continuação da pág. 47)

mandou-me chamar. Eis um fato incontestável.

— Diz muito bem: um fato incontestável. Por outro lado, é um fato que não pode ser provado, asseguro-lhe. Mas prossigamos.

— Vim aqui e o senhor me falou numas cartas que acreditava estarem em meu poder.

— Tinha razão.

— Sim. E eu dei-lhe estas cartas.

— Não o nego.

— O senhor então falou em obter de Lady Alice uma soma elevada.

— Precisamente.

— Quem, nesse caso, andou fazendo chantage?

Lyster sorriu:

— Permite que conte o caso segundo a minha versão, que é a única que pode ser provada por documentos?

— Diga.

— O senhor veio ao meu escritório. Primeiro fato incontestável. Quem o chamou não interessa, nem o senhor pode fornecer a mínima prova de que fui eu. De acordo com minhas instruções, o senhor declarou à minha secretária que era um no-

vo cliente que desejava ver-me. Temos, portanto, confirmação do que eu digo e direi. O senhor veio ao meu escritório, mas não a meu chamado. Segundo fato importante: o senhor me confiou umas cartas que eu não me dei ao trabalho de ler. Lacradas como estavam, eu as guardei no meu cofre-forte. Estava persuadido, em minha boa fé,



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 48 - 5.º. Rio

Nome

Rua

Cidade

Estado

R S

que se tratava de documentos de alto valor: ações, por exemplo, que Lady Alice lhe entre-

gara como garantia de uma dívida que contraíra. Ora, assim (Continua na pág. 55)

CUTIS

CANSADA

e sem viço



As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traícoiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME

RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo



P. Ferraz

- ★ Água de Colônia
- ★ Brilhantina
- ★ Extrato
- ★ Loção
- ★ Óleo perfumado
- ★ Pó de Arroz
- ★ Sabonete



Obra prima da perfumaria!

A VENDA EM TODO O BRASIL



Apresente sua melhor face...

A natureza não faz nenhuma face tão bonita que Yardley não possa torná-la ainda mais linda. E do modo mais sutil possível, pois, a beleza mais admirada é a que parece natural. Assim, acontece que muitas, muitas mulheres consideradas naturalmente formosas devem mais do que um pouco aos produtos de beleza Yardley.

Yardley

de Londres



**UMA DOSE
DE
ALEGRIA**

Não passe pela vida sem viver! Use as "Píulas de Reuter" para o fígado e tudo lhe parecerá mais agradável. Compostas de ingredientes vegetais puríssimos, são inofensivas e normalizam as funções do aparelho digestivo.

PÍULAS de Reuter

1-A

PARA O FÍGADO

PR-1

O maior amigo da DENTADURA POSTIÇA

Eis aqui uma forma agradável de evitar as contra-índicações provocadas por uma dentadura postíça frouxa. **FIXODENT**, um novo pó para polvilhar a dentadura postíça, torna-a mais firme na boca, proporcionando maior comodidade. Não deixa sensação pegajosa. É *lealino* (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postíça". Perfuma o hálito. Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

01-B

**ROUGE LÍQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA**
De Mme. Campos
**DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARÁVEL**
A VENDA EM TODA A PARTE

Tecido azul marinho; estamparia multicôr, onde predomina o azul claro. Este vestido, apresentado por Gloria Grahame, da Metro, tem um talho elegantíssimo em gênero "princesa". Chapéu em renda no mesmo tom do vestido.

CASPA! CABELOS BRANCOS!

use **LOÇÃO XAMBÚ**

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM A SUA COR NATURAL ELIMINA A CASPA. ÊXITO GARANTIDO



O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LÓRGNONS

Joaalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

R. CARIOCA N.º 28

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.

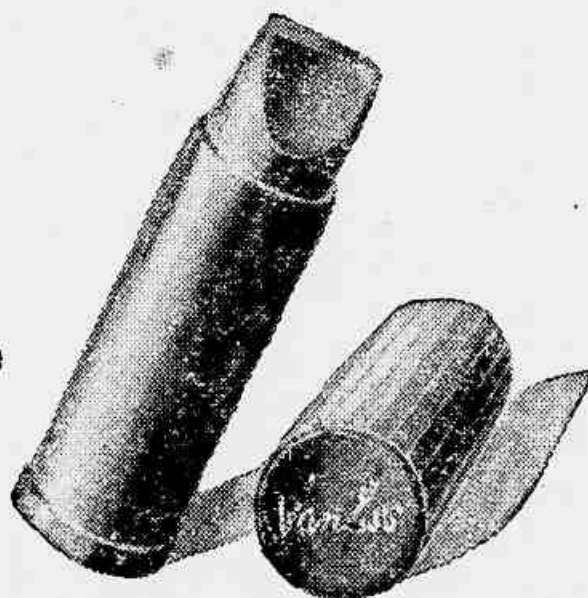


*Para convidar ao beijo
daquele a quem se ama
e para que o beijo seja eter-
namente recordado...*

Tonalidades de última moda em uma base exclusiva de "creme veludo" que suaviza, protege e embeleza os lábios.

Baton para os lábios

Van Ess



a famosa marca americana!

criação ao mesmo tempo da arte e da ciência!

★ Use também o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS, que tornarão irresistível a sua cutis.

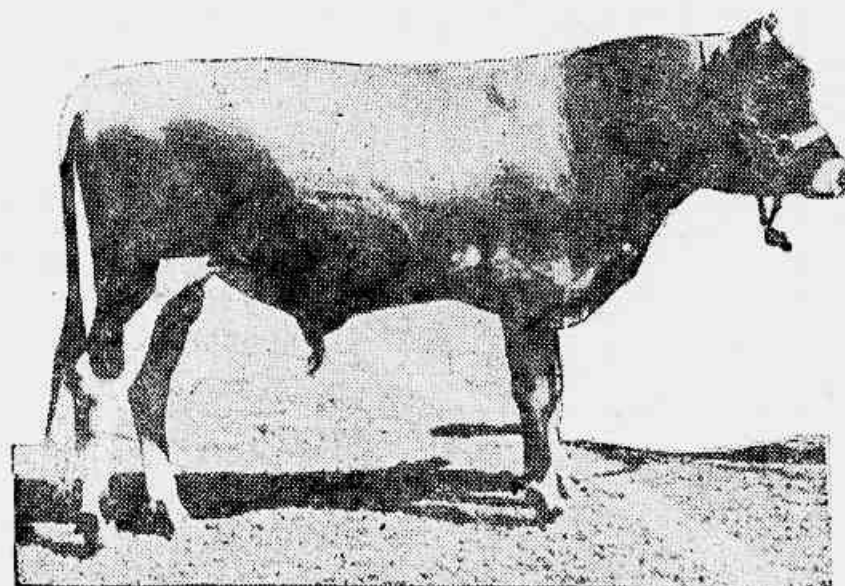
ASCLEPIADES, JULGADOR DE CONTOS...

(Continuação da pág. 30)

lua, das estrêlas... Bobagem. Mas a verdade é que o céu aparecia sempre com aquelas manchas róxas e aquêles vermelhos escorridos..."

— Lêste?
— Ainda faltam duas páginas...
— E que tal, até onde lêste?
— Não me pareceu mau. Nota-se-lhe essa tendência moderna, agradável, que foge rigidez empolada com que certos escritores...
— E isso te agrada?
— Agrada, como não? Essa simplicidade, essa...
— Podes, então, ficar com êle, para ler até o fim. Peço-te desculpas, mas tenho pressa. Até logo.
— E o concurso?
— Que concurso? O conto é meu. Tenho outras cópias...
— Mas...
— Qual mas, meu caro! Estou colhendo impressões sobre os meus contos. Já tenho algumas. Vou reuni-los em livro!
E mergulhou na multidão.
Não me lembro se fiquei boquiaberto. Lembro-me bem, no entanto, que êle deixou, na mesa, uma prata de dois cruzeiros para pagar os cafezinhos...

"A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA E INDUSTRIAL DE CARANGOLA"



Na 6.ª página da reportagem sob o título acima (pág. 55 da Revista), publicada em nossa edição de 22 de setembro p. l., figurou o touro "Joly de Jacarepaguá", da Granja Sta. Emilia, propriedade do sr. João Belo de Oliveira Filho, Carangola, Minas, como sendo da raça Schwytz, quando realmente é da raça JERSEY. "Joly de Jacarepaguá", cuja fotografia reproduzimos acima, classificou-se Reservado Campeão da raça JERSEY naquela Exposição.

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA QUINAMIDINA

bem que desejo ter a minha família. Mas só encontro no meu caminho gente ruim como a Ritoca.

(Buzina de automóvel)

ANDRÉ — Deve ser o carro. Até à volta, Justino.

JUSTINO — Até à volta. Felicidades, hein! Quando as pequenas tocarem o telefone, que é que eu digo?

ANDRÉ — Diga que eu fui ver a minha noiva. Diga que eu fui me casar.

(Música)

LUIZ — Bom dia, Heloisa!

REGINA — Oh! Que susto! Nem o ouvi chegar. Passou bem a noite, Luiz?

LUIZ — Relativamente bem. Mas você bem sabe que eu não terei sossego enquanto não sentir que você está na minha vida e para sempre. Eu tenho um medo tão grande de perdê-la, Heloisa! Você é tão misteriosa. Agora mesmo, quando cheguei você estava lendo uma carta e escondeu-a de mim. De quem era essa carta, Heloisa?

REGINA (perturbada) — Era... era a carta de uma amiga. E eu não posso andar exibindo segredos alheios.

LUIZ — Você não compreende que me tortura? Você não acha que eu poderia ter ciúmes de todo esse mistério?

REGINA — Acho sim, Luiz. E até me parece estranho que você não os tenha...

LUIZ (risonho) — Eu não tenho ciúmes, Heloisa, porque sei um pouco mais da sua vida do que você imagina.

REGINA — Que é que você sabe da minha vida?

LUIZ — Heloisa. Eu vou lhe confessar uma coisa: certa vez fui a S. Vicente, para indagar a seu respeito. Soube que você morava na colônia de pescadores, e fui até lá.

REGINA (assustada) — Você fez isto, Luiz? E que soube você?

LUIZ — Aquela boa gente é muito sua amiga e muito discreta!... Mas eu consegui saber que você sempre habitou naquela colônia, que você é viúva e tem uma filha, para a qual foi sempre uma esplêndida mãezinha.

REGINA (aliviada) — Ah! Sim! E' a verdade. Eu tenho uma filha. Já está umô moga. E eu ainda não lhe falara em minha filha para não parecer muita velha aos seus olhos!

LUIZ — Que tolice, Heloisa! A sua idade não me importa. Eu sei que você tem uma alma nova como tudo o que é eterno. E você sabe que tudo o que é eterno é sempre novo e sempre belo, porque na eternidade o tempo não existe. A idade é um preconceito. Se a gente ignorasse a própria idade, talvez não envelhecesse. A velhice é uma sugestão!

REGINA — Que teoria consoladora! Principalmente para as mulheres!...

LUIZ — Mas... deixemos de gracejos. Vamos falar a sério. Quando fixaremos a nossa data?

REGINA — Amanhã ou depois estará aqui a pessoa incumbida de lhe dar a definição do problema que tanto o preocupa. E aí então, nada mais nos poderá separar!

LUIZ — Que venha então essa criatura milagrosa. Eu estou ansioso pela sua chegada. Eu até já tenho amizade a essa criatura mesmo sem a conhecer.

REGINA — Imagine depois! Como você vai gostar dela, Luiz!

(Música)

CRIADO — Mas então o dr. André saiu como um doido para S. Vicente? Qual! Aquêlê menino sempre foi tão esquisito. Eu me lembro bem quando ia levar coisas para êle que o doutor mandava, com que cara êle me recebia! Olhava para tudo com um pouco caso que eu até ficava sem jeito.

GERALDO — Pois é isso! No entanto, agora, só por causa de uma namorada, o rapaz largou os seus negócios ao Deus dará e, sem mais nem menos, bateu para São Paulo num verdadeiro "frenesi".

CRIADO — Pelo que o doutor acabou de contar, o menino gosta da filha daquela senhora, não é?

GERALDO — E' isto mesmo. Quando êle esteve há pouco tempo fazendo aquela temporada em Santos, conheceu a moga! Hum! Estou percebendo tudo! Eu li para êle a tal carta do Luiz, falando em uma moga que se chamava Casa Branca! Com certeza êle pensou que era a sua namorada! Mas... então... ela deve ser a filha da tal viúva... Ora! Esta vida tem cada uma! Quer dizer que eu, sem querer, andei fazendo ciúmes ao meu filho? Oh! Meu Deus! Ainda um vez eu fiz o meu filho sofrer!

CRIADO — Que coisa tão complicada! Antigamente tudo era mais simples, não era, doutor?

GERALDO — Tudo foi sempre igual, meu velho João! A vida, no que se refere aos sentimentos, não muda jamais! O progresso, os inventos podem avançar à vontade, tudo pode mudar, tudo pode evoluir, mas o coração será sempre o mesmo!

(Campainha do telefone)

CRIADO (atendendo) — Sim, senhora! E' aqui mesmo. Está. Pode ligar, minha senhora. (Para Geraldo) Doutor. E' de S. Paulo.

GERALDO — Com certeza é o Luiz. (Atendendo) Alô! Sim. E' êle mesmo. Alô! Olá! Como vamos? Sim? Otimamente? Bravos! Muito bem! O que? Resolveu o caso dos documentos? Esplêndido! Mas... você não vem já? Ah! A senhora Casa Branca!... Eu tenho uma operação amanhã. Dentro de dois dias? Está bem, eu vou fazer o possível. Sim, prometo que irei assim que for possível. Está bem. Obrigado. Até Breve. Felicidades, Luiz! (Desliga).

CRIADO — O doutor Luiz não vem agora?

GERALDO — Não. Êle quer, à viva força, que eu vá a São Paulo. Vou fazer-lhe a vontade. João: prepare as minhas roupas. Eu embarco depois de amanhã.

(Música)

(Ruido de automóvel na estrada)

ANDRÉ — O carro parece que não está andando bem. Que tem êste carro, José?

JOSÉ — O carro não tem nada, dr. André. Êle está correndo tão bem.

ANDRÉ — Correndo? Não acho. Eu tenho até a impressão de que êle está caminhando tão esquisito!

JOSÉ — Esquisito? Um carro desta qualidade? O senhor está é com pressa de mais, "seu" doutor.

ALZIRA — Eu também não era má naquele tempo. Mas não sabia ser bondosa. Porque até para ser boa é preciso que a gente saiba ser. Eu era boa mas era orgulhosa, e fiz da minha virtude um veneno que envenenou a vida de mais alguém.

(Música)

ANDRÉ — Bom dia, Justino.

JUSTINO — Já de pé a esta hora? Que é qñe houve para você acordar tão cedo? Aonde vai?

ANDRÉ — Vou ver meu pai. Êle me pediu que fôsse bem cedo à sua casa, para me falar de assunto muito sério.

JUSTINO — Que será? Quem sabe se não pediram você em casamento?

ANDRÉ — Ora, deixe de bobagens.

JUSTINO — Bobagem, não. As mulheres agora é que tomam as iniciativas. Eu não me espantava se a filha daquele ricoço da Tijuca tivesse falado a seu pai. Ela é tão moderna...

ANDRÉ — Eu não estou para graças, Justino. Eu não estou disposto.

JUSTINO — Hum... a tal Luizinha Casa Branca botou você de mau humor para o resto da vida... a gente nem pode mais brincar... uma casa onde moram dois rapazes solteiros parece agora a casa de dois velhos solteirões. Isto já está ficando pau.

ANDRÉ — Desculpe, Justino. Eu reconheço que ando bem desagradável. Aliás, eu sempre fui um recalado. Você já devia estar habituado aos meus acessos de melancolia.

JUSTINO — Mas, companheiro, você não acha que melancolia é uma palavra bonita de mais p'ra você confundir com rabugice e má-creação? Melancolia dá assim uma idéia de alguma coisa muito mansa, de alguma coisa que bota a gente calado e pensativo.

ANDRÉ — Pois então? Em criança eu não era assim? E não era você que procurava sempre me alegrar?

JUSTINO — Mas isso era em criança. Agora você está um bicho bravo como que.

ANDRÉ — Desculpe, Justino. Desculpe, mas isto é o resultado da minha própria vida. Primeiro, foi a minha infância solitária. Criado pela mão de estranhos, sem carinho, abandonado e sempre saudosos de meu pai. E você sabe que êle raramente me visitava. Depois, com a compreensão, veio o desencanto. Quando percebi que meu pai se envergonhava de mim. E mais tarde veio a piedade de minha mãe. Pobre mãe, que eu não conheci. Devia ter sido uma outra vítima dos preconceitos a que meu pai sempre viveu amarrado. Tudo isso fez de mim um grande amargurado.

JUSTINO — Bem. Você nunca foi um rapaz alegre, mas agora... Puxa! Você parece um velho rabugento.

ANDRÉ — E' que a Luizinha completou a obra. Eu tinha encontrado nela um motivo de alegria, um estímulo, uma promessa de felicidade. E até ela me decepcionou. Depois de tudo isso, que mais espero eu? Acreditar em alguém? Em alguma coisa mais? Depois de me ter iludido com aquela carinha de anjo? Não, Justino. Eu tenho a impressão que a minha vida não tem mais conserto. Quem não crê é como quem não vive. Eu agora sou um morto ambulante, Justino.

JUSTINO — Cruz, credô! Que idade, André! Você bem sabe que eu tenho um medo danado de almas do outro mundo. Não me diga isso outra vez, hein. Você bem se lembra que desde pequeno eu sempre respeitei êsse negócio de defunto. Não me diga isso outra vez que eu dou o fora também.

ANDRÉ — Era só o que faltava, Justino. Até você, o meu companheiro de infância, me abandonar.

JUSTINO — Eu estava brincando, seubôbo. Isto foi p'ra botar um pouquinho de graça nessa conversa, que está um bocado pau. Você sabe que eu sou camarada até debaixo d'água.

(Campainha de porta)

ANDRÉ — Vá ver quem é...

(Passos e porta abre e fecha)

JUSTINO — André... venha ver quem está aí. Venha ver...

(Encerramento)

CAPÍTULO XXIX

LOCUTOR — Ficou tudo esclarecido sobre a morte de Walter. Levy confessou o seu crime, que foi praticado exclusivamente pelo ciúme que o devorava. Desaparece assim o primeiro problema que impedia o esclarecimento das vidas de Luiz e Regina. Suzete fica com remorsos por ter sido ela a causadora daquela tragédia. Agora Levy pagará caro o preço da sua paixão. Josefa recebe uma carta de Regina, que pede para que ela conte à tia Alzira toda a verdade do seu passado. Tia Alzira, ao tomar conhecimento da verdadeira vida de Regina, diz que ela também tem um grande pecado do qual não encontra meios de se reair. E o capítulo terminou quando André e Justino conversavam sobre os caprichos do destino. Bateu à porta e...

ANDRÉ — Era só o que faltava, Justino. Até você, o meu companheiro de infância, me abandonar!

JUSTINO — Eu estava brincando, bôbo. Isto foi p'ra botar um pouquinho de graça nessa conversa, que está um bocado pau. Você sabe que eu sou camarada até debaixo d'água.

(Campainha da porta)

ANDRÉ — Vá ver quem é.

(Passos; porta que abre e fecha)

JUSTINO — André! Venha ver quem está aí. Venha ver!... O dr. Geraldo!

ANDRÉ — Mande-o entrar, Justino. (Passos).

GERALDO — Não era preciso, André. Seria absurdo que eu viesse fazer cerimônia em sua casa. E' verdade que eu nunca o visitei. Talvez por isso é que o Justino tenha ficado tão espantado.

ANDRÉ — O Justino ficou afobado porque eu lhe havia dito que ia à sua casa, e como ficamos de conversa mais tempo do que era de esperar e eu me demorei...

JUSTINO (atalhando) — Pois é. Eu achei que o André com certeza tinha feito o doutor esperar... Ele disse que tinha de estar cedo em sua casa...

GERALDO — Não foi por causa da sua demora que eu vim até aqui. Pedi-lhe que fosse bem cedo à minha casa porque tinha uma operação logo cedo no hospital. Mas a operação foi adiada. De maneira que me lembrei de passar por aqui. Assim fica melhor. Sou eu quem precisa conversar com você: foi eu quem veio à sua casa. Sou eu quem lhe quer fazer um pedido; sou eu quem se dirige a você.

ANDRÉ — Mas eu iria ao seu encontro, mesmo se tratando de uma necessidade sua, e com o maior prazer.

JUSTINO — Com certeza, dr. Geraldo. Eu tenho que sair.

GERALDO — Até breve, Justino.

JUSTINO — Até breve, doutor.

(Passos: porta que abre e fecha)

ANDRÉ — Estou às suas ordens. Que deseja de mim?

GERALDO — André. O assunto é o mais delicado possível. Eu tenho adiado esse entendimento por covardia, talvez por acanhamento, mas a vida vai avançando, o tempo vai-se esgotando e eu não quero morrer com este peso no meu coração. Para isto, porém, será preciso que também você se resolva a me falar de alma para alma, com a máxima lealdade, com o coração à mostra. Você será capaz de me falar assim?

ANDRÉ — Já disse que estou inteiramente à sua disposição...

GERALDO — Pois bem. Trata-se do seguinte: eu sinto que você, desde menino, foi sempre orgulhoso e fechado para comigo, que não me deu jamais o afeto que eu gostaria de merecer. E isto me tem causado muita mágoa, talvez até um grande sofrimento! A sua frieza me dói como uma justa e merecida acusação. Eu reconheço que fui culpado. E agora, que estou ficando velho e cada vez mais só...

ANDRÉ (atalhando) — Não se acuse nem se humilhe. Por favor! Eu o admiro de mais para suportar a sua humilhação. Prefiro eu mesmo acusá-lo, ou melhor, eu prefiro lhe contar tudo o que se passou e tudo o que se passa em mim.

GERALDO — Então fale você.

ANDRÉ — Meu pai! No meu tempo de menino, quando entregue àquela família, vivendo naquele ambiente estranho, suas visitas eram a minha única alegria. Eu as esperava com uma ansiedade que o senhor nem pode calcular. E com que desgosto eu o via partir! Como eu me sentia isolado depois de cada visita sua, e como me parecia injusto o ter que ficar tão sem carinho quando tinha o meu pai. Meu coração de criança padecia de maneira atroz, e o meu cérebro infantil não encontrava uma explicação para aquela injustiça! Mais tarde o senhor me levou para viajar. Oh! A felicidade daquela viagem! Despertar todos os dias ao lado de meu pai, que era como um deus para mim! No entanto, quando me parecia que aquilo ia ser uma felicidade definitiva, me senti atirado nos corredores de um internato, de novo só e sem família!

GERALDO — Meu pobre filho!

ANDRÉ — O tempo foi passando. O meu entendimento se esclareceu; eu fui compreendendo e fui me revoltando. Às vezes pensava em minha mãe. Imaginava a humilhação de toda a sua vida! E confesso que muitas vezes até rancor eu cheguei a sentir! Depois me formei, compreendi que o senhor, apesar de tudo, era meu amigo; mas não pude esquecer até hoje a solidão da minha infância e a revolta da minha meninice!

GERALDO — Eu sabia de tudo isto, André! Sua atitude, sempre altaneira e fria para comigo, me fazia entender tudo isto. Mas eu queria ouvir de você as suas queixas, para lhe pedir perdão!

ANDRÉ — Oh! Meu Pai! Eu não admito...

GERALDO (atalhando) — O fato de sermos os pais não impede que também sejamos culpados. Um pai não é e nem deve ser um tirano. Ao contrário, os pais têm até um dever maior para com seus filhos, do que os filhos para com os pais. De maneira que eu reconheço que errei e fui injusto para com você. (Outro tom) Então eu não vi que você jamais se utilizou do meu sobrenome e usa apenas o sobrenome de sua mãe? E no entanto o meu sobrenome lhe pertence...

ANDRÉ — Sim, eu sei que fui legitimado e muito lhe agradeço. Mas não é nos livros de um cartório que um sentimento se fortalece. Os negócios do coração registram-se na lembrança e na gratidão! Eu lhe sou grato. Mas há certas coisas que a gente custa a esquecer!

GERALDO — Pois é justamente o que eu lhe peço. Que você esqueça, que seja meu amigo. Eu preciso tanto de seu afeto, eu preciso tanto de você!...

ANDRÉ — Eu também estou atravessando uma fase em que preciso de sentir a sua estima. Eu procurarei apagar o passado. Eu lhe prometo, meu pai.

GERALDO — Obrigado, André! Eu fui um escravo dos preconceitos, mas paguei caro a minha idolatria! Tive uma esposa que me traiu. E castigo maior não pode haver!

ANDRÉ — Ah! Meu pai, eu sei quanto dói uma traição!

GERALDO — Conte-me as suas mágoas, André! Nada aproxima tanto as almas como a troca de confidências. Dois corações que se estimam devem ser como dois rios confluentes.

ANDRÉ — Ora, meu pai! O senhor é um cientista, é um homem profundo, eu não vou lhe tomar o tempo com os meus amores de rapaz.

GERALDO — Não, André. Eu faço questão de saber o motivo dessa tristeza que você agora mesmo me deixou entrever. Vamos! Fale! Eu farei tudo para confortá-lo e até, se for possível, procurarei remediar o seu mal.

ANDRÉ — Acredito que o senhor me conforte. Mas remediar? Ninguém poderia consertar o desastre da minha vida sentimental.

GERALDO — Quem sabe, André? Nesse terreno do sentimento é justamente onde surgem os milagres mais surpreendentes! Você não vê o Luiz? Quem o julgaria capaz de apaixonar-se outra vez? Ele vivia obcecado pela idéia da Regina e, no entanto, de um dia para outro, apaixonou-se de uma tal maneira que já está pensando em refazer a sua vida, e nem se lembra mais da minha pobre irmã! Aliás é justo. A Regina nunca mais apareceu! E eu tenho tantas saudades daquela ingrata. Afinal ela também me abandonou!

ANDRÉ — Mas... Então... O tio Luiz está mesmo apaixonado? E' por aquela moça de S. Vicente que ele lhe falou naquela carta, não é?

GERALDO — Naquela carta? Em todas as cartas. Ele não fala senão na tal viúva, na senhora Casa Branca...

ANDRÉ — Bom. Eu só sei de uma carta. Aquela que o senhor leu para mim. Mas ela não é uma senhorita, uma mocinha?

GERALDO — Não! Ela é viúva. Tem até uma filha moça. Aliás, ela ignora que o Luiz conhece esses detalhes. Mas ele se deu ao trabalho de ir a S. Vicente indagar a vida da moça. Mas foi só o que conseguiu saber: que ela tem uma filha. Os pescadores de S. Vicente, em cuja colônia ela sempre residiu, são muito discretos e nada mais lhe disseram, de maneira que a sua curiosidade de namorado...

ANDRÉ (numa exaltação) — Meu pai! O senhor acaba de fazer um milagre! O senhor acaba de curar a minha tristeza. Oh! Meu pai, me desculpe, mas eu tenho que viajar agora mesmo! Eu preciso ir correndo a S. Vicente! (chamando) Justino! Justino!

GERALDO — Mas... o que é isso, André? Que loucura é esta? Conte-me o que há.

ANDRÉ — Não me pergunte nada. Contento-se em saber que eu estou doido de alegria. (Chamando) Justino! Justino!

JUSTINO — Que é isso? Que gritaria é essa, rapaz?

(Ruido de passos, de porta, de gavetas)

ANDRÉ — Depressa, Justino. Ajude-me a arrumar umas roupas na mala pequena. O senhor também, meu pai. Vá ajeitando estas gravatas. Eu preciso ir correndo. Eu preciso ir agora mesmo a S. Vicente.

(Música)

JUSTINO — Espere, rapaz! Você parece um doido! Imagine só! Mandar o dr. Geraldo arrumar as gravatas!

ANDRÉ — Desculpe, meu pai. Eu não estou raciocinando. Vamos, Justino! Depressa! Eu quero pegar o trem de São Paulo que sai daqui a pouco.

GERALDO — Tenha calma, André! Eu vou completar o milagre. O meu carro está aí. Eu vou sair já para o hospital, pois tenho uma operação dentro em pouco. Chegando lá lhe mandarei o meu carro para levá-lo a S. Vicente.

ANDRÉ — Oh! Meu pai! Muito obrigado! Mas... o carro vai lhe fazer falta!

GERALDO — Direi ao "chauffeur" que deixe você e volte imediatamente. Nesse intervalo eu andarei de "taxi". Mas saiba que estou curiosíssimo com essa história, hein? Volte depressa para me contar tudo direitinho, ouviu?

(Intervalo)

ANDRÉ — Sim, meu pai. Na volta eu lhe contarei tudo. E quem sabe se eu não vou trazer uma filha?

GERALDO — Eu estou vendo que vai haver grandes acontecimentos. Eu estou vendo! Bem. Eu vou para o

hospital. Daqui a pouco lhe mandarei o carro. Felicidades, André!

ANDRÉ — Obrigado, meu pai. Obrigado por tudo. Mas... espere um momentinho. Antes de nos separarmos eu quero lhe devolver uma coisa que lhe roubei.

GERALDO — Você me roubou alguma coisa, André?

ANDRÉ — Sim, meu pai. Uma carta em que o tio Luiz falava na tal moça de S. Vicente. Eu a quis guardar como uma prova e, afinal, foi tudo uma estúpida confusão!

GERALDO — Ah! Sim! Então foi por causa daquela carta que eu li para você? Hum! Agora eu estou entendendo...

ANDRÉ — Está aqui a carta. Desculpe, sim? Eu estava desesperado quando arrombei o seu cofre.

GERALDO — Ora! Não foi uma falta assim tão grande. Em todo caso, eu preferia que você tivesse usado de franqueza comigo. Infelizmente não me posso demorar mais. Está na hora da operação. Até breve. Vá com Deus, André!

ANDRÉ — Até à volta, meu pai! E Deus queira que ela me perdoe.

GERALDO (já de longe) — Perdoa, sim, André. As mulheres quando amam estão sempre dispostas ao perdão.

(Música)

JUSTINO — Pronto! A mala já está feita! Arre! Que aporreação por causa dessa tal Luizinha! Que mocinha p'ra dar trabalho! Case logo de uma vez com ela, companheiro, p'ra ver se assim a gente fica mais sossegado.

ANDRÉ — Eu estou com tanto medo que ela não me perdoe. Que é que você acha, Justino? Será que eu vou conseguir o seu perdão?

JUSTINO — Olhe, André: se ela gosta de você ela perdoa. Você não sabe que quem quer bem não tem vergonha?...

ANDRÉ — Você diz isso porque fez as pazes com a Ritoca, não é?

JUSTINO — E é isso mesmo, companheiro. Se eu tivesse capricho, eu não tinha voltado para aquela malvada. Você não viu o que ela me fez? Mulata ruim!

ANDRÉ — Mas comigo foi diferente...

JUSTINO — Diferente por que? Então você também não foi ruim que nem cobra? Rasgava as cartas da moça e nem tomava conhecimento do que ela dizia!

ANDRÉ — Mas eu fui mau também para mim. Você pensa que eu não sofri?

JUSTINO — Bom. Que você sofreu, sofreu. Sofremos, não é? A dona Luizinha, você e eu. Eu também sofri muito com essa encrenca, "seu" André.

ANDRÉ — Você sofreu? Sim, é natural. Você, sendo meu amigo, tem que tomar parte nos meus dissabores, não é mesmo?

JUSTINO — Mas não foi só por isso não, companheiro.

ANDRÉ — Então por que foi?

JUSTINO — Você pensa que é sopa a gente aguentar um homem apaixonado? Puxa! Você andava só aporreando a gente.

ANDRÉ — Tem razão, Justino. Mas agora as coisas vão mudar, e daqui a alguns anos havemos de ver os seus garotos brincando com os meus.

JUSTINO — Não será por falta de vontade minha. Eu

CIVILIZAÇÃO impõe PROGRESSO

Não é apenas "Malzbier" a cerveja da sua preferência. É "MALZBIER PROGRESSO" a deliciosa e nutritiva cerveja da Antártica. Os povos civilizados aliam à necessidade de nutrição a exigência de um paladar apurado.



UM PRODUTO DA
ANTARCTICA

★ Continuação

Cliente Desconhecido

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 51

sendo, entreguei à minha secretária o envelope lacrado e ordenei que fôsse à minha casa e o colocasse no meu cofre particular, pois lá estaria mais seguro. Em seguida ela escreveu, na ficha que temos sobre o caso: "Apólices concernentes dívida Lady Alice Farrany".

Que pode, portanto, o senhor provar? Se Lady Alice for à polícia poderá levar uma carta mi-

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feito quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutícula.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutícula ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele alva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o

nha, dizendo que um cliente que deseja manter-se no anonimato exige o pagamento de uma dívida que atinge a importância tal. Lady Alice poderá acusar meu cliente de chantagem porque o envelope lacrado não contém apólices, mas cartas roubadas pelo meu distinto cliente, o cliente desconhecido, o senhor! Eu nada tenho a ver com isso. Entendeu agora? Por outro lado, entretanto, o senhor deveria defender os meus interesses, porquanto uma vez que o negócio tenha um fim satisfatório, receberá uma comissão. Em caso contrário, irá para a cadeia. Estamos entendidos?

— O senhor é um miserável!

— E o senhor é um tolo. Deixou-se levar e agora só tem um remédio: seguir as minhas ordens. Os amores de Lady Alice nos darão grandes lucros.



DIAGNÓSTICO PRECOCE DA GRAVIDEZ PELO EXAME DE URINA
Exames de sangue, escarro e fezes. Vacinas autógenas
Laboratório CURVELLO DE OLIVEIRA
Rua São José, 85, 4.º andar Salas 405-406
(Edifício Candelária) — Fone 22-2717

PARA TORNAR-SE

ainda mais bela!

PÓ DE ARROZ - FLÔR DE MAÇÃ

ALLÂNIA

PRODUTOS DE ALTA CLASSE



Mortimer saiu sem dizer mais uma palavra. Ia acabrunhado.

— Não estou gostando muito dêsse caso, miss Crews — confiou Lyster à secretária. Ela arregalou os olhos ingênuos e honestos.

— Não sei, é o meu instinto. Parece-me que meu cliente não usou de toda a franqueza. Em todo caso, um advogado, para trabalhar com proveito, deve estar convencido da inocência de seu cliente; portanto, esqueça-me os meus maus pressentimentos.



Não encontrou modo mais agradável para distrair-se. Telefonaria e perguntaria: "Quer vir jantar comigo novamente?"

— Pois não — disse ela. — Estava pensando: "Será que ele vai me convidar mais uma vez?"

Lyster riu:

— Não tinha a certeza de que eu o faria?

— Quem pode adivinhar o futuro?

— Virá, então, às sete?

— Às sete e meia

— Espero-a ansioso.

— Prepare um bom jantar.

Tudo depende da maneira de tratar, refletiu Lyster. E' preciso ir com cuidado, não avançar muito, nem mostrar-se demasiadamente tímido. Simplesmente aproveitar as oportunidades que surjam. Todas as oportunidades. De certo modo, pensou ele, meus amores se assemelham à minha profissão, ao meu trabalho. Aproveitar todas as oportunidades. Que é que eu faço senão aproveitar as oportunidades? Uma fraqueza, uma entrevista secreta, um amor que não deve ser conhecido pela sociedade, uma dívida desonrosa, uma situação falsa, um crime escondido. Basta a ação de um momento em que o bom senso nos abandona, e eis que tenho as provas do ato em minha mão.

Depois, a guerra de nervos. O medo de ver exposto à curiosidade de todos aquilo que deverá ser mantido em segredo. Um segredo, muitas vezes, de duas pessoas somente. Pagam, pagam para que nada transpareça, e pagam mais, sempre mais, à medida que o pavor aumenta. Alguns aguentam até à ruína; outros se acovardam e procuram um meio de fugir à situação no suicídio. A mim interessa o pa-

CONTINUA NA PÁG. 58

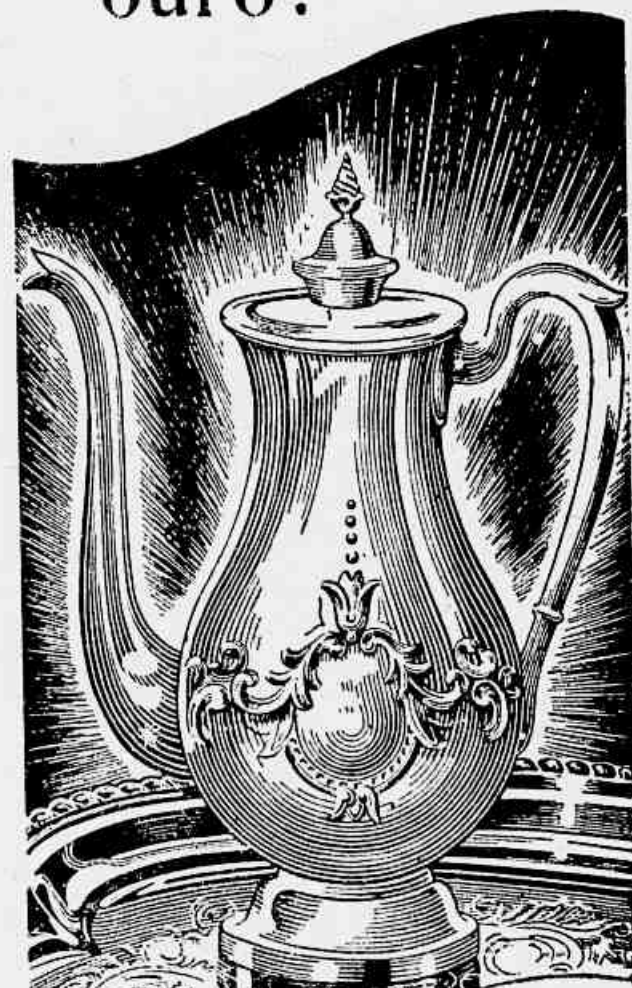
*P*ara limpar

prata...



...Silvo vale

ouro!



Silvo

LÍQUIDO PARA
POLIR PRATARIA

Ao mesmo tempo
LUSTRA e LIMPA
a Prataria!



Desperte a Bilis 'do seu Fígado'

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

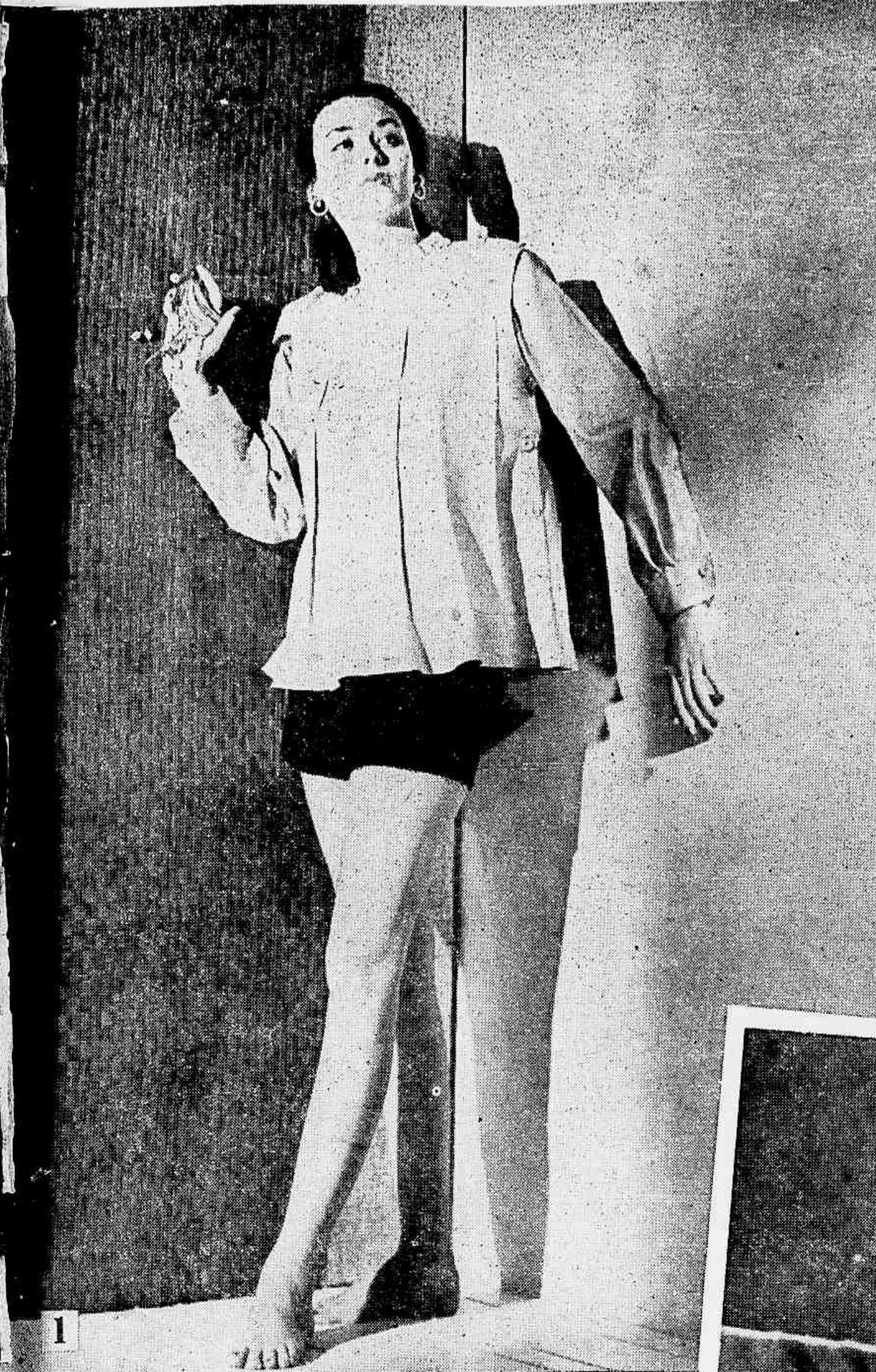
Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00



JOCKEY C L U B MUNDANO

Mais uma brilhante tarde turfística ofereceu o Jockey Club Brasileiro aos frequentadores do Hipódromo da Gávea, no último domingo. Para maior brilhantismo dessa elegante reunião concorreram as belíssimas "toilettes" exibidas pelas graciosas "turiwomen" cariocas, que emprestaram ao "meeting" o aspecto de uma grande parada de beleza.





1



MOTIVOS SUL-AMERICANOS

(New York — Serviço de Informações do Hemisfério) — Durante muitos anos, os desenhistas dos Estados Unidos têm encontrado inspiração para os seus modelos na América do Sul. Nesta temporada, um conhecido desenhista está alcançando grande êxito com os seus modelos inspirados em motivos do Peru e Equador.

Por exemplo, o "cholo", casaco típico daquela zona, foi aproveitado, adaptando-se aos trajes de praia, bem como pode ser usado em casa, com "slacks". Esses casacos são fartos de linhas retas e ombros bem armados. Bordados e côres são aplicados com êxito pelo grande desenhista, quer em trajes de rua, quer em trajes de casa ou de praia. Aliás o Equador e o Peru podem fornecer, neste setor, material deveras interessante, pois são países ricos de colorido e de motivos originais.

Mais uma vez, portanto, serve a América Latina de inspiração aos figurinistas norte-americanos.

- 1 — O "cholo" — Casaco feito em rayon "rosa-Peru".
- 2 — Para a praia, original modelo de linho branco com bordado multicôr na blusa e na saia.
- 3 — O Equador inspirou este modelo. Blusa branca de linho, com gola bordada e "slini" preto.



3

Cliente Desconhecido

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 55

gamento. Depois de tirada a última moeda, poderão viver tranquilos, mas nunca mais, nunca mais enriqueçam, ou recomencerei. Aproveitar tôdas as oportunidades, arrematou Lyster, não há a menor dúvida. E o mundo está cheio de oportunidades inaproveitadas.

— Demorei muito? — perguntou ela ao chegar.

— Nada. Entre.

— Estou desapontada.

— Serei eu o culpado?

— Lógico.

— Qual é o meu crime?

— Seu crime é não estar im-
ciente.

Ele riu.

— Por que isso?

— Oh! E' então menos galante do que eu pensava. Um homem que espera uma mulher deve sempre dar demonstração de impaciência, mesmo que a dama não o interesse.

— Não é êsse o seu caso.

— Está melhorando.

Melhorando, de fato, após o jantar, os vinhos. Despediu as criadas cedo. Ela não falou em partir.

Quando as empregadas vieram anunciar que iam sair, êle voltou-se para ela.

— Assustada?

— Por que?

— Por estar aqui, só comigo...

— Sem a vigilância das criadas...

— Isso mesmo.

— Resta-me a proteção dos vizinhos. Se não me engano há

um bispo à direita e um membro do Parlamento à esquerda.

— E se eu disser que o bispo está viajando, e o membro do Parlamento foi passar o fim de semana no campo?

— Eu começarei então a dar sinais de inquietação.

Essas palavras, entretanto, foram ditas com um sorriso. Êle se aproximou. Ela deixou-se enlaçar.

— Meu Deus!

— Sente-se mal?

Repentinamente, um suor frio começou a correr pelo seu rosto, brotando, abundante, na testa.

— Não sei o que tenho... Tudo está girando... girando...

— Escute agora, então, antes de dormir um longo sono. Eu sou Lady Alice. Vim aqui para obter as cartas. Pus narcótico

na sua comida. Você agora vai dormir enquanto eu tiro as cartas do cofre cuja chave roubei quando me abraçava. Bandido! Queria destruir o meu lar, a minha felicidade, por causa de umas cartas indiscretas! Pois bem: vou queimá-las diante do senhor! E amanhã, quando meu marido entrar na sala, não estremecerei mais de medo. E pode ficar certo de que todos os documentos que eu encontrar no cofre lançarei ao fogo, para que você não possa utilizá-los para torturar pessoas inocentes!...

Antes de cair no torpor em que o narcótico o lançou, êle ainda murmurou:

— Lady Alice!

O mais curioso é que seu tom, longe de ser de ódio, era de admiração.

Não sei qual oferecer aos convidados!

**As duas são tão deliciosas...
e ambas da marca**

"CICA"

Feitas com frutos da melhor qualidade, rigorosamente selecionados, e com todo o rigor da higiene, a Marmelada Branca "Cica" e a Goiabada "Cica" são excelentes sobremesas. Mas a Marmelada Branca "Cica" e a Goiabada "Cica" não são apenas so-

bremesas deliciosas: êsses dois produtos "Cica" constituem, pelo seu alto valor nutritivo, elementos indispensáveis na alimentação, principalmente das crianças. Portanto, tenha-as sempre em casa para a sobremesa e para o lanche da criança.



**COMPANHIA INDUSTRIAL
DE CONSERVAS ALIMENTÍCIAS**

SE A MARCA É "CICA" BONS PRODUTOS INDICA



"Cacique do Pão de Açúcar" concorreu à última Exposição Nacional Canina, promovida pelo Brasil Kenel Club, realizada em 16 de setembro. Foi classificado Ótimo primeiro lugar com medalha de ouro. Ganhou as taças do melhor Arlequin e do melhor Dinamarquês da Exposição. "Cacique" está com a sua proprietária, a menina Elaine de Souza Alves Costa.





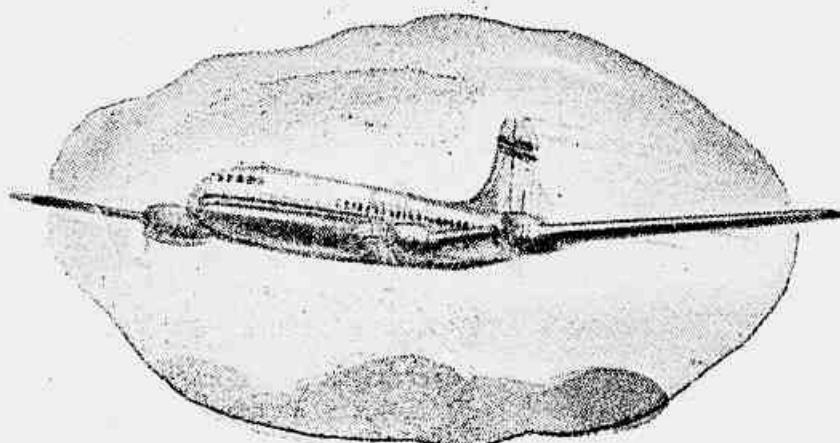
UM NUMERO PARA CADA PALADAR

-ESPECIFIQUE CLIPPER EXPRESS*



"Clipper Express" significa serviço rápido de encomendas aéreas, pelos Clippers da Pan American.

Através das Américas... cargas de toda classe... desde medicamentos até motores aeronáuticos... voam pela Pan American



Foi a experiência no serviço de encomendas internacionais que habilitou o "Clipper Express" a executar tantas e tão delicadas tarefas de transporte aéreo durante a guerra, sem descuidar dos despachos civis. Capitalize em seu favor essa experiência extra.

Se as suas encomendas internacionais exigem transporte rápido, comunique-se com os agentes locais da Pan American World Airways, que terão todo o prazer em demonstrar-lhe como as tarifas e horários do "Clipper Express" concorrem para poupar tempo e dinheiro.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rede dos Clippers